This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

A 859,068

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
1817
LIBRARIES

F. M. BORDALLO
ROMANCES
MARITIMOS

PORTO: 1881 — TYP. DE A. J. DA SILVA TEIXEIRA
62, Cancella Velha, 62

Francisco Maria Bordallo Bordalo

ROMANCES MARITIMOS

III

Eugenio, precedido d'uma carta de Luiz Augusto Rebello da Silva — **Samsão na vingança**: novella.

PORTO
Ernesto Chardron, Editor
—
1881

B728
1880
v.3

EUGENIO

A FRANCISCO MARIA BORDALLO

MEU AMIGO.

Pedes-me algumas linhas ácerca do teu romance maritimo EUGENIO? Desejas estampar um voto humilde, a que a sua brevidade tira ainda esse tal ou qual valor que a tua affeição lhe presta?

Escreverei, para que não me accuses de remisso; mas fica certo de que são paginas escriptas á pressa, dictadas por um exame superficial e não quaes a obra as merecia, e eu as quizera. Sabes se disponho de poucos momentos, e se a critica pede pausa e reflexão.

Não te queixes, pois, do que succeder — « tu o mandaste! » diz um dos heroes de Shakspeare; e sem mais prologos vou entrar no assumpto.

Em um folhetim de agosto de 847, Lopes de Mendonça, *que viu o mar*, cousa que não aconteceu a muitos que tratam d'elle, fallando do teu romance, faz uma observação verdadeira.

A patria, o berço dos grandes navegadores, parece que devia ser a primeira a abrir a carreira da novella maritima. As proezas dos nossos capitães, a magestade das scenas da conquista na Africa e na Asia, e os lances admiraveis pela constancia e fortaleza, que assignalam tantos navegadores e almirantes, como não convidaram ainda a phantasia fecunda de algum Cooper, ou de algum Marryat portuguez?

Infelizmente não appareceram por em quanto senão curtos ensaios, e esta rica e bella provincia da arte moderna ainda não foi visitada. Duarte Pacheco, Nuno da Cunha, Affonso de Albuquerque, D. Francisco de Almeida e outros vultos mais altos e mais poeticos do que os personagens animados pelas creações do author americano, e do novellista inglez, ainda não acharam pintor que os desenhasse na tela do romance maritimo-historico.

Sei que as difficuldades são grandes — mas o exito corresponde. Tu que pisaste a terra consagrada pelas façanhas de nossos maiores e cortaste os tormentosos mares, que os não detiveram, tu pódes dizer se nação alguma possue thesouros iguaes para enriquecer ao mesmo tempo o livro severo da historia ultramarina (ainda por escrever), e os dominios da poesia narrativa, que esperam por um imaginador.

Bem vindo seja, pois, o Eugenio como tentativa, e como promessa. A vida intima do navio, as contradicções do coração e do caracter n'esses homens rudes, que as ondas

alouçam, e que o perigo não fatiga, — e o drama aonde enrelaças os episodios da tempestade e dos recreios navaes — stão em harmonia com o pensamento que domina a acção, assada durante a viagem, e concluida logicamente, pelo ainel melancolico do amor delirante do infeliz Eugenio.

Ha no teu volume paginas que não honram só o talen-o. Official e mancebo, o teu peito descobre-se no horror om que flagellas os castigos aviltadores e barbaros, que umilham o homem, para exaltarem o despotismo.

Ouço clamar que a disciplina cahiria se o chicote e as aras não retalhassem as carnes do marinheiro e do solda-lo! O sophisma é transparente, e por decoro da farda re-eito-o.

Outras nações militares não carecem d'estes espectacu-os atrozes para manterem a obediencia. Quem affronta a ra do oceano, o bramir da procella e o trovão dos comba-es, aonde a derrota não tem retirada — merecia ao menos orrer como um homem, e não acabar debaixo das pran-hadas como um cão!

A alma que se dobrou sob o chicote ou sob a vara tor-ará a levantar-se quando a chamarem em nome da honra da patria para cravar a bandeira no tope dos mastros, ou avolto n'ella o marinheiro depois de aviltado sepultar nas guas a vida com o navio?

As tuas considerações gravam-se por si mesmas no ani-o; e ainda creio que virá o dia em que o preconceito e o bsurdo não hão de prevalecer contra o senso moral e con-

tra a verdadeira educação guerreira. A civilisação a todas as horas desarma abusos e usanças reprovadas.

Queres que te diga? O que louvo mais na contextura do teu romance é a naturalidade com que narras e representas. Os teus personagens vivem, e para attrahirem não é preciso soccorreres-te a acontecimentos extraordinarios, nem a declamações falsas e gastas á força de vulgares.

Os caracteres teem aquella individualidade que aviva as feições dos heroes de Cooper na melhor das suas obras (a meu vêr) O Piloto; movem-se á vontade; e não careces de empregar as machinas de uso commum nos fabulistas estafados para os differençares, e para lhe infundires o que quer que seja, que é a vida e a expressão nos filhos da phantasia.

A comedia da passagem da linha fórma um episodio em si mesmo perfeito, e habilmente aproveitado para trazer a scena do supplicio do *Russo* e para te proporcionar a occasião de expores o triste quadro das suas consequencias, quando o coração da victima é superior á tyrannia do codigo.

O *Russo*, cravando a faca no primeiro que encontra para obter a morte e escapar á infamia da chibata, resume d'um modo dramatico o que seria talvez menos persuasivo demonstrado em largas observações.

Do capitulo VII, em que deduzes da tua experiencia e da nobreza dos teus sentimentos a condemnação do systema de castigos em vigor, já fallei, e não tenho que acrescentar.

Não te devo lisonjear—mas posso exprimir o que sen-
; porque lendo o pequeno volume que intitulaste EUGENIO,
ente-se.

Como obra de arte vejo n'elle um ensaio que promet-
bom exito, querendo tu dedicar os poderes do teu enge-
ho a este genero sem cultura entre nós.

Se não subiste do primeiro passo o ultimo degrau, al-
ançaste elevação sufficiente para não desistires, e para jus-
ficares o elogio sincero.

O estylo parece-me correcto em geral, tem proprieda-
e, e é muitas vezes feliz nas descripções das cousas e das
essoas.

Como romance, o EUGENIO sustenta o interesse e a va-
iedade, e prende a attenção sem a cançar.

Se te houvesse de dar um conselho—e sei que da nos-
a amizade os aceitas sempre—dir-te-hia, que procurasses
er o nosso Cooper.

Ninguem, melhor do que tu, póde descrever o mar e as
cenas grandiosas que elle apresenta na sua infinita mages-
ade. Possues os dotes necessarios para imaginar e descre-
er os dramas sublimes a que servem de theatro o navio,
s tormentas e o oceano.

REBELLO DA SILVA.

I

> A vida do marinheiro é cheia de sensações diversas: agora voga com indolente calma, logo é arrojado desde o mar até ás nuvens — de maneira a fazer vacillar o coração.
>
> COOPER — *O Carrasco de Berne.*

— ONDE vai a prôa?

— Ao sul-quarta de sueste.

Esta simples pergunta e a resposta denunciam ao leitor o lugar da scena e os interlocutores do primeiro quadro d'esta tentativa romantico-maritima. É sobre a tolda d'um navio, indubitavelmente, que o official de quarto e o timoneiro trocaram pela milleima vez aquellas ou semelhantes palavras, quasi as unicas durante tantas horas que se achavam um com outro, que estes dous homens tinham proferido.

— Não póde mais? — continuou o primeiro, tendo observado as velas e o catavento.

— Não póde mais! — tornou o segundo, fazend volver a roda do leme; e concluiu a phrase do e tylo, acrescentando: — Está de *encontro.*

— Nada mais? — proseguiu o official alteando voz e batendo rijamente com o pé sobre o *degra do catavento,* seu posto ordinario.

— Está todo de encontro! — foi a resposta do m rinheiro, com aquella inflexão de voz de quem a l vantou no meio das tormentas; e acabou de faz girar a roda do leme.

As velas do navio faziam como um grave susurr debatendo-se com violencia ao coarem o vento q deixára de enfunal-as; porém a quilha obedecendo ultimo movimento do timão e como que respeita do o gesto carregado do marinheiro, tomou de no o caminho; o pano inchou gradualmente; e o of cial bradou já com accento mais moderado:

— Andar assim.

— Andar assim — repetiu o timoneiro com v rouca, e como se fôra o echo d'uma gruta.

— Aonde vai a prôa?

— Ao sul-meio-sueste.

E fechára-se o circulo da monotona conversaçã d'estes dous homens, que pareciam automatos com dom de arremedarem a voz humana n'aquellas po cas palavras; um, seguro á amurada do navio, out á roda do leme, rociados a miude pelas aguas d oceano, como dous condemnados.

Navegavam entre os tropicos: era uma d'es bellas manhãs tão communs alli; o sol ainda n

ırgira, mas o azul escuro, mesclado de alvacento, ue formava uma larga tarja no oriente, já se torava em azul claro e prata; depois, alteando do hosonte e distendendo-se pelo céo, aquelle manto diahano deixou entrever uma fita de purpura e ouro - precursora do astro do dia.

O official do quarto, aquelle que ouvimos fallar ío prosaicamente com o timoneiro, contemplava com razer este painel matutino, porque tinha elle na alıa seus laivos de poesia, quando assomou na tolda m outro official; o recem-chegado não pareceu cauar-lhe desgosto, porque se apressou a convidal-o ara gozar do mesmo espectaculo.

Este subiu com passo vagaroso o degrau dò caıvento, porém foi com anciedade que exclamou:

—É sublime!

Era o romantismo personificado que acabára de ıllar, um mancebo com idéas de outras eras.

Antes de proseguirmos com a scena, parece-nos onveniente informar o leitor de algumas particulaıidades, pelas quaes já deve estar ancioso, se por entura ha leitor a quem interéssasse o começo d'esa narração.

O navio que na manhã de 24 de junho de 1842 pois é n'esse dia que encetamos esta veridica hisoria) cortava placidamente as aguas do Atlantico nas roximidades do Equador, era a corveta portugueza *ritão;* sahida de Lisboa a 5 de maio do mesmo nno, tocára successivamente nas ilhas da Madeira, 'eneriffe e S. Thiago de Cabo Verde; a sua derrota

era para Loanda; e o seu destino cruzar nos mares da Africa para reprimir o trafico infame da escravatura.

Travemos tambem conhecimento com os dous admiradores da natureza.

O mais velho, aquelle de quem primeiro ouvimos a voz, era um mancebo de vinte e quatro annos, alto, magro, e, senão desairoso, pelo menos negligente no vestir e algum tanto curvado; um pouco claro, faces redondas mas não vivas, grandes olhos castanhos e cabello louro: nos gestos e nas palavras, o mancebo mostrava jovialidade e franqueza... no coração, só Deus é que podia lêr.

O recem-chegado (e indicava ter menos um ou dous annos de idade) era mais baixo do que o primeiro e igualmente magro; tinha a barba toda rapada mas conservava o bigode negro e espesso; o seu andar era pausado, e no rosto tinha estampada a melancolica abstracção, caracteristica das grandes paixões.

Escutemos o que dizem.

Foi o mais velho quem tomou a mão:

— Eugenio, que te parece este alvorecer? Nada mais bello no mundo!

— É verdade... mas longe d'*ella*...

— *Ella!*... sempre *ella!*... Essa paixão far-te-ha, pelo menos, enlouquecer.

— Muito mais, Julio, muito mais. Leva-me entre estas tábuas a murchar a flôr da juventude debaixo d'um céo contrario, a consumir-me aos raios d'um

sol ardente, a viver com homens que as leis arremessaram longe da patria, a vêr enxames de negros justamente inimigos da nossa raça... E depois, se a febre me poupar, se voltar um dia a Lisboa... — a Lisboa, onde fui tão feliz! — conduzir-me-ha, quem sabe, á desesperação talvez, ao suicidio, talvez a uma affrontosa morte; porque eu não recuarei mesmo perante a idéa d'um assassinato.

— Não pretendo arrancar-te o segredo do teu amor, mas persuado-me de que a febre de espirito que te devora, ainda será susceptivel de cura. A ausencia...

— Assim o julgava eu! Pedi para fazer esta viagem longa, e apenas a terra desappareceu no horisonte distante, julguei morrer de saudade! Cada hora de navegação augmentou o meu tormento, e agora, agora que são passados cincoenta dias depois que deixámos a patria, confesso-te que não me cabe já o coração no peito! Olha, Julio, a um homem só n'este mundo confiei o meu segredo: foi a um irmão; nunca tive amigos... tu o serás; é a primeira vez que faço esta proposta a um homem! Crê-me, Julio, é sincera, e vou-te dar a maior prova possivel, quero contar-te a minha historia.

Aqui chegavam os jovens officiaes, quando uma nuvem espessa e negra, elevando-se do horisonte, começou de fazer soprar mais rijo o vento: a bella manhã ia tornar-se em feio crepusculo.

Esta inconstancia é o defeito do suave clima dos tropicos: se não foram essas breves interrupções —

como um pensamento de morte entre idéas de ventura — esses simulacros de borrasca, o puro azul dos céos, espelhando-se nas aguas voluptuariamente embalsamadas pelo halito morno da briza, cercando por toda a parte com sublime magestade o pobre baixel, tão pequenino e tranquillo no meio d'essa immensidade, faria crêr ao navegante que, solto dos laços da vida, se encontrava no paraiso.

Julio, o official de serviço, deu a voz de — *Ferra joanetes.*

O apito do contra-mestre soou immediatamente, e a maruja correu a executar a manobra: qual puxa os *cabos* precisos, qual sobe a tomar as velas: este subjuga o timão que se esforça por lhe escapar, aquelle, não vendo já que fazer, préga os olhos attentos no official, esperando o que mandará.

— Desce, Eugenio; estás doente, é necessario que evites a humidade, e aquelle aguaceiro promette bastante chuva. Vai para o meu camarote; não tardarei a seguir-te; o *quarto* está a findar.

— Não, Julio; deixa-me vêr aquella nuvem, negra como os meus pensamentos, e ouvir o susurro do vento, aspero como as paixões dentro da minha alma.

— Carrega a vela grande! arría a bojarrona! — gritou o tenente não escutando já as ultimas palavras do seu amigo, porque a violencia da rajada augmentára, e a corveta mergulhava nas ondas a artilheria de sotavento.

A grossa chuva, que açoutava as faces do official,

lhe permittia entreabrir os olhos; a custo pôde os um momento na mastreação; aquelles madei- ergavam como vimes frageis. Encarou de novo ır e a nuvem, e continuou ainda com accento forte, porém que o sibilar do vento mal deixa- erceber:

— Arría gáveas! carrega o traquete! de encontro ne!

Não é necessario um temporal para pôr em con-) os pouco sabedores e os pouco animosos. Já e ponto as vozes encontradas da chusma, de ura com o assobiar da enxarcia, o sacudir das ; que se amainam e o rebentar das vagas contra ıvio teem desenhado um quadro medonho. — ıto a mim, o pintor devera aproveitar uma d'es- ;cenas para delinear a imagem do inferno; e o a buscar ahi novas sensações e inspirações sobre- anas.

Só tendo visto o oceano em furia se póde ser ıet ou Byron.

Porém já o azul celeste começára a descobrir-se debaixo da escura nuvem; um sorriso assomou labios de Julio, e com a volubilidade d'um joven um maritimo, dirigiu-se a Eugenio:

— Vê este clima, meu amigo, variavel como as heres: ha pouco aquelle bello arrebol, depois es-) e medonho, agora outra vez suave!

— Assim foi dôce o meu primeiro viver, mas tor- -se amargo para sempre... para sempre! — re- u Eugenio com mostras da mais intensa dôr.

*

— Não desanimes; a tormenta ha de passar e a bonança voltará ao teu coração; a tua vida será como este *quarto d'alva.*

N'este momento, um pagem, pequeno aprendiz de marinheiro, aproximou-se do tenente e disse-lhe:

— Acabou de correr a ampulheta; são oito horas.

O official mostrou ficar sciente por uma leve inclinação de cabeça, e depois alongando o dedo indicador da mão direita na direcção do sino, intimou por esse signal uma ordem que o pagem entendeu maravilhosamente.

— Até que findou o quarto! — exclamou Julio — não me demoro em ouvir a tua narração, e praza a Deus que o teu mal não seja incuravel.

As oito badaladas soaram; e a marinhagem, que dormira até esse ponto, começou a sahir das escotilhas; os do *quarto de cima* já se dispunham para a retirada, quando a voz do official os deteve, mandando largar novamente as velas, que o aguaceiro obrigára a amainar.

Um marinheiro velho e sisudo, mostrando sobre o peito requeimado pelo sol da Asia, uma reliquia santificada, acabava de se aproximar do timoneiro para o substituir, e erguendo um pouco o chapéo alcatroado, proferiu em voz baixa as palavras do estylo:

— Seja louvado Nosso Senhor Jesus Christo!

— Para sempre — foi então e é constantemente a resposta do marinheiro que entrega o *governo.*

O tenente que entrava de serviço, joven tambem e de aspecto prazenteiro, appareceu em seguida na tolda; depois de saudar cordialmente os seus camaradas, subiu o degrau do catavento, e recebeu as ordens de navegação que lhe transmittiu Julio.

Então os dous amigos deram-se as mãos e desappareceram pela escada da *meia-laranja*.

II

> O infeliz que se vê arrastado pelas borrascas da vida, longe do tecto paternal e abandonado a si mesmo em um mundo desconhecido, que sinta o coração traspassado pela dôr e não saiba onde reclinar a cabeça, dirá sem duvida: « Agora a reclinaria no seio de minha mãi ». Chorará o havel-a abandonado, e morrerá talvez sem que ella haja podido refrescar seu sangue com um beijo reparador.
>
> NODIER — *Os Proscriptos.*

A CAMARA dos officiaes em um navio de guerra apresenta, quasi sempre, um aspecto de ale- ı que realmente não existe nos corações dos seus itantes: os bons ditos do que tem adquirido a af- ão geral, as sandices de outro reconhecido por ecil, provocam de continuo uma hilaridade es- ıitosa; e depois, a analyse de um baile a que as- iram ha pouco, as disposições para outro cujo vite já tem, propostas de passeios e visitas agra-

daveis, uns lindos olhos pretos ou azues, eis os objectos inesgotaveis da conversação dos mancebos; acrescentai-lhe alguma cousa de mais positivo para os que já perderam as illusões da mocidade, ou que nunca as conheceram, e achareis materia sufficiente para fazer transparecer nos rostos d'aquelles homens, condemnados a penosa vida, o jubilo que falta nos corações; assim attenuam o dissabor da sua sorte, e esquecem as horas de insomnia e os trabalhos que o porvir promette.

Oh! quantas razões tinham os desgraçados para lamentarem a sua sorte, trocar o suave clima do meio-dia da Europa pelas praias aridas e mortiferas da costa occidental da Africa, deixar a patria onde tinham affeições de sangue, de amor e de amizade, as caricias maternas, a intima convivencia d'um homem que nos comprehende, o puro amor d'um anjo, que talvez a ausencia transforme em mulher, tudo, tudo para arrostar o oceano e seus escarceos, as privações de uma larga viagem, e ao cabo o repouso, peor cem vezes que a lida, em uma região de barbaros; calculando de antemão quaes serão os desditosos a quem para sempre está vedado o regresso á terra que os viu nascer, malfadados que vão tão longe d'ella achar a sepultura!

E todavia o riso assoma aos labios d'esses homens — porque a desesperação tambem tem o seu sorriso — e soltam expressões de alegria, porque as palavras são um jogo em que o coração nada perde, e em que a cabeça lucra muitas vezes.

Além d'isso é necessario *saber viver,* e ao infe-
z que soffre pungentemente cumpre occultar as la-
rimas, suffocar os suspiros, calar o menor lamento,
— de contrario lá está o tremendo latego do ridiculo
ara o castigar.

No momento em que Julio e Eugenio atravessa-
am a camara dos officiaes para entrarem no cama-
ote do primeiro, tiveram occasião de vêr o maior
umero dos seus camaradas sentados em roda d'uma
esa tocando um concerto obrigado a facas e pra-
os, e cuja letra não podia ser mais singela:

— O almoço! venha o almoço! — clamava uma
uzia de vozes differentes.

Os dous jovens sorriram ligeiramente e entraram
o camarote.

Em quanto elles trocam as primeiras palavras,
omo prologo á narração de Eugenio, que evitamos
epetir para não fatigar o leitor, aproveitaremos o
nsejo de achar reunidos quasi todos os officiaes da
ritão, para darmos um leve esboço de seus diver-
os caracteres, em cuja empresa nos ajudará um pou-
o a conversação que travaram.

Dous criados acabavam de collocar sobre a mesa
almoço, quando uma voz aguda bradou rijamente
l'entre os commensaes:

— Os romanticos não veem almoçar?

Um dos criados acercou-se immediatamente do
amarote de Julio, fallou com os officiaes através da
elosia, e voltou com a resposta que só tomariam
há.

—Estou com desejos de vêr tres ou quat dias de temporal, que se não possa accender o l gão, para saber o que tomarão estes meninos.

A voz rouquenha, que soltou estas palavras, e a d'um official, que sentado patriarchalmente no to da mesa empunhava um amplo copo cheio de vinh e se dispunha a esgotal-o d'um jacto. — Seria h mem de cincoenta a sessenta annos, cabellos bra cos, faces avermelhadas, barriga espaçosa, mãos c lejadas, e largos pés armados de formidaveis joa tes; vestia uma ampla japona que talvez outr'o possuisse côr fixa, mas que o tempo, o sol e a ch va tornaram de cambiantes; tinha na cabeça um r jento chapéo de palha com a aba dianteira revirad sobre a mesa, ao lado do prato, via-se o seu peq nino cachimbo de gesso já resequido e immundo, uma pequena lata com tabaco.

Demorar-nos-hemos mais na descripção d'e personagem, não porque elle esteja destinado a presentar um papel de importancia n'esta histor mas porque é o typo d'um official de marinha co muita gente o entende, e — o que peor é — co outra muita se persuade que todos nós somos.

Era costume invariavel d'este homem não di tres palavras seguidas sem incluir uma praga, n dar uma ordem sem mistura de alguma obscenid de, substituir epithetos affrontosos e indecentes a nomes dos marinheiros, e andar armado d'uma r para facilitar as manobras. De todos os entes cread pelo Omnipotente, a raça que parecia mais tem

eram *as mulheres;* evitava a sua companhia sempre que lhe era possivel, e não boquejava quando não podia evital-a; de resto, não tendo calçado luvas senão no dia em que foi agradecer ao ministro da marinha a sua elevação a segundo-tenente, de piloto que era, não podia vêr a sangue frio cruzarem a tolda Eugenio e Julio, escondendo as mãos em luvas de pellica branca; e se acaso algum d'elles, por cumulo de desgraça, lia um romance, um trecho de historia, os LUSIADAS que fosse... ai do *officialinho d'agua dôce que só sabe lêr novellas,* como dizia a miude, — elle, que inimigo capital da letra redonda, apenas havia soletrado o MANOBREIRO e o ROTEIRO de *Pimentel,* e mui recentemente alguns artigos do REGIMENTO PROVISIONAL.

Quanto ao homem que perguntára primeiro se os romanticos não almoçavam, era uma massa redonda, compacta e grosseira, com um carão trigueiro e cabellos grisalhos, e a pronuncia transmontana fortemente caracterisada; sorvendo a pequenos goles o café contido em uma espaçosa taça, sacava a intervallos um som aureo ou argentino da algibeira, onde tinha sumida a mão esquerda, e olhava satisfeito, e com ar de protecção, para aquelles que o cercavam; era o commissario:

— Pobres diabos! — proseguiu emphaticamente, depois da reflexão citada do homem da voz rouquenha — pobres diabos, que levam o tempo a pensar em namoros, e de nada gozam... as *pechinxas* são para nós — os velhos.

E riu-se, riu-se por largo espaço, satisfeitissimo da agudeza do seu engenho, não olvidando fazer sobresahir o som do ouro, para dar força ao bom dito.

— Deixe os rapazes, commissario, que nasceram no seculo das luzes!

Este estribilho tão repetido pelos ignorantes de maior idade, escapára agora entre um sorriso de mofa ao segundo commandante, que, sentado entre os dous originaes que tentámos esboçar, construia com elles uma tripeça que serviria dignamente de pedestal ao Genio da Materialidade.

O segundo commandante era um homem baixo, magro, macilento, de bigodes retorcidos e faces encovadas; em conclusão, de muito má catadura; elevado de marinheiro á dignidade de official, era, por uma regra sem excepção, quem tratava peor a bordo os seus antigos camaradas; curvando-se diante dos superiores, principalmente se pertenciam á aristocracia, retendo de memoria algumas palavras escolhidas, embora lhes desconhecesse o sentido, applicando-as por consequencia fóra de proposito, e quasi sempre adulteradas com falta de letras ou transposição de syllabas; comtudo não era falto de actividade, de bravura, nem do tacto de habil marujo.

— Aqui está o nosso doutor — atalhou o velho tenente, depois de dar tres estalidos com a lingua no céo da bocca, para saborear melhor a libação bacchica que acabava de consumir — este bom rapaz do

doutor, que, apesar de criança, não pertence ao club dos... dos... não sei como vossês dizem.

—Romanticos, romanticos—acrescentou o commissario em tom pedagogico.

E o mancebo a quem se dirigiam aquellas palavras, fixava os olhos grandes e azues nos oradores, mas parecia não perceber o que diziam; vestia uma fardeta do batalhão academico de Lisboa, o que indicava haver sahido recentemente da escóla medico-cirurgica; e assim era: tendo concluido os seus estudos em 1841 embarcára poucos mezes depois na *Tritão,* e cortava pela primeira vez o oceano: lançado em um mundo estranho, de que não fazia idéa, o pobre mancebo procurava estudar os costumes da nova sociedade onde o destino o lançára; conservou-se pois silencioso. A seu lado pousava outro homem, que tambem parecia não tomar parte no folguedo geral; era o escrivão: desgostos, enfermidade ou vida desregrada o envelheceram prematuramente; apesar da tez livida, dos olhos amortecidos, conhecia-se que ainda não attingira a idade de trinta annos: um pensamento fixo parecia dominal-o, e o seu olhar desvairado buscava um ponto em que repousasse como o agulhão busca o pólo. Não pôde comtudo esquivar-se ao espirito galhofeiro do commissario, que, depois de estrondosa gargalhada, lhe dirigiu estas palavras:

—Tambem estás apaixonado, *meu camarada,* em que pensas?

—Em minha mulher e meus filhos.

Foi a resposta do escrivão, com o accento da mais dolorosa angustia.

— Porque, vaes morrer?

— Póde acontecer, e a minha familia não terá quem lhe mate a fome.

— E nós, acaso vamos para melhor clima?

— É a terceira vez que venho *estacionar* na Africa, e a pallidez que descobres no meu rosto não tem outra origem senão as febres, que me assaltaram nas duas primeiras viagens.

— Quem sabe... tu foste maganão em rapaz... e mesmo agora... não sei...

— Tem razão o commissario — clamaram algumas vozes em grita.

E a hilaridade interrompida pelas palavras solemnes do escrivão, estourou com dobrada furia.

— Acima! vamos fumar! — clamou um joven guarda-marinha erguendo-se, e mordendo a ponta d'um charuto.

— Vamos — repetiram todos levantando-se ruidosamente.

Aquelle guarda-marinha e dous aspirantes completavam, com o tenente que vimos entrar de serviço ás oito horas, o estado maior da corveta alojado n'esta parte do navio; quanto ao commandante, um passageiro e sua esposa, viviam em outra camara no mesmo pavimento, e contigua á dos officiaes; reservaremos para mais tarde o fallar d'estes novos actores do drama que vamos desenvolvendo, com tanta verdade, ante os olhos do leitor.

E agora que o silencio substituiu o arruido na camara dos officiaes, pois que a turba passeia na tolda, aquecendo o sopro da briza com o fumo multicôr de seus charutos, cigarros e cachimbos, aproximemo-nos do camarote de Julio e escutemos o que ahi se diz.

III

> No coração de Dulce achára um affecto que lá não quizera encontrar: — amor sim, mas amor de irmã.
>
> A. Herculano — *O Bobo*.

. . . . . .

— Conheces o brigadeiro Garcia?

— Sim; algumas vezes o tenho visto, orém nunca lhe fallei; sabes que tenho poucas reações.

— E sua filha unica... Adelaide?

— Não conheço.

— É *ella*.

E Eugenio fez uma longa pausa, deixou escapar m suspiro, e pareceu reunir todas as forças para ontinuar:

— Já sabes o seu nome, Julio, contar-te-hei ago-

ra a historia do meu amor, ou dos meus padecime
tos, que é o mesmo. Meu pai e o brigadeiro Garc
foram amigos intimos desde a adolescencia; depc
de terem combatido cem vezes hombro a hoı
bro n'essa porfiada campanha peninsular, regre
saram á patria e desposaram quasi simultaneame
te duas formosas senhoras e de familias distincta
coube primeiro a meu pai a satisfação de annu
ciar ao seu amigo que possuia um herdeiro, qı
tu conheces, é Ernesto; seis mezes depois, tar
bem Garcia escrevia a meu pai noticiando-lhe qı
aprouvera a Deus conceder-lhe uma herdeira, m
chorando amargamente o bem que a Providencia ll
arrancára em troco d'essa felicidade outorgada...
nascimento da menina custára a vida a sua mã
Garcia estava viuvo, Adelaide orphã. Meu pai nı
perdeu tempo em vãs lamentações, correu a ca
do amigo; minha mãi seguia-o: «Esta menina, dı
se elle resolutamente, carece de cuidados maternae
e não tem mãi... Garcia, minha esposa vem ı
clamar esse titulo; por alguns annos ao menc
Adelaide será sua filha». Garcia misturou alg
mas lagrimas de consolo com as amargas que dı
ramava, abraçou meu pai sem poder articular uı
só palavra, deu um beijo em sua filha — sofrego (
mo um avaro osculando o seu thesouro, — entreg
a menina nos braços de minha mãi, e depois.
chorou... soluçou... cobriu o rosto com as mã
e por largo espaço nada viu e nada sentiu; os (
posos haviam desapparecido com a sua nova fil

nha. Passados outros seis mezes, Garcia, coberto de luto, beijava um recem-nascido que dormia em um berço ao lado da sua Adelaide... e meu pai e minha mãi, recebiam jubilosos as felicitações dos seus amigos pelo nascimento de um novo infante: tinha eu vindo ao mundo, Julio.

— Por consequencia foste educado com Adelaide, cresceram ao lado um do outro, passaram juntos a infancia...

— É verdade, e chamavamo-nos irmãos. Garcia, tendo combatido pela liberdade em Marouços, foi obrigado a retirar-se para o Porto com os restos truncados do exercito constitucional; depois foi um dos poucos que não abandonaram os soldados na entrada de Galliza; e mendigando hoje, recebendo ámanhã algum soccorro, passou a vida do exilio; ao cabo de cinco annos pisou de novo terra de Portugal; nas linhas do Porto combateu como soldado, e quando a temeraria empresa da expedição do Algarve se effectuou, Garcia precipitou-se na vanguarda d'esse punhado de valentes, e no dia 24 de julho de 1833 abraçou sua filha, já tão linda com os seus doze annos! Mais tarde, quando a praça de Almeida se rendeu, Garcia foi encarregado do seu governo, e Adelaide acompanhou-o; quando a tornei a vêr tinha quinze annos; notei então a extrema brancura da sua pelle, os olhos de um verde claro como nenhuma outra possue, e o cabello entre louro e castanho, d'esse rarissimo cabello que aos reflexos do sol parece de cambiantes; agradou-me vêl-a

tão bella, beijei-lhe a mão, e ella chamou-me *primo*. Tres annos haviam passado, e o suave nome de irmãos desapparecera com elles: pouco me affligiu esta mudança da priminha e tratei de divertir-me.

— Em quanto o nome de prima não se tornava em outro mais dôce ainda do que irmã...

— Não me escarneças, Julio, compadece-me. N'essa época cria-me feliz; percorria as salas de baile e os theatros, começava algumas pequenas intrigas amorosas, outras vezes embriagava-me em jantares de *boa sociedade*, ou ajudava a fazer uma assuada theatral; esta vida de movimento, de voluptuosidade e de loucura parecia-me um paraiso... a idéa da eternidade jámais me havia apparecido... não havia pensado em Deus.

— E agora?

— Oh! Agora tudo me revela a existencia d'esse Sêr mysterioso; o céo com suas estrellas e bulcões, a terra com seus campos tão amenos e fructos variegados, o mar com o seu sequito de calmas e borrascas, tudo, tudo me falla uma linguagem celeste, tudo fortifica a minha crença... conheço o poder do Senhor no tremendo estouro do raio, como no desabrochar d'uma flôr... e sobre tudo conheço-o na sua obra mais perfeita... Adelaide. Ó meu Julio, desculpa estes desvarios de um espirito exaltado; eu continúo. O anno passado, — foi no dia 15 de janeiro, nunca o olvidarei, — sahia de um jantar, e dous pensamentos unicos, mundanos ambos e bem mundanos,

me bailavam na cabeça — era o passado e o futuro d'aquella hora: um excellente vinho do Porto, quasi secular, que havia tomado, e uma bailarina de S. Carlos que devia acompanhar á sahida do theatro; para preencher o vacuo do presente, resolvi — como se tomasse outro qualquer partido — ir visitar minha prima. Seriam sete horas, o frio não era intenso, e a noite começára soffrivelmente; dirigi-me á rua do Collegio dos Nobres, subi vagarosamente a escada da habitação de Garcia, e atravessando as salas com a franqueza de um velho amigo, mandei aviso a Adelaide da minha chegada, e dirigi-me para um lindo gabinete, onde muitas vezes a vira desenhando... ella desenha primorosamente! Pareceu-me n'esse dia o gabinete mais illuminado que de costume, principiaram a figurar-se-me mais elegantes os noveis, e do mais fino gosto o papel côr de perola estrellado de ouro que forrava as paredes; mais claro o bello espelho que coroava um rico fogão inglez, e o calor que elle espalhava no aposento embriagou-me por fórma, que um primeiro pensamento celeste, misturado, é verdade, de sensualismo me occorreu: « Deverá ser assim — disse eu commigo mesmo — o ambiente que circumda os seraphins ». Depois recostei-me em um macio sophá e comecei a meditar sobre a revolução que sentia levantar-se-me na alma, e que era, como acontece no oceano ao avisinhar de uma procella, aquelle enrolar das vagas preguiçoso, porém que nos diz que lá ao longe outras vagas bramem furiosas sob o tremendo açoute da

tempestade. O ranger dos gonzos de uma porta veio arrancar-me á especie de somnambulismo em que estava mergulhado; ergui a cabeça, e vi... uma figura aérea que assomava no limiar, repuxando ligeiramente a extremidade do seu vestido de sêda anilada que lhe embaraçava os passos, e deixando vêr o mais lindo pé do mundo, prisioneiro de um sapatinho de setim... E eu, que não tinha admirado ainda a belleza d'aquelle lindo pé tão voluptuoso, tão seductor! E depois, que elegancia de fórmas, que me parecia contemplar pela primeira vez, e as luzes abrilhantando-se nos seus cabellos e reflectindo em torno d'ella uma aureola divina! Atravessou a sala como uma visão de Ossian, tocando de leve o tapete; porém repercurtiu-me na alma esse som quasi imperceptivel do roçar dos vestidos pela alfombra... chegou-se a mim, risonha, bella como nunca, mais formosa do que Eva antes da seducção, mais fascinadora do que a nossa primeira mãi quando nos tornou mortaes! Estendeu-me a sua mão, a mais aristocratica mão do mundo e eu, Julio, eu cahi de joelhos, e beijei-lh'a convulso, arrebatado, perdido de amor!... Adelaide fixou sobre mim seus grandes olhos, e depois com um sorriso — se de um anjo ou de um demonio, não o sei dizer — com um sorriso que eu pagára com todo o meu sangue para gozar n'este momento, disse-me: « Como está hoje amavel o priminho! » Esta reflexão tão fria, tão de mulher, tirou-me do mundo de illusões a que me elevára, para cahir precipitado no

torpe voluntabro da realidade; então passaram-me como em um sonho, por diante da mente escandecida, as bailarinas com seus saiotes diaphanos, as *cortezãs* com sua falsa tunica de pudor, a mesa com seus attractivos sensues, e o salão do theatro, e a casa do jogo, e o lupanar... e tudo isso me pareceu agradavel e lisonjeiro!... mas d'ahi a um momento estas idéas todas se esvaeceram, e para sempre! Sim, se era felicidade o viver que me recordava esse sonho, para mim havia acabado; se o não era, deveria ficar ditoso; e aconteceu assim? A datar d'esse momento todos os meus pensamentos foram honestos e santos, como o amor que m'os havia inspirado, como o Creador da mulher que amava: Deus e Adelaide foram a minha crença, o meu culto, o meu pensar de todas as horas, o meu sonhar nos acanhados instantes de repouso, direi antes de lethargo, que me concedia a paixão. As palavras que trocámos n'essa noite não as poderei repetir, porque o estado de transição por que passei operou uma tal desorganisação em todo o meu sêr, que não ha expressões para o delinear: — amava, Julio, com todas as potencias da minha alma, pela primeira vez... e pela ultima, tambem.

— Tens apenas vinte annos, Eugenio...

— Então não sabes o que é amor! e não sei se te lastime ou se te felicite! Não saboreaste o mel, mas tambem não tragaste o absyntho.

— Talvez... mais de espaço fallaremos d'isso. Continúa.

—Depois segui-a como sua sombra, como o satellite acompanha o planeta; e ella conheceu o meu amor, e fingiu que não o entendia; viu meu viver de tormentos e não mostrou compaixão; os meus gestos, os meus passos revelavam-lhe a minha paixão, porém os labios é que não ousavam soltar a declaração fatal. Assim passaram dous mezes. Por fim, no mesmo lugar onde me appareceu pela primeira vez, como uma divindade, encontrei-a novamente só, radiante e formosa, como o astro que então avivava as suas feições; beijando-lhe as mãos de neve tive animo para lhe dizer: « Adelaide! amo-te como nenhum homem amou n'este mundo, adoro-te como os anjos no céo adoram a Virgem! » Banheilhe as mãos de lagrimas, e quasi que senti a morte... Porque não succedeu assim?... Seus labios, d'onde até ahi só tinham manado palavras de conforto, seus labios, que tantas vezes na infancia haviam comprimido os meus, descerraram-se para soltar um tremendo desengano, para me dizerem: « Eugenio, encontrarás sempre em mim o amor de uma irmã; outro, não.

E Eugenio cahiu sobre uma cadeira anhelante, semi-morto, como quem fizera um esforço sobrehumano na repetição d'aquella scena; e Julio, sabendo bem que a verdadeira dôr não se mitiga com expressões banaes de falso consolo, suspendeu a respiração e ficou immovel.

Houve um momento de profundo silencio.

Depois, uma voz que entoava uma velha canção

hespanhola, arrancou os dous mancebos á sua immobilidade, como se foram tocados por uma corrente electrica; a trova dizia assim:

Solo amigo me llama la ingrata,
Sin mirar que me abraso de amor;
Antes libre gosaba mi pecho,
Ahora triste sucumbe al dolor.

— Ouviria elle o que acabo de contar-te? — exclamou Eugenio.

E precipitando-se pela porta do camarote, foi achar-se face a face com o tenente que deixamos de serviço no primeiro capitulo.

— Onde aprendeste essa canção, Barroso? — lhe perguntou Eugenio fóra de si.

— Em Montevideu — respondeu aquelle com sangue frio; e, sorrindo-se, acrescentou: — Foi a uma bella *señorita* que a ouvi pela primeira vez.

— Estavas ha muito tempo aqui?

— Não sabes que estou de quarto? Vim buscar o sextante porque são onze horas e meia. Não vens á *observação?*

— Sim, já te sigo, e Julio tambem.

.....

— Notavel coincidencia! — disse Julio em voz baixa ao seu amigo, sahindo do camarote com um oitante na mão.

— Na verdade!... se tivesse escutado o meu segredo, não ouviria mais nenhum.

E Barroso subia a escada da meia-laraı
toando *La Ingrata;* Julio seguia-o; e Eugenio,
braços cruzados no peito, parecia estudar ı
que se escoava, os intimos pensamentos do cı
Finalmente resolveu-se a subir tambem.

IV

N'esse instante se esvaeceu o anjo das emoções divinas e me appareceu o demonio das paixões terrestres.

INEDITO.

JANDO os tres officiaes chegaram á tolda, já Antunes, o tenente velho, inimigo das luvas e ros, tomava a altura do sol, escarranchado na ira, tendo no canto esquerdo da bocca o seu avel cachimbo; Novaes, o segundo comman- distribuia algumas ordens á marinhagem, aspirantes percorriam velozmente o navio em as direcções, fingindo grande actividade, para em ás grosseiras reprehensões que com libe- e lhes administrava Novaes. Julio, Eugenio oso acercaram-se de Jacob *o mulato,* como am áquelle guarda-marinha moço, que encon-

tramos na camara dos officiaes, o qual agora, oitante em punho, aguardava que a interrupção parente do movimento solar manifestasse a hora meio dia.

— Chegamos tarde? — perguntou Barroso.

— Não; ainda podem aproveitar um resto do vertimento.

— Sempre alegre, mulatinho! — lhe tornou Ju

— Sempre. De que servem tristezas?

— Dizes bem, meu *pretinho do Japão* — acres tou Eugenio — quem pudera possuir o teu bom nio!

— É que esta minha côr amulatada não de perceber no rosto as sensações de dentro — resp deu Jacob, pondo uma das mãos no peito, e com to meio prazenteiro, meio serio.

— Tambem tens alma?

— Pois crês que só com a tua physionomia daverica se podem ter sentimentos?

— Silencio, amigos — interrompeu Julio precipi do — deixai essas questões e olhai para a pôpa, quereis vêr a deusa dos amores sahida d'entre vagas, como diria um poeta da Arcadia.

— É verdade — proseguiu Jacob, pondo de pa o instrumento astronomico — e que raiva me ca vêl-a tão bella e tão nova, ao lado de um marido lho e carrancudo!

— Dizes bem — respondeu Julio — o tal Vulca já não está na idade dos amores.

E os mancebos olhavam para a pôpa da corve

— estava ahi assentada a passageira de quem pronettemos fallar em tempo opportuno, dirigindo a paavra a dous homens que de pé occupavam os lados la sua cadeira; eram o marido e o commandante.

— E não sabem — continuou Barroso, aproveitanlo a figura mythologica — que o nosso commanante, apesar dos seus quarenta annos, quer repreentar de Marte entre os conjuges?

— Devéras? — perguntaram Julio e Jacob simulmeamente.

— Devéras, e por isso a tem quasi sempre prioneira na camara.

— É com receio que algum de nós lh'a empolue, porque do marido não deve ter ciumes.

— Pois juro-te que lhe vou dedicar os meus afctos — atalhou Julio — parece-me que já estou apaionado.

— O mais que te póde render esse atrevimento alguma prisão.

— Que me importam todas as prisões do mundo uando se trata de uma mulher formosa! Digo-te que ou supplantar o commandante, e para isso começo zendo-me amigo intimo do marido.

Eugenio, que escutára silencioso esta parte da nversação, chegou-se a Julio e, travando-lhe do aço, conduziu-o ao outro bordo da corveta; alli cou sobre elle os olhos com expressão de incredulade e disse-lhe:

— Serás capaz de commetter a infamia que acas de dizer?

— Não é uma infamia, Eugenio, é retribuir á ciedade o mal que ella me fez. Lembras-te d'es palavras — *Então não sabes o que é amor* — q ha pouco me dirigiste? echoaram-me no intimo alma, assopraram um fogo amortecido... mas t poder sobre mim, e... ri-me! — Eugenio, tamb amei como tu uma mulher admiravel, e ella di que me amava, era mais feliz do que tu! porém ausencia gastou o amor de Luiza; e ao voltar de u longa viagem, quando corria ancioso, ebrio de a gria, para morrer a seus pés, encontrei-a... crêl has tu?... casada!... E vivi... para me vinga Quem pudera reunir a humanidade inteira em um vulto, e cuspir-lhe nas faces o torpe estigma do ad terio!

— Horrorisas-me, Julio! O genero humano ha pagar a culpa de uma mulher e de um homem?

— Não é pela culpa de uma mulher e de u homem que morrem as gerações ha seis mil anno

— Vaes blasphemar, Julio, torna a ti!

— Não, observa o meu rosto como está seren o balsamo da indifferença attenua maravilhosamen as dôres de uma ferida mal cicatrizada. Escuta, v dizer-te por que incluo a sociedade inteira no anath ma que te pareceu tão injusto; é porque para o h mem, atraiçoado no amor, não ha piedade; o en mais bem formado ri desdenhosamente do infeliz q definha por uma paixão invencivel, e que é despr zado... Tu mesmo, tão superior ao commum d'es raça que se revolve pelo lodaçal da terra, se

riumphar da mulher que além está, sorrirás, pasando pelo marido, com um sorriso mais cruel cem ezes que o vituperio mais atroz.

— Julio! e és o homem cujas maneiras, cujas alavras denunciam uma alma tão pacifica?!

— Sim, porque tirados estes momentos de exalação que me traz uma reminiscencia dolorosa, vivo m paz commigo mesmo; ainda tenho uma crença, ugenio.

— Qual?

— A amizade.

— Como, se desejas escrever na fronte da huanidade inteira a mais humilhante injuria?

— Lembras-te da theoria de Antony? Creio no mor, na amizade não, diz esse homem, cujas palaras horrorisam as turbas; e eu direi: creio na amiade, não creio no amor; e as turbas talvez se hororisem de novo. A minha opinião é o reverso da ombria medalha que Dumas delineou com mão de nestre. Sim, Eugenio, tenho encarado o amor por odas as faces que apresenta á sociedade; milhares le annos, e milhões de homens me dizem de contiuo: É a mais sublime das paixões! — e eu, cego alvez, não encontro n'esse sentimento mais do que goismo, interesse, orgulho, e algumas vezes infania e villania!.... Porque o amante tem ciumes até a briza que desflora o collo da sua amada, exige ecompensa pontual de todos os sacrificios a que se ota por ella, e muitas vezes barateia pelo gozo senual de um momento, a reputação e a vida não só

da mulher que adora, mas de uma familia respeitavel. E sempre acontece assim: ao fim de largo tempo das mais bellas promessas de um amor puro e immaculado, chega um dia, e o orgulho do homem e a fraqueza da mulher, e o instincto sensual de ambos, acabam com tudo quanto tinha de grande, de nobre, de sublime essa paixão... As leis, com suas disposições mesquinhas, com seu pedantesco sangue frio, lá estão para castigar o homem; e á mulher reserva-lhe a sociedade um de dous nomes affrontosos — prostituta ou adultera! E não me digam que o homem possuido de um verdadeiro amor, se lançará nas chammas para obedecer a um desejo da mulher que adora — que derramará todo o sangue para preservar do menor insulto um só dos cabellos d'ella... Vaidade... sempre vaidade! Nenhum sacrificio aproveita á desgraçada a quem o mundo marcou com o sello de intolerancia, se um casamento não é possivel... e quantas vezes se dá esse caso?... O amor deveria symbolisar-se pela estatua de Nabuco — o ouro da cabeça seria o bello pensamento de uma primeira affeição, a argilla dos pés o gozo material que de ordinario a termina.

— E a amizade?

— A amizade é a abnegação de si em pró de um outro; sem egoismo, porque lhe apraz vêl-o cercado de quem lhe testemunhe affeição; com desinteresse, porque não deseja recompensa; sem orgulho, porque não ha triumpho que apregoar... finalmente sem pensamento ou acção que obrigue a córar as faces;

confessa, Eugenio, que é na amizade que se encontra lenitivo para os males causados pelo amor.

— És meu amigo?

— Sou teu amigo, Eugenio, com quanto cruzemos em opposição o mesmo caminho; o meu alvo é o teu ponto de partida, tu desejas chegar ao lugar de paz d'onde eu me precipitei; errada senda trilhamos os dous... Deus nos tenha de sua mão.

— Meu Julio, serei teu amigo sempre, e sigamos o nosso vario destino.

— Foi para não passar aos meus proprios olhos por um hypocrita que desenrolei ante os teus esse quadro que — bem o vi — te desagradou bastante.

— Julio, a desgraça trabalha para te fazer mau... mas no fundo d'esse coração está muita honradez e muita virtude.

— Dão licença, meus senhores? — disse n'este momento uma voz a pouca distancia dos mancebos.

Separaram-se rapidamente, e entre elles appareceu a bella figura de Henriqueta, a passageira casada, a quem acompanhava seu marido; Julio apresentou-lhe a mão com um gesto gracioso, e depois de um leve signal de intelligencia trocado com Eugenio, desceu com Henriqueta a escada que conduzia á camara do commandante, entendendo em que nada a molestasse no transito, e aventurando algumas palavras de polido galanteio.

O marido seguia-os.

Eugenio teve occasião de observar este par des-

igual, ao qual até então não tinha prestado attenção alguma.

O snr. Serapião Vieira Barbalho, administrador geral nomeado para a alfandega de Loanda, era homem de cincoenta a cincoenta e quatro annos; alto, magro, de cabellos grisalhos, olhos pequenos e pouco buliçosos, e de uma seriedade imperturbavel. O riso parecia não haver roçado jámais por aquelles labios sempre roxos; as maneiras em tudo o mais eram de um homem de sociedade. Sua esposa, que poderia ter vinte e seis annos, possuia uma d'estas physionomias mysteriosas que attrahem ainda mais curiosos de as comprehender, do que admiradores da sua belleza. De uma figura regularissima, com uma cutis não extremamente clara, porém do typo arabe mais seductor, bellos cabellos, negros de ebano, Henriqueta tinha principalmente nos olhos a chave do seu encanto. Eugenio não pôde esquivar-se a admirar aquelles olhos grandes e pretos que brilhavam sobre um fundo anilado, como estrellas no puro firmamento de uma noite de estio; a espaços um movimento interno os fazia apparecer radiosos, e depois amortecidos languidamente iam repousar suas vistas sobre o sólo; e o seio em ondulações frequentes continuava demonstrando que uma alma forte se alojava n'aquelle corpo de sylphide.

Haviam desapparecido, e Eugenio notou que, ao entrar a porta da camara, Henriqueta lhe mandára um olhar tão terno e resignado, como o da Virgem ao prostrar-se ao pé da cruz de seu Filho.

Parecia que entre aquellas duas almas existia uma erta affinidade, que talvez a desdita de ambos haia produzido.

— Pobre mulher! — disse Eugenio entre si.

— Pobre mancebo! — dizia ella no mesmo momento a Julio, depois de lhe haver perguntado se Eugenio soffria muito.

— Estará ella enamorada de Eugenio? — pensava ulio.

Entraram na camara.

O commandante, que descera antes, veio receel-os, e conduzindo a senhora a uma cadeira de baanço, propria para attenuar o incommodo que prouz a continua oscillação do navio, lhe disse com um iodo gracioso, de que ninguem o julgaria susceptiel ao contemplar a austeridade de seus gestos, e as alavras que proferia ordinariamente em publico:

— Como deve ter sido enfadonha a v. exc.ª es- ı viagem! Sem nenhuma distracção agradavel!

— É necessario preencher o numero de dias que eus nos contou na peregrinação do mundo... Que ıais vale passal-os no mar ou na terra, rindo ou horando?

E um sorriso melancolico, — expressão habitual o rosto d'esta mulher, — lhe deslisou pelos labios; ara distrahir-se começou de pôr em ordem as peças e um xadrez que sobre uma pequena mesa circular ncontrou perto de si. O commandante continuou:

— Se ao menos eu tivesse os rudimentos d'esse ello jogo, que v. exc.ª tanto aprecia...

— Apreciar! não. O xadrez exige bastante a
ção, e distrahe por consequencia de outras idéas
possam entristecer: é como uma medicina, de c
experiencia me tem demonstrado a utilidade.

— Se um inimigo pouco temivel não me
desprezo... — disse Julio precipitadamente, acei
do-se de Henriqueta.

— A modestia é divisa de experimentado —
pondeu ella, apontando-lhe uma cadeira, onde p
sentar-se do lado opposto da mesa.

Julio obedeceu promptamente.

A instancias da sua amavel parceira avanç
primeiro peão, como um arauto que penetra no
po neutro para raptar o inimigo; outro foi me
por Henriqueta a encontrar o reptador: o desafi
ra aceite, e ia travar-se esse combate a todo o
se, em que um dos dous reis devia perder a c
e ambos elles a maior parte de seus leaes vass

O xadrez é uma parodia da vida.

Entretanto o commandante parecia contra
com o expediente do seu official, e para se cons
e ao marido proximos de Henriqueta, propoz ao
Barbalho uma partida de voltarete.

— Falta-nos um parceiro — disse o administ
geral.

— Vou mandar convidar um dos meus offi

E lançando mão d'uma campainha de prata
pousava sobre outra mesa, fêl-a soar duas
com pequeno intervallo; appareceu um criado,
do como marinheiro.

— Florindo, pergunta ao snr. guarda-marinha Eugenio se quer jogar o voltarete.

O criado desappareceu, fazendo uma breve inclinação de cabeça.

Dous minutos depois volveu:

— O snr. guarda-marinha já vem. Determina alguma cousa mais?

A resposta negativa do commandante, por meio d'um movimento negativo de cabeça, foi o signal para a partida subita e silenciosa de Florindo.

Eugenio assomou no limiar da porta.

Henriqueta empallideceu, e movendo ao acaso a peça que encontrou debaixo dos dedos, dispoz contra si o jogo, em que até então levava reconhecida melhoria.

— Senhora, veja que perde a rainha — adverlu-lhe Julio.

— Uma mulher mais ou menos... que importa?

— Porém repare v. exc.ª que, tomada a raiha, este cavallo vai dar xeque ao rei, o qual, disante como está dos seus melhores servidores, terá e ceder por força.

— Muitas vezes teem elles cedido a mais estupios e menos generosos brutos do que um cavallo - atalhou o snr. Barbalho que, circumspecto semre, não podia resistir todavia á tentação de mostrar as occasiões opportunas o seu republicanismo.

Henriqueta, que fôra creada com as idéas d'um nto respeito aos reis, logo depois de Deus, procuu lêr no rosto dos homens que alli se achavam, o

effeito que produzira o enthusiasmo de seu marido.

O commandante ficou impassivel.

Julio riu-se como o faria d'outra qualquer arguçia suggerida pelo jogo.

Eugenio, aristocrata por sangue e monarchico por systema, sorriu-se desdenhosamente; porém encontrando o mavioso olhar de Henriqueta, abaixou a cabeça por um momento para occultar o seu desprezo pelo monarchomaco; quando a tornou a erguer ainda se fixavam sobre elle — através d'uma crystallisação de lagrimas — os lindos olhos da formosa passageira.

— Amaldiçoado que eu sou! — esteve a ponto de exclamar Julio — não ha que duvidar: ama-o, e devéras!

— Desgraçada! — murmurou comsigo mesmo Eugenio, que não deixára de observal-a desde que entrou na camara, em quanto o commandante e Barbalho preparavam as cartas e os tentos para o voltarete.

Falta-nos esboçar o retrato physico e moral d'um dos personagens que temos em scena; e como talvez já algum leitor se impaciente por conhecel-o, satisfaremos a esse, em prejuizo de muitos outros, que porventura nos dispensariam de bom grado semelhante tarefa.

Roque Solano de Barros, capitão-tenente da armada nacional, e commandante da corveta *Tritão*, era o que justamente se deve chamar o typo d'um chefe militar e maritimo. As palavras que dirigia aos officiaes fóra da sua camara eram poucas e seccas, as

estrictamente indispensaveis para formular qualquer determinação de serviço, porém chegando a um porto, e encontrando-se com qualquer d'elles em um passeio, jantar ou reunião, era mais *rapaz* do que o mais joven dos officiaes, e fazia sobresahir com duplicado chiste, n'aquelle rosto acostumado aos gestos de rigidez militar, o sorriso não forçado que acompanhava os seus excellentes epigrammas, sem fel de inveja ou d'outra paixão vil, que nenhuma d'ellas se alojava em seu coração de homem honrado.

Quanto á physionomia representava ter quarenta a quarenta e cinco annos, mas talvez os não tivesse, porque, como todos sabem, o viver maritimo é o mais proprio para avultar exteriormente a idade; era moreno, tinha cabellos e suiças pretas, olhos encovados e vermelhos, resultado de assiduo estudar; amplas mãos, e ainda mais amplos pés, meio occultos em largos sapatos de respeitavel sola, vestia sempre militarmente.

Quasi sem castigar, sem um continuo sermonario de grosseiras reprehensões aos officiaes e marinheiros, como usam muitos outros, fazia-se respeitar sómente pela sua presença, obrigava a calar com o seu silencio, e recommendava o bom e prompto desempenho do serviço pela sua desmedida actividade.

Mas nenhuma d'estas qualidades, tão frias e calculadas, lhe extinguira o fogo do coração; entre esses pensamentos de navegação e de guerra, um raio de amor se misturava; Barroso não se havia enga-

nado; o pobre homem estava perdido de amores por Henriqueta.

O grau de platonismo d'essa affeição não saberei eu calcular; o homem não estava já em idade das bellas illusões aéreas, impalpaveis, diaphanas e vaporosas.

Porém tornemos a entrar na camara, que já os parceiros do voltarete apartam os naipes d'entre as suas nove cartas respectivas, e vai começar esta nova lida.

— *Peço licença* — diz o homem casado.

— *Faço preferencia* — atalhou o dos quarenta annos.

— *Só* — conclue placidamente Eugenio.

Julio sorriu-se da notavel coincidencia de todos terem bom jogo, porém n'esse momento, por um movimento que elle não calculára, viu o seu rei perdido, e Henriqueta disse-lhe com intenção:

— *Echec et mat.*

Até ás quatro horas durou a partida; e, despedindo-se, Eugenio teve occasião de trocar algumas palavras de simples formalidade com a passageira; decidido a não coadjuvar a louca paixão da mulher que não podia amar e da qual o amor era um crime.

Henriqueta, que tomára de sobre a mesa um livro, apresentou-o a Eugenio com notavel agitação, perguntando-lhe se já o havia lido.

— Não, senhora, respondeu elle lançando um rapido olhar sobre o tilulo em que se lia: O ESPECTRO OU A BARONEZA DE GAYA.

— Leia quando tiver lugar — continuou Henriqueta entregando-lh'o.

— Agradeço, minha senhora — tornou Eugenio recebendo o volume. — E passando a folheal-o ligeiramente encontrou alli um objecto que não fazia parte do romance: uma composição de Deus e não do o snr. José Maria da Costa e Silva; era uma flôr já secca e desfolhada — *um martyrio.* — Quiz restituil-a.

— Esta flôr, senhora, pertence-vos?

— Sim, é a minha historia, leia tambem. Sinto não ter mais viçosas boninas para lhe offerecer.

— É um objecto muito raro a bordo, quando se tem passado cincoenta dias em viagem — respondeu Eugenio, fingindo não perceber as intenções de Henriqueta, porém sensivelmente embaraçado.

Julio acabava de despedir-se do commandante e de Barbalho, e saudando friamente Henriqueta, travou do braço a Eugenio e sahiu com elle da camara.

Apenas chegados á tolda, Julio parou para dizer ao seu amigo:

— Henriqueta não aceita o meu amor.

— Digna d'um amor puro e santo é ella, jural-o-hia pela alma de minha mãi.

— E não o aceita porque te ama a ti.

— E eu amal-a-hia tambem, se um coração de homem pudesse conter dous amores.

. . . . . .

. . . . . .

E Henriqueta, que se arremessára a uma cadeira, estendendo a vista pela immensa planicie do oceano, dizia a si mesma:

— Como *elle* encarou o meu *martyrio!* Será de marmore, este homem?!...

V

> Durante a noite é quando o nosso espirito se entrega a graves meditações, quando o homem admirado da sua pequenez no meio de todos esses soes que giram como outros tantos mundos, se recolhe em si mesmo para se conhecer — elle, atomo limitado que se perde no infinito!
>
> A. Buchere — *Impulsos do coração.*

ANTES de proseguir a narração para a qual já temos o leitor preparado com o esboço de di-
sos caracteres, e desejando evitar-lhe a pena de
vinhar, quando nos é permittido revelar-lhe qual-
er segredo ou aclarar-lhe qualquer mysterio, va-
s erguer o véo de melancolia, voluptuosidade e
eza que acoberta o rosto de Henriqueta.

Joven e formosa, casada com um velho tacitur-
e zeloso, a ninguem se afiguraria como uma cou-
muito estranha o vêl-a aceitar e corresponder ao

amor férvido d'um mancebo, — porém não acontecia assim; depois de nove annos, que ha tantos havia desposado a Serapião Vieira, não tinha um só momento deslisado da senda do dever: era o modêlo das lisbonenses casadas!

E como se enamorou de Eugenio — pois que é indubitavel que o amava apaixonadamente — d'um homem sahido apenas da adolescencia, que não lhe havia dado uma só prova de affeição, antes, o que é rarissimo, lhe testemunhava indifferença e fingia não comprehender o seu amor?

Para explicar este phenomeno é necessario retroceder alguns annos e esboçar a historia d'esta mulher, uma d'aquellas a quem o mundo costuma chamar felizes.

Henriqueta era filha do desembargador Nicolau Barreiros, um dos homens que no reinado de D. João VI exerciam simultaneamente vinte empregos diversos, sem capacidade para o desempenho de um só; na casa da supplicação, conselho de fazenda, mesa da consciencia e ordens, e outros tribunaes de que apenas hoje restam os nomes, tinha Nicolau Barreiros a sua cadeira de juiz; quanto a integridade não lhe faltava, porém apoucada e mui apoucada era a esphera do saber do honrado magistrado; errava por estupidez, não por interesse. Deus e el-rei, dizia elle, são a minha divisa; — e o pobre homem sentia a falta da inquisição para augmentar o numero dos christãos e assignava sem remorsos a sentença de morte d'um desgraçado que trabalhava para ser

livre e para libertar seus irmãos, porque só assim cria segura a realeza: com taes principios, sanguinarios sem duvida, porém até certo ponto desculpaveis, não podia deixar de ser escolhido durante o governo de D. Miguel para a celebre *commissão mixta* que levou ao cadafalso tão subido numero de infelizes. Assim succedeu: escutando cegamente as palavras do sanguisedento dr. Guião, regedor e presidente d'essa curia tenebrosa, Barreiros não hesitou uma só vez em sanccionar com a sua assignatura as mais injustas sentenças; e a pobre Henriqueta chorava, soluçava e tremia cada vez que um d'esses autos monstruosos lhe passava por ante os olhos, e sonhos horriveis lhe apresentavam a cada hora seu pai livido e com os cabellos erriçados, cercado dos phantasmas de tantas victimas immoladas pela mão do algoz, que a pequenos golpes de punhal lhe retalhavam as carnes, infiltrando-lhe veneno por todos os membros, que appareciam cobertos da mais hedionda lepra... E a visão realisou-se!

Raiára o dia 24 de julho de 1833.

N'esse dia de alegrias e tristezas para Lisboa, para Portugal, duas mulheres, que os nossos leitores já conhecem, representavam em diversos bairros da capital o grande drama dos contrastes humanos.

Uma d'ellas abraçava seu pai, coberto de gloria e de honras, depois de largos annos de ausencia e proscripção.

Outra via o seu, pela ultima vez, carregado de affrontas e maldições.

A primeira era Adelaide Garcia.

A segunda Henriqueta Barreiros.

E em quanto aquella chorava de alegria, abraçando ternamente o homem feliz que depois dos amargores do ostracismo se via restituido á patria e aos seus, — esta derramava lagrimas pungentes de desesperação e desconforto, porque o ente de quem até ahi se não separára um só dia, caminhava pelas ruas principaes da cidade, escorrendo-lhe o sangue de cem feridas, livido, com os cabellos erriçados — como outr'ora o vira em sonhos, e mais ainda coberto dos baldões d'uma populaça desenfreada, arrastado como o mais vil animal da creação, manchado de lama... quasi sem apparencia de homem!

Era uma repetição da scena que ainda na vespera, esse mesmo populacho — era o mesmo — executava ao som de outros gritos de ovação, de outros brados de affronta.

Então era: — Viva D. Miguel I! — Morram os constitucionaes!

Agora: — Viva D. Maria II! — Morram os miguelistas!

E D. Miguel e D. Maria eram parentes mui proximos — tio e sobrinha — e ambos netos de D. João IV, *o Restaurador*.

E os constitucionaes e os miguelistas eram a grande familia portugueza, os descendentes dos que libertaram a patria do poderio castelhano em 1640.

Dias ominosos são esses em que a escoria da plebe se propõe vingar um bando que ainda na ves-

ra ultrajou, e, rainha d'uma hora, mancha o seu ceptro no lodo, e avilta com elle quanto ha de nore e honesto, conculcando raivosa todas as convenões sociaes para d'ahi a pouco olhar em roda de si uscando onde apoiar-se... embalde! porque não chará no seu gremio honra, valor, nem saber, nehum merito e nenhuma virtude; e então emmudeer, e atravessar cabisbaixa o atrio, por onde pouco ntes passára blasphemando, com a cabeça altiva, e oroada do seu diadema de barro, — só lhe resta seultar-se na nullidade — é e será sempre a sua signa.

Mas quantos nomes respeitaveis não podem já então sobrenadar n'estes cataclysmos populares?

Tal foi a sorte de Henriqueta; seu pai assassinaram-o; tinha um irmão... não o tornou a vêr, que foi morrer na Asseiceira como soldado; incendiaram-lhe a casa, quebraram ou roubaram tudo o que possuia, disseram-lhe chufas lodosas, capazes de fazerem córar uma meretriz... porém ella não córou; por entre os brados, só escutava uma voz... era a de seu pai — seus dolorosos lamentos, vergando sob tão pesada cruz como a do Salvador, cercado por toda a parte de transumptos dos phariseus, e sem encontrar um Cyreneu!...

Quando não houve mais que pilhar, quebrar ou incendiar, quando o vocabulario de immundicies se esgotou n'aquelles labios hediondos, quando a joven, então de 17 annos, cahiu semi-morta, ao extinguirem-se os ultimos gemidos de seu pai, a chusma re-

tirou-se satisfeita, parecendo levar a consciencia de haver concluido uma acção de justiça... porém um homem que ficou ao pé do cadaver (assim o cria) uniu cuidadosamente os pedaços do vestido rasgado em hastilhas para cobrir as carnes virginaes da donzella, e fez-lhe aspirar um fortissimo espirito que trazia comsigo como medida preventiva para o primeiro symptoma do *cholera*. A virgem não respirou.

— Morta! — exclamou elle com afflicção — morta!

E depois, passando a mão pela fronte da donzella, continuou com dolorosa anciedade:

— Fria! fria como a pedra d'um tumulo!...

E uma torrente de lagrimas, cortada de soluços, se lhe soltou dos olhos.

Este homem era Serapião Vieira Barbalho.

D'um genio pouco communicavel, não procurando jámais sensações fortes, era esta a primeira vez que se via assim commovido; o acaso lhe deparára aquelle encontro, e transtornára por momentos esse espirito calculista e frio; passado o grande abalo tornaria a cahir na mesma apathia moral, como o placido ribeiro deslisa mansamente por seu acanhado leito, mas que um dia tropeçando em inesperado baixio se eleva em espumosas vagas, vence ou derriba o obstaculo, e torna a seguir impassivel o curso da sua corrente.

Porém Vieira estava afflictissimo n'esse instante, e só um recurso lhe lembrou:

— Este espirito é tão forte — disse elle — que eu

já vi erguer-se um homem que conduziam por morto, apenas lhe vasaram na bocca uma pequena porção... Experimental-o-hei em menor dóse sobre esta desgraçada.

Disse, e coou pelos dedos collocados na bocca do frasco, algumas gottas que deixou cahir entre os labios de Henriqueta: rapido e poderoso como a electricidade operou o balsamo; a joven abriu os olhos, ergueu a cabeça, procurou com uma das mãos equilibrar-se para levantar o resto do corpo, e pronunciou algumas palavras inintelligiveis.....

.....

Duas horas depois rodava uma sege pela rua Augusta, e parando á esquina da travessa de S. Nicolau, viu-se descer d'ella um homem de quarenta annos, ajudando a apear uma senhora mui joven que mal podia mover-se; eram Barbalho e Henriqueta.

Serapião Vieira, que havia perdido toda a sua fortuna e estivera cinco annos preso na torre de S. Julião, por inimigo do usurpador, salvára da deshonra e da morte a filha d'um de seus mais devotos sectarios: era a vingança d'um coração generoso!

Algum tempo depois, a visinhança fallava muito em uma linda menina que o snr. Barbalho tinha mui bem guardada em casa, e juizos mais ou menos temerarios começavam a formar-se sobre a intimidade que reinava entre duas pessoas de differentes sexos, cuja idade não era de todo incombinavel. O homem honrado propoz um casamento á donzella.

Henriqueta ficou aterrada com a proposta, porém

como tinha o coração livre, aceitou por gratidão. Amor nunca lhe teve, mas respeitava como pai o homem a quem o destino a ligára, e pensava viver feliz e socegada.

Não succedeu assim.

Passados alguns annos começou a sentir que um tenebroso vacuo existia na sua alma; aquelle coração tão puro batia desusadamente, sem que ella soubesse a causa: era a necessidade de amar, o sentimento collocado pela mão de Deus em todas as suas creaturas! Henriqueta entregou-se a um amor ideal, vago e phantastico, como o seu espirito romanesco; e os dias e os annos foram seguindo seu curso.

Emfim, quando seu marido, forçado pelas circumstancias, aceitou um emprego no ultramar; quando, deixando Lisboa, ella viu pela primeira vez a immensidade do céo, só limitada pela immensidade das aguas — este quadro gigantesco e maravilhoso, prestou côres maravilhosas ao seu amor gigantesco; e um homem que, á luz incerta da lua, viu, uma noite, cruzando a tolda com passos desiguaes, meditabundo e soltando a espaços profundissimos suspiros, foi revestido por ella com os adornos da sua imaginação exaltada, e tornou-se o objecto de todo o seu amor — unico pensamento da sua vida.

Este homem era Eugenio.

Ainda mal que, louco de amor como estava por uma mulher que o desprezava, não podia retribuir-lhe com igual affeição; Eugenio era digno d'ella, e

mar-se-hiam como os seraphins amam no céo — em-
ora o vulgo estupido e grosseiro abocanhasse a re-
utação de Vieira Barbalho.

Agora volvamos á nossa historia, ou mais exa-
tamente á historia d'esses desgraçados que entre al-
umas fracas tábuas sulcavam o oceano sob o abra-
ador sol dos tropicos.

Começava a declinar o dia, tão fertil em aconte-
imentos, como terá notado aquelle que houver lido
s antecedentes capitulos, e a noite que se alargava
ela vastidão do céo, promettia ser de grato folgue-
lo para a chusma maritima, a julgar pelos alegres
olloquios que d'um e outro bordo se entrançavam
le risos e ademanes festivaes desde os portalós até
o castello.

Na occasião em que os officiaes, esquecendo a
bservação astronomica, tratavam de D. Henriqueta
arbalho, o contra-mestre tinha-se chegado ao tenente
ntunes, perguntando-lhe respeitosamente se estava
ara breve a passagem da linha equinocial, e rece-
endo a satisfatoria resposta de que, continuando o
nesmo vento já estariam na tarde do dia immediato
ncravados no hemispherio austral, o contra-mestre
lesapparecera, e logo um bulicio surdo, vago e in-
lefinido, como acontece sempre na proximidade de
randes festas ou de grandes disturbios, começou a
nnunciar os aprestos da solemnidade pagã, que de
a quatro seculos se executa n'este ponto da inter-
essão dos dous hemispherios, pelos navios de todas
s nações do mundo.

*

Haviam soado as oito horas. Antunes entrára de quarto, e todos os officiaes, soldados, marinheiros e passageiros se achavam sobre o convés, quer dizer que todos os habitantes d'aquelle microcosmo haviam desamparado os seus respectivos alojamentos attrahidos pela fama do divertimento que se preparava, quando a explosão d'uma peça de artilheria repercutiu sobre a superficie das aguas um fogacho brilhante e o ribombar medonho, que se foi perdendo gradualmente até desapparecer muito ao longe.

— Uma fortaleza a sotavento! — clamou o marinheiro de vigia á prôa.

— Chega para as obras! — bradou rijo o velho tenente — braços grande e de gávea a barlavento! — larga bolinas! — ala e larga braços! — arría a escota á bujarrona! — orça!

E os grumetes de primeira viagem correram ligeiros á manobra, mas foram afastados pelos officiaes marinheiros a chibatadas, porque este instrumento flagellante é companheiro inseparavel de todos os divertimentos de bordo.

Assim como fôra superfluo o dizer que da prôa mesmo da corveta partira o tiro que mencionámos, assim se tornaria desnecessario acrescentar que tal fortaleza se não vira, nem a manobra ordenada pelo official era para se executar — tudo isto é velho para quem ha cruzado essas regiões; porém nós, que alimentamos a lisonjeira esperança de sermos lidos por algum feliz mortal a quem não tocasse ainda tão deploravel sorte, somos obrigados a explicar succinta-

mente esta intervenção do commandante e officiaes em uma festividade de marinheiros.

A subordinação militar é uma d'aquellas instituições, cuja necessidade todos proclamam, e de que o poder horrorisa geralmente. Tendo sobrevivido ao feudalismo e á inquisição, esta irmã gemea do despotismo ostenta-se no gremio dos paizes mais livres, e não recua ante o aspecto dos povos civilisados; arvore secular que o raio não ameaça, zombará eternamente de qualquer esforço humano; suas raizes são profundas, seu tronco impenetravel!

Porém, assim como em Veneza, no carnaval, se mesclam todas as classes para um folguedo geral, tão popular como aristocratico, amalgama sanccionado pela mão dos seculos; assim no recinto d'um navio de guerra, ha um dia em que os superiores e inferiores se confundem, se coadjuvam mutuamente, prestando mesmo os officiaes um caracter militar ao folguedo para o tornar mais conforme aos costumes d'aquelles homens, e deixando atacar impunemente as suas prerogativas, que algumas horas antes ou depois defenderiam a todo o transe.

É costume! Eis a unica resposta que se póde dar a esta especie de loucura; e o costume, que preenche as vezes da lei em tantos casos, proporciona n'esta occasião deliciosos instantes a homens votados á servidão, e, por consequencia, á desgraça.

Como é bello vêr esse nivel d'um dia correr da pôpa á prôa do navio, estampando por todo elle o santo dogma da igualdade; vêr pulsar livremente

tantos corações de homens valentes e leaes, salvo por um momento das algemas da subordinação!

Mas é geral esta alegria a bordo? não; que l estão aquelles que pela primeira vez transpõem o he mispherio em que nasceram para contrapesar a ba lança da alegria, como victimas n'este sacrificio pa gão, a fim de que essa pequena colonia que fluctu nas aguas, não deixe de mostrar um só moment que pertence a este mundo de risos e de lagrimas

Agora tornemos á narração.

Uma voz de Stentor, conduzida pelo tubo d'um enorme buzina, soou com accento sinistro desde extremidade do gurupés, perguntando que navio er aquelle, d'onde vinha, e qual o seu destino; ao qu Antunes respondeu tambem pela buzina como conv nha e com uma seriedade comica; o homem do gu rupés declarou em seguida ser embaixador de Neptu no, e que ia atracar á corveta.

Immediatamente ao clarão de alguns pharoes s viu surgir da prôa o embaixador, vestido como off cial general de mar, adornado com diversas conde corações, e montado em uma especie de cavallo ma rinho, que não era outra cousa mais do que dous ho mens acobertados d'uma mascara cavallar, e arma dos de enormes sócos, a fim de tornar mais ruidos a aproximação de tão alto personagem.

Alguns marinheiros trajados á turca e empunhan do lanças ou espadas, formavam um circulo ao con tra-mestre embaixador, e trombetas e tambores fe chavam o prestito.

O plenipotenciario depois d'um pedantesco discur-
o entregou ao commandante uma mensagem do seu
ei, na qual o potentado dos mares exigia o paga-
ıento d'um tributo por tantos seculos e por todas as
.ações, satisfeito pontualmente n'aquellas paragens:.
— era a exhibição d'uma moeda de prata de cada
.ma das pessoas, incluindo officiaes e passageiros,
ue passavam pela primeira vez ao seu vasto impe-
io do sul n'aquella corveta!

Tendo obtido resposta affirmativa á sua honrosa
ıensagem, o embaixador partiu com as mesmas for-
ıalidades com que havia chegado.

E o apito do mestre soou, e a sua voz rouque-
ha bradava:

— Chega moços para a linha, vamos a partil-a,
ue não deixa passar o navio!

O accento da voz d'este homem não indicava tra-
ır-se d'uma simples brincadeira; uns por estupidez,
utros por medo, todos os moços puxavam a bom
uxar por uma corda amarrada na prôa; de repente
corda foi cortada e os pobres moços cahiram uns
obre outros no convés, como um castello de cartas
oprado por um menino; seguiu-se logo uma ampla
spersão que se precipitava das gáveas sobre os mi-
ɜraveis, e era para vêr como se debatiam e entre-
ıocavam com a pressa de chegarem ligeiros á co-
erta.

Uma brilhante luz appareceu depois no mar, a
ombordo do navio.

— Que luz é essa? — clamou o official de quarto.

— É o escaler do embaixador — respondeu com toda a seriedade o vigia da prôa.

Era um barril com alcatrão e outros combustiveis, preparado para não mergulhar, e que a corveta ia deixando longe de si em sua carreira de cinco milhas por hora.

Este como prologo do drama que devia representar-se na tarde do dia seguinte, estava terminado; o commandante, que nem um só momento havia cedido a honra de conduzir a amavel passageira, em quanto durou a scena da *embaixada,* dispendendo profusamente com ella palavras de galanteio, recebidas é verdade glacialmente, propôz a Henriqueta e a seu marido o descerem á camara, receoso de que o ar humido da noite, como é sempre n'aquelles climas, pudesse alterar-lhes a saude.

Já se havia restabelecido o silencio em todo o navio; metade da guarnição se havia recolhido á coberta para descançar; a outra metade, dividida em grupos, pousava em varias posições pelos bordos da corveta.

Quebrou esta mudez o som d'uma campana.

Eram nove horas.

O bradar — álerta — das vigias resoou como uma resposta sepulchral ao chamamento mysterioso do sino.

Henriqueta collocava um pé no primeiro degrau da escada da camara, estremeceu involuntariamente e lançou um olhar suspeitoso em derredor de si... ao fraco clarão da lua viu sobre o tombadilho um

omem com os braços cruzados, em extasis diante o aspecto maravilhoso d'aquella noite dos tropicos; ra a mesma imagem que havia transformado o seu iver, dando vulto a um sonho, tornando real a feira de sua imaginação ardente.

Julio, collocado ao lado de Eugenio, contemplava lternativamente o seu amigo e a mulher que penára seduzir.

Henriqueta desappareceu.

O mar apresentava então esse phenomeno tão ommum nas temperaturas elevadas, a bella phosphorencia da ardentia; lá ao longe se enxergava ainla o fogacho artificial que os marinheiros haviam lançado ao meio d'esses luzeiros naturaes, e a lua e as estrellas reflectiam no céo com pallidas côres a imagem do oceano illuminado: era uma scena magestosa! — Nenhum pensamento cá da terra esvoaçava então pela mente de Eugenio, um suave e quasi divino arrobamento lhe repassava os seios d'alma; Julio respeitava religiosamente o seu silencio e a mudez da natureza, — e a corveta com seu bojo negro e os mastros e as vergas alçados em cruz, parecia um monumento sepulchral erguido á memoria de tantos milhares de naufragos sobre o seu campo de repouso.

Mas que é isto? D'onde partem estes suavissimos ccordes que tão frouxamente chegam aos ouvidos os dous jovens? É o preludiar d'uma canção humile em tosca guitarra de marinheiro; mãos grosseias a dedilham sem os atavios custosos da arte, po-

rém com mais harmonia que a harpa dourada dos salões, porque esta toada, monotona e simples como os canticos dos prophetas de Israel, era um echo da briza, que susurrava tambem com simplicidade e monotonia por entre os pinheiros erguidos no dorso da embarcação solitaria.

Uma voz começou de entoar esse poema tão repassado de melancolia, tão cheio de verdade, de tão singelo colorido, a que chamam — *A vida do marujo;* nenhum estranho som a perturbava, a não ser o quebrar das vagas na prôa do navio, indignadas contra a violencia com que lhes rasgavam o seio.

Se tendes ouvido a deshoras os suspiros longinquos d'um alaúde ou d'uma flauta, no campo ou mesmo no povoado, esse som vos deve ter produzido uma unção tão dôce como se póde imaginar que os anjos desfrutam no Empyreo; julgai do effeito que produziria em uma alma da tempera da de Eugenio, e mesmo de Julio, esse cantar singelo no meio das ondas, vendo confundir-se o céo com as aguas em um circulo immenso que parecia limitar um mundo á roda do baixel isolado!

Que me acoimem de hyperbolico — embora! — tenho a intima convicção de que a capital do mundo se salvaria das chammas, se no momento de Nero accender o facho que devia incendial-a, pudesse escutar uma toada simples e sublime — como as coplas da *Vida do marujo,* trazidas nos halitos da briza em fascinadora noite do equador.

Os dous jovens officiaes desceram vagarosamen-

te a escada do tombadilho, atravessaram a tolda e foram collocar-se em face do cantor; a lua dava-lhe de chapa sobre a cabeça regularissima, seus cabellos louros fluctuavam ao bel-prazer da briza, e seus olhos azues se cravavam em uma estrella brilhante com um ar de inspiração que debalde se buscaria na Pythonisa ou no bardo dos velhos tempos.

Ao lado do joven (pois que era joven o menestrel) estava um vulto de homem — enroscado e chorando; era seu irmão.

O primeiro, a quem davam o sobrenome de *Russo,* era o enlevo da guarnição, porque a divertia com seus cantares em quanto o irmão de feia apparencia e gago, só inspirava desprezo e mofa áquelles homens endurecidos por fadigas de que não esperavam ao cabo de largos annos de afão — nenhum premio, nem consideração social.

O defeito não era dos homens, era das instituições.

Para outros capitulos fallaremos de alguns pontos da organisação actual da marinha de guerra em Portugal, e suggeriremos algumas idéas de reforma.

Por agora escutemos o que se diz no bailéo de estibordo, onde está o menestrel, pois vem de quebrar-se o silencio.

— Porque está chorando este maldito *Gago?* — perguntou um grumete de feia catadura, assentando o largo pé, calloso e gretado, sobre o peito do desgraçado.

— Olha que é meu irmão — respondeu o *Russo,*

interrompendo bruscamente o canto, e procurando com disfarce o cabo da sua faca.

— Deixa-o descançar hoje, *Feio-bicho,* queremol-o folgado para o divertimento de ámanhã.

— Fallaste com juizo, *Mata-a-mãi,* por hoje bastará de pagode... Ó *Juiz-da-fome,* vamos fumar.

— Vamos lá — disse, erguendo-se, um velho marinheiro magro, macilento e curvado — ámanhã ajustaremos contas com estes amigos novos; e quando tiverem, como eu, treze viagens do Brazil e seis de cabos-a-dentro, quando tiverem conhecido mulatinhas e bailadeiras, que façam o mesmo aos que lhes apparecerem por cá... Então já eu terei morrido no hospital.

— Ou na *casa do troço* — acrescentou o *Mata-a-mãi.*

— Isso é p'ra quem é — replicou o *Juiz-da-fome* — como o outro que diz — Quem não tem padrinho morre mouro.

Digamos de passagem, a quem o não sabe, que é cousa mui rara a bordo ouvir chamar pelo nome de baptismo ou de familia a qualquer marujo; assim não se admire o leitor de encontrar n'este livro substituidos os verdadeiros nomes pelas denominações vulgares, que os tornavam mais conhecidos e de alguma maneira historicos.

A musica cessou de todo algum tempo depois, e já uma boa parte do auditorio se havia retirado; os dous officiaes recolheram-se tambem aos seus camarotes profundamente commovidos, e o silencio se tor-

nou a restabelecer — apenas interrompido a espaços pelo bater das velas contra os mastros, que já encontravam pouca força na briza para as enfunar amplamente, e alguma pequena vaga que vinha quebrar-se ás vezes contra o leme da corveta.

Aguardaremos pelo novo dia para continuar a tarefa que nos propuzemos desempenhar — ainda mal — com tão pouca arte.

VI

Por este largo mar emfim me alongo
Do conhecido pólo de Callisto,
Tendo o termino ardente já passado
Onde o meio do mundo é limitado.

CAMÕES — *Os Lusiadas.*

— Em que pensas, Julio? — dizia Eugenio, tocando levemente no hombro do seu amigo.

— Nas mulheres! — respondeu aquelle com ar sombrio, e passando a mão pela fronte, como para riscar um pensamento afflictivo que alli tivesse esampado.

— Nas mulheres? Não as aborreces, não as desprezas?

— Não, Eugenio; amo as mulheres virtuosas, como respeito os homens de coração — mas onde en-

contrarei essas maravilhas? desprezo as mulheres e os homens, quando julgo descobrir-lhes através da mascara, que dizem feita á imagem de Deus, um fundo de orgulho, de vaidade, de hypocrisia; ou quando, por um repugnante descaro, arrojam longe de si a tunica do pudor; pensava em Adelaide e em Henriqueta... e lamentava-te, porque és um homem de outras eras, com demasiada honra e lealdade para este seculo de traição e de egoismo; com um coração de Camões ou de Bernardim n'esta idade em que não ha Catharinas nem Beatrizes. Procurava comprehender como um homem se apaixona por uma mulher que o despreza; como um homem despreza uma mulher que o adora... E ria-me da sociedade, porque só descobria loucura onde tantos acham abnegação... Miseria! — dizia eu — miseria em tudo, eis a partilha da humanidade! E não se envergonha o homem de assoalhar, voz em grita, que é a mais nobre creação do Omnipotente! quando não póde reger-se a si, nem conhece algum dos sêres que o rodeiam!... Lamentava-te, Eugenio, porque sou teu amigo, teu irmão... e amaldiçoava essa mulher orgulhosa que não soube comprehender-te, e que te envenenou a vida na seiva... desprezava essa outra mulher que revela o seu amor aos olhos menos perscrutadores, apesar da tua indifferença, e cuja carencia absoluta de orgulho vai tocar no opposto extremo do descaro.

— Oh! cala-te, Julio, não sabes o mal que me fazes com essas palavras! Se te não conhecera, jul-

gar-te-hia um malvado; assim pareces-me um anjo arrojado dos céos, e que Satan envia para fascinar-me e perder-me!

— Eugenio! o verdadeiro amor é filho da mutua affeição, é uma convenção de dous corações, deixa-me expressar assim, homogeneos, attrahidos reciprocamente por um iman secreto, e só comprehendidos um do outro.

— Torno a repetir-te — disse Eugenio commovido e acariciando Julio com um sorriso melancolico nos labios, e duas lagrimas suspensas das palpebras — Julio, tu não sabes o que é o amor, pois que o submettes a calculo; queres tornar palpavel, positivo e synthetico o que ha de mais ethereo, abstracto e indefinivel, verdadeira imagem da alma, mysteriosa como o seu Creador!

— Um septico... um atheu! — exclamou Julio, depois de breve silencio — eis o nome ridiculo que me deram os homens a quem confiei o meu intimo pensar... Um louco folgazão serei chamado por aquelles que me conhecem superficialmente, que me teem visto rir entre homens ignobeis, que me teem encontrado na sala do baile, ou no voluntabro da orgia... e porventura nenhum terá acertado! — Quem eu sou?... não o sei eu mesmo... não o sabes tu — nenhuma mulher, nenhum sêr terreno e mortal... Só Deus, porque elle sabe tudo... se acaso existe!...

E um sorriso de amarga ironia esvoaçou pelos labios do mancebo, mescla infernal de penosos sen-

timentos — a duvida, a indifferença, o desconforto; era o riso de Lucifer, ao vêr assomar nos humbraes do inferno a alma d'um condemnado.

Eugenio exclamou aterrado:

— Serás ainda mais desgraçado do que eu!? Até a esperança te faltará, esse ultimo conforto da humanidade?... como encaras o futuro?

— O futuro! é uma palavra magica que, a nosso pezar, sempre tem echo no coração — por muito isento de sensações que esteja, como o meu; tem uma harmonia sublime vibrada pelas cordas d'alma, suave como uma aria de Bellini, ou tremenda como um côro de Meyerbeer... Encerra sempre uma esperança — ainda que para mim, só brilha com o fulgor do relampago, que rapido illumina os céos, e logo se funde em trevas.

— Mas como combinar esses teus pensamentos com o ar de jovialidade e socego que todos por ahi te notam... com o teu plano de seduzir Henriqueta?

— Louco, cem vezes louco aquelle que patenteia as ulceras do coração aos olhos das turbas... quanto mais sangue ellas vertem, mais se deve apparentar alegria no rosto... Não, esse gosto não darei eu á ignobil raça do commum dos homens, nunca hão de lêr na minha alma! Fallaste em Henriqueta... crês que eu a desprezo por não lhe haver merecido uma palavra, nem um gesto de ternura?... muitos o hão de suppôr, e a verdade é, que se eu pudesse ter consideração pela mulher já adultera no pensamento, senão na realidade, fôra a sua resistencia um

motivo para lhe tributar respeito. Essa idéa que um momento fez nascer, e outro momento dissipar, creada pelo desejo de contrariar o commandante, extincta por não querer figurar de teu rival, essa idéa em que não teve parte o coração... esvaeceu-se para não resuscitar; e em quanto procuravas encontrar analogia entre ella e a baroneza de Gaya, folheando o romance que te emprestou, em quanto olhavas attento e quasi lacrimoso para o *martyrio* com que te mimoseára... eu lia as MEMORIAS DO DIABO, para classifical-a, segundo o systema de Soulié, e lançava uma vista de desprezo sobre algumas madeixas de cabello — louro, negro e castanho — d'outras mulheres, mais humanas para commigo...

— Como te devo causar lastima, Julio, amando sem esperança, sem poder beijar e inundar de lagrimas ardentes uma só lembrança da mulher que adoro, porque nada possuo que lhe pertencesse!

— E vaes sacrificar a vida n'um clima pestifero para lhe poupares o dissabor da tua presença, morrer ao fogo lento da desesperação, em quanto ella, talvez, nos braços d'outro...

— Oh! não concluas, Julio! Não se atreverá a receber as homenagens d'outro homem, conhecendo-me como me conhece. Quando resolvi partir para a Africa e lhe fiz saber este designio e a sua causa, esperando talvez, insensato! ouvir de seus labios uma palavra consoladora; quando lhe dizia o ultimo adeus, recebendo d'ella só expressões frias e banaes: « O primo está louco, perca essa illusão,

tenha juizo»; juizo! como é facil dizer-se: — tenha juizo! — Oh! n'esse momento de desesperação fiz ante ella um juramento solemne: — Adelaide — lhe disse — não pódes ser minha... não serás de outro; juro-te pela minha honra que não existirão no mundo dous homens que te amem! vêr-me-has apparecer, entre ti e o teu amante, quando mais longe — bem longe — me julgares, com a dextra armada... implacavel como a ira de Deus!

A voz d'um novo interlocutor veio interromper este dialogo que levava geito de se prolongar indefinidamente.

A scena passava-se na tolda da corveta; eram tres horas da tarde, e Julio estava de quarto. Um marinheiro veio pedir licença para começar o *Divertimento de Neptuno*.

Concedida a licença, e avisado o commandante, os dous officiaes separaram-se, um para subir o degrau do catavento, o outro a escada do tombadilho; o primeiro occultando o dissabor que lhe causava aquella interrupção sob um gesto de alegria, o segundo patenteando todo o enojo que lhe incutiam os preparativos da festa.

Nós, que vamos esboçar esse quadro — talvez contra vontade de muitos dos leitores — prepararemos o auditorio, como faz o author dramatico, delineando primeiro o lugar e os accessorios da scena.

A acção passa-se entre o mastro grande e o da mesena; a estibordo uma tina cheia d'agua pouco olorosa, ou, para fallar com mais precisão, d'um olor

demasiadamente activo; sobre ella uma tábua untada de sabão pela parte inferior; ao lado um banco destinado ao confessor; a bombordo uma mesa coberta com pano encarnado como as dos tribunaes, com todos os preparos para escrever, e uma bandeja imitando prata; duas cadeiras.

Collocados sobre o tombadilho — D. Henriqueta e Barbalho, o commandante e alguns officiaes; o restante d'estes, a marinhagem e soldados pelos dous bordos do navio, á ré e ávante do lugar da scena. A um apito do mestre subiu o pano (a vela grande), e as personagens do auto appareceram em chusma aos olhos dos espectadores.

Uma rouca trombeta resoou desde a extremidade da prôa com um accento sinistro; seguiu-se logo o estrondo d'uma voz africana clamando com o auxilio de descommunal buzina:

— Pagarão, pagarão... senão, á tina irão!

Estas palavras sacramentaes, endereçadas aos grumetes novatos, soltava-as o primeiro personagem do auto, que já caminhava pela tolda: era um negro, alto e robusto, quasi nú, como os demais actores d'aquelle drama, e que como elles trazia o corpo pintado de varias côres; o tangedor da trombeta seguia-o de perto — era um corneteiro do batalhão naval.

Depois, alguns marinheiros armados e com turbantes á mahometana, tiravam um carro triumphal ornado de galhardetes e bandeiras, onde vinha sentado um velho guardião com o seu diadema de ou-

ropel coroado por um peixinho de lentejoulas, e sopesando na mão o formidavel tridente de pinho e folha de lata; acariciava dous pequenos que clamavam sem cessar, como manda o inalteravel programma de ha quatro seculos: Justiça, meu pai! — e o velho respondia-lhes com uma seriedade imperturbavel: — Recta, meus filhos!

Seguia-se um juiz e um escrivão, um barbeiro e o seu aprendiz, um padre e um sacristão, — e fechavam o cortejo quatro aguazis: entre estes poderá o leitor conhecer o *Feio-bicho,* o *Juiz-da-fome* e o *Mata-a-mãi;* o quarto não era menos desalmado do que os seus tres camaradas — condição essencial para ser admittido a desempenhar tão importantes funcções — chamavam-lhe o *Santo-Thyrso,* para commemoração do lugar que lhe dera o berço.

Estavam pois em scena todos os actores da tragi-comedia, menos um — o Diabo.

Neptuno pulou fóra do carro e investiu com o official de quarto, de tridente enristado; aquelle, segundo o ritual, cedeu o lugar e retirou-se para a pôpa, não perdendo de vista uma trovoada que se preparava no horisonte; dous dos musulmanos desalojavam o timoneiro e o seu adjunto; o juiz e o escrivão occuparam as cadeiras de bombordo, o padre a de estibordo, e o barbeiro dispôz as navalhas e tesouras ao lado da tina.

— Senhor juiz — clamou Neptuno, quando se restabeleceu o silencio, depois da hilaridade geral produzida pela apparição d'aquellas caricaturas — senhor

juiz, dê andamento ao processo, e faça justiça recta, rigorosa e breve.

Então o escrivão começou a lêr a lista dos condemnados pelo enorme crime de não haverem ainda navegado no hemispherio austral; e os padecentes vinham successivamente largar na bandeja uma maior ou menor moeda de prata; os que não tinham com que pagar, ou não queriam, eram levados ao padre para que os confessasse, e este tinha o cuidado de lhes dar a beijar repetidas vezes a enorme cruz de madeira que tinha na mão, de geito a quebrar-lhes os dentes; depois de bem aspergido pelo sacristão, era conduzido o padecente por aquella rua da amargura até á loja do barbeiro — peor que o sapateiro de Jerusalém; — alli, o mestre e o aprendiz esfregavam-lhe o rosto com ferrugem, e tirando por um dos lados a tábua em que se sentava o miseravel, era mergulhado na tina barbaramente. E não estava ainda concluido o sacrificio: o Diabo baixava então da gávea, preso por um cabo, e segurava o condemnado; porém longe de sumir-se pela terra abaixo, como se vê em todos os autos sacramentaes e comedias profanas onde figura o Tinhoso, voava de novo até certa altura, e arrojava d'ahi o infeliz!

Já se havia repetido este barbaro divertimento algumas vezes, entre geraes gargalhadas, quando foi chamado o *Gago* ao tribunal: o pobre diabo pagou o tributo metallico como a maior parte dos novatos, porém foi resolvido por acclamação unanime que devia ser confessado, para gozar o publico por

mais tempo do espectaculo curioso da sua afflicção.

O desditoso estava pallido, sem voz, e quasi sem movimento; levaram-o aos pés do confessor, e elle deixou-se arrastar sem pronunciar uma só queixa; não ficaram satisfeitos; d'Anaz conduziram-o a Caiphaz, e o aprendiz do barbeiro já se dispunha a tosquial-o, entre visagens e facecias d'uma cara horrenda de sua natureza, e d'um accento de voz nasal e quasi inintelligivel — quando um brado soltado da gávea grande o suspendeu.

— Não lhe toques, *Chora-vinagre,* olha que te tiro a vida...

Fôra o *Russo* quem proferira aquellas palavras.

Houve um momento de espectação silenciosa.

Depois, o Diabo exclamou:

— Tens medo, *Chora-vinagre?...* pois eu lá vou.

E tentou baixar da gávea, como das vezes anteriores, porém mão de ferro o segurou.

Ainda era o *Russo.*

Seguiu-se uma lucta encarniçada, porém silenciosa, que terminou por ser arrojado da gávea — a contra-gosto seu — o monarcha das trevas.

Era Satan precipitado pelo archanjo.

O marinheiro cahiu sobre a multidão apinhada em volta do mastro, e não soffreu lesão alguma.

— Abaixo o *Russo!* — clamou o juiz.

— Abaixo! — repetiram os aguazis e os mouros.

E subiram rapidamente a enxarcia.

O *Russo* saltou sobre a *pêga* com uma barra de

erro na mão, e aguardou socegado a aproximação la turba.

Era a estatua da coragem.

Não conseguiram vencel-o, e alguns dos aggressores voltaram feridos da peleja.

O sacristão, o Diabo e o juiz, que tentavam persuadil-o a descer, não foram mais felizes.

Foi necessario que interviesse a authoridade do commandante, para fazer cessar o tumulto.

O marinheiro obedeceu á voz do official.

Desceu, e foi enviado para o porão em custodia.

O *Gago* havia-se escapado no meio da revolta.

.....

Julio, que observára a aproximação da trovoada, e que desejava vêr terminada a festa, mandou chegar a maruja para as obras; e aquella mescla de personagens biblicas, mythologicas e mundanas, entrou de novo no exercicio de suas antigas funcções, sahiu de chofre no abysmo da realidade.

Neptuno fez soar o seu apito de guardião, o *Choa-vinagre* foi ajudar a ferrar a *sobre-gata,* o *Santo-Thyrso* trocou a vara de alcaide pela direcção da sua gávea, e assim os demais actores... Estava desfeita a illusão pelo rouco bradar da tormenta.

No dia seguinte, seriam dez horas da manhã, o mestre chamava a guarnição sobre a tolda na rude linguagem do seu apito; os officiaes corriam igualmente, em uniforme, e o commandante, tendo na mão um pequeno livro de encadernação vermelha, aguardava que os marinheiros tomassem os seus respecti-

vos lugares pelos bordos do navio; reinava o silencio dos tumulos.

A apparição d'aquelle livro, bem conhecido da marinhagem, indicava que ia fazer-se um castigo, e posto que fosse ainda incerta a direcção que tomaria a pedra, fortes suspeitas se elevavam já entre a chusma — consoladoras para uns, pungentes para outros.

O livro era com effeito o REGIMENTO PROVISIONAL (provisional ha meio seculo!), caduca e inexequivel lei, pela qual são ainda hoje mandados reger os navios do Estado, e á qual andam annexos os ARTIGOS DE GUERRA, imperfeitissimo codigo penal da marinha.

Foi mandado conduzir á tolda o *Russo*. Quando elle ahi chegou, com passo firme, porém extremamente pallido, o commandante abriu o livro, e leu o que se segue:

« Artigo LXI dos de guerra.

« Todo o official de patente, ou inferior, que matar ou ferir grave, ou levemente ao seu camarada, ou qualquer outra pessoa, será punido segundo as leis militares e do reino, e segundo as circumstancias; sendo porém o aggressor qualquer soldado ou pessoa de marinhagem, que mate ou fira o seu camarada, ou qualquer outra pessoa, será condemnado a galés, arbitrariamente, e até á pena de morte inclusivamente, conforme o caso o pedir ».

— Este marinheiro — continuou o commandante, fechando o livro e apontando com elle para o *Russo* — feriu levemente alguns dos seus camaradas: re-

evando em parte a culpa por ser o excesso commet-
ido para defender seu irmão, vai ser castigado com
incoenta chibatadas.

O marinheiro cahiu de joelhos sem pronunciar
ma palavra. Algumas lagrimas rebentaram dos
lhos d'um ou d'outro dos seus camaradas, e dos of-
ciaes.

— Levanta-te e tira a camisa — disse o comman-
ante — contra-mestre, chegue-se com a chibata.

— Senhor, perdão! — exclamou suffocado o ma-
inheiro, caminhando de rastos até junto do com-
nandante.

— Amarrem este homem — foi a resposta d'elle.

Barros não era insensivel; mas rigido observador
a disciplina, reputava uma falta indesculpavel no su-
erior, ceder a supplicas ou lagrimas, quando havia
leterminado um castigo justo; estava talvez commo-
ido intimamente; porém occultava o sentimento do
nomem sob a mascara do militar.

O *Russo* viu caminharem para elle alguns gru-
netes mandados pelo mestre para o segurar; d'um
alto evitou o seu encontro e ganhou a borda da
orveta, resolvido a lançar-se nas ondas; porém os
eus movimentos eram espiados pelo *Mata-a-mãi,*
que se arrojou ligeiramente sobre elle, e o colheu
or uma perna no momento em que ia a precipi-
ar-se.

Foi novamente arrastado para a tolda.

— Senhor commandante — disse com voz debil o
ondemnado — antes as galés, antes a morte... do

que esta humilhação! (e apontava para as chibatas alçadas nas mãos dos guardiões); meu pai morreu nas linhas do Porto como valente: era capitão do 5 de caçadores—continuou o desgraçado com voz quasi extincta—meu avô expirou traspassado de cem golpes na brecha de Badajoz... Oh! não açoutem o filho e neto dos valentes!

Alguns soluços se perceberam no meio do silencio que se seguiu, porém o commandante olvidando tudo, menos a disciplina, respondeu seccamente:

—Delinquiste, has de ser punido como outro qualquer, fosse elle meu pai, meu irmão ou meu filho.

—Salve-me, senhor commandante! — tornou o marinheiro com o tom mais despedaçador—as galés ou a morte... mas a chibata, não!

—Porque te não lembraste do castigo quando estiveste a ponto de assassinar o teu camarada arrojando-o da gávea? Se conseguiras tirar-lhe a vida, eu te prometto que não commetterias mais crimes.

—E não seria chibatado se o matasse?—perguntou o *Russo* com um gesto de grande curiosidade.

—Serias enforcado—respondeu seccamente o commandante.—E depois, virando-se para os officiaes marinheiros:—Vamos—proseguiu—este homem amarrado a um *xadrez,* e as chibatas promptas.

—Não!... não!...—bradou o *Russo* como um possesso—não serei chibatado!...

E arrancou da faca que tinha na cinta.

—Assassinarei um...

E precipitou-se sobre a chusma, que recuou com-

pacta como se fôra um só corpo. Velozmente Eugenio lançou-se sobre elle, e segurou-lhe o braço esquerdo, dizendo:

— Que vaes fazer, louco?

— Este! logo este! — exclamou desvairado o *Russo* — é a fatalidade que o atravessa no meu caminho! Pois seja este!

E cravou a faca no peito do guarda-marinha.

— Agora — proseguiu arrojando o ferro para longe de si, e extenuado de forças por tantas sensações — agora sou um assassino... serei enforcado... mas não açoutado como um cão!

Em quanto elle pronunciava estas palavras, alguns officiaes couduziram o guarda marinha ferido para a camara, e uma porção de soldados segurava o marinheiro desarmado; um murmurio confuso, formado por duzentas vozes, substituira o silencio que pouco antes reinava.

Um quarto de hora depois, o cirurgião declarava ser bastante perigosa a ferida de Eugenio, o *Russo* jazia no porão agrilhoado de pés e mãos, os officiaes reflexionavam sobre o facto, marinheiros e soldados repousavam silenciosos, e o commandante nomeava um conselho de investigação para processar o attentado.

E a corveta resvalava sobre as aguas, debaixo d'um céo azul e d'um sol brilhante.

Quem diria, vendo a placidez com que se meneava, que no seu bojo acabava de commetter-se um crime?

VII

> As culpas *leves,* commettidas por *descuido* ou *inadvertencia,* serão castigadas com vinte, trinta ou cincoenta pancadas dadas com a espada de prancha.
>
> *Regulamento de infanteria,* cap. XI. §. 3.º

Muitos seculos passaram por sobre a face da terra, sem que os homens imaginassem a ibilidade de executar uma grande e philosophica lução nos codigos penaes dos Estados: abolir a de morte! E entretanto se não soou ainda a de ser extirpada esta anomalia social, os esfor- :eunidos dos gigantes da civilisação já tem aba- em seus alicerces o carunchoso edificio das theo- feudaes. Homens distinctos, entre os quaes Vi- Hugo, consagraram brilhantes paginas de elo- cia, repassadas de sãos principios, fortes de ar- entos, a esse grande fim moral; e hão de trium-

phar. Se é porém um grande serviço á humanidade, á civilisação, o divulgar taes doutrinas, ha um serviço muito maior a prestar a uma classe particular da sociedade, ainda mal, que por ser a um ramo só d'essa grande familia, não tem tido por si tão esforçados campeões; fallo dos soldados e marinheiros, sujeitos ainda a castigo corporal, á applicação das pancadas de chibata (as pancadas de espada foram substituidas por estas) — castigo horrivel, affrontoso e estupido, que desce o homem até ao nivel dos brutos. E desculpe-nos o leitor que cedendo á força d'uma intima convicção nos alarguemos mais sobre o objecto do que talvez pareça compativel com uma obra d'este genero.

.....

¿O desgraçado, cujas costas foram dilaceradas a golpes de chibata diante d'um maior ou menor numero de espectadores, poderá jámais revindicar a sua posição de homem na sociedade, quando leis antigas, que se tornaram proverbiaes para nós, dizem: o açoutado não serve para testemunha?! Embora tenha olhos não verá nem a virtude nem o crime; embora tenha labios não deporá a favor do justo, nem contra o malvado; embora tenha mãos a sua assignatura, os seus escriptos não terão peso nenhum, porque esse infeliz morreu para a sociedade, que lhe escreveu no corpo com caracteres de sangue a sentença d'um perpetuo aviltamento; porque os homens, seus iguaes, com um instrumento flagellante lhe estamparam para sempre sobre as carnes o ferrete da

infamia. Não seria melhor que lhe tivessem arrancado a vida? A ferocidade d'estes entes que se dizem feitos á imagem de Deus, legisladores, philosophos, publicistas, — mata-lhe a alma... não seria caridade, philanthropia matar-lhe tambem o corpo?...

Ha um motivo assás forte para que o objecto que nos propuzemos esboçar não tenha merecido d'igual fórma a attenção dos mais celebres escriptores como a pena de morte: — é porque os assassinatos juridicos são executados nas praças diante das multidões, as sentenças de condemnação são publicas, os jornaes discutem sobre os crimes, e os criminosos do dia são ainda objecto de conversação nas ruas e no seio das familias, porque a toda a parte chega a noticia da execução no cadafalso; e o assassinato militar, conhecido pelos nomes de *castigo corporal* ou *chibatadas,* faz-se no terreiro d'um quartel de regimento, ou na tolda d'um navio, a arbitrio dos respectivos commandantes, precedido ás vezes por um conselho de officiaes *pro forma,* que o superior póde annullar ou desprezar; e longe das vistas do philosopho, que ha pelos quarteis de tropa, e pelos navios de guerra, bem pouca d'essa gente.

É um escarneo inaudito e repugnante, é a mais ridicula das contradicções que temos achado n'este mundo de anomalias, trasladada n'uma geringonça de palavras com que se pretendem explicar cousas inexplicaveis: — *O soldado exerce uma profissão honrosa* — diz por ahi toda a gente — *o mais graduado general se ufana que lhe chamem* BOM SOLDADO, —

Napoleão é o maior soldado do seculo XIX, *Albuquerque o grande soldado do seculo* XVI, e a esse homem a quem chamam *sagrado,* quando está de sentinella, *columna da patria,* quando expõe a vida no campo, *mantenedor do socego* no seio da paz; a esse homem a quem se dirigem tão bellas palavras nas proclamações dos chefes, que é recebido no regresso de uma campanha sob corôas de louro com lagrimas de alegria; a esse homem tão carregado de honras e de applausos — porque respondeu uma palavra mais de rijo a um superior, ás vezes indigno — por menos ainda, despe-se-lhe a farda e a camisa diante de seus camaradas, formados em parada, e promptos como se houvessem de marchar para um combate, ou para uma festa, e alguns cabos de esquadra armados de varas — algozes contra vontade e sem crime — lhe despedaçam as costas, lhe retalham as carnes! e ai d'aquelle que, cortado o coração pelos gritos da victima, perdido o alento pelo espectaculo infernal que tem ante os olhos, afrouxar um pouco o açoute, — lá está o sargento de espada alçada para o advertir que fraqueou, e, se fôr mister, ainda haverá quem advirta o sargento de que não tem a *precisa* actividade: — é uma escala d'algozes!

Se nos referimos aos marinheiros, a hediondez cresce de ponto. O marinheiro emprega um subido numero de annos em exercitar-se nos diversos ramos da sua difficil profissão para depois viver continuada vida de trabalhos — trabalhos!... como não imagina quem não viu um d'esses homens trepado no to-

pe d'um mastro, prompto a desarvorar entre o ribombar da trovoada, o fuzilar que o cega, o sinistro assobiar do vento e as golfadas do mar que o acapellam, segurando-se com uma das mãos para resistir ao encontrado arfar da embarcação, e com a outra armada d'uma faca, cortando ás vezes os cabos de que parece depender a sua salvação... Esse homem é credor de respeito e admiração! Salvou talvez pela sua pericia uma tripolação inteira!... Mas passados alguns dias embriagou-se, adormeceu e não ouviu o agudo apito do contra-mestre; faltou; pois ser-lhe-ha infligida a aviltante pena dos açoutes, sentirá sobre as carnes o som rouco das chibatadas, estorcer-se-ha com dolorosa agonia... e o homem que affrontou no mar a furia dos elementos, nos combates o peso da refrega, que ao som d'um cantar maritimo rebocou um burlote para incendiar o vaso inimigo com perigo imminente da vida... quasi morte infallivel, esse homem lança gritos despedaçadores, arrancados pela vergonha e pela dôr... esse homem pede com as mãos unidas, com as lagrimas nos olhos — que lhe dêem antes a morte!... Mas não se attendem os seus rogos!

A morte no cadafalso e no quadrado, é para crimes maiores, — rebellião, assassinato e quejandos; a pena corporal é para delictos inferiores, para as *mais pequenas faltas;* porém, quando se quer perdoar a pena ultima a um grande criminoso, a *caridade* faz commutar-lh'a em alguns centenares de açoutes, e o homem assim *perdoado* não morre ás mãos do car-

rasco, que em um momento com seu cutelo afiado, ou laçada de esparto, lhe acabaria os tormentos — não expira tambem com o coração varado por vinte balas dos seus camaradas... não! houve para com elle *caridade, bondade, perdão!* agonisará entre torturas como as do inferno, com os labios em fogo, as carnes dilaceradas, vertendo sangue a jorros por centenares de feridas, cauterisadas depois ainda por *caridade,* a fim de vêr se é possivel prolongar uma vida — arruinada no physico e infamada no moral.

Contai tudo isto ao philosopho que trata de reformar o mundo no fundo do seu gabinete, dizei-lhe que isto se passa nos nossos dias. «Sim — responderá elle — mas não é nos paizes *civilisados,* é lá entre os selvagens da Patagonia, ou no paiz dos Hottentotes». Sorvendo então uma larga pitada de aromatico rapé, escreverá um longo capitulo para o seu *Tratado de moral,* lembrando a necessidade de civilisar os barbaros filhos da America e da Africa, a fim de gozarem das vantagens dos *povos policiados.*

E o philanthropo que emprega o dinheiro, a saude e o talento na grande obra da repressão do trafico da escravatura, trafico infame é verdade, não se lembra que ao pé de si, quasi aos seus olhos, muitos dos seus compatriotas da sua mesma côr, gemem como os negros, porque são escravos, porque a contra gosto seu os fizeram soldados ou grumetes.

Seria justo que todos os homens bons fizessem uma cruzada contra o sordido e inhumano trafico de africanos; esses estrangeiros d'uma outra côr, são

todavia nossos irmãos perante Deus; mas abandonarmos os compatriotas — os brancos — para só nos lembrarmos d'aquelles, é incomprehensivel, desarrazoado, atroz!

Pois não terão os homens brancos o seu Brougham, o seu Palmerston?

Não foi o desejo de brilhar pelo sentimentalismo que nos levou a escrever estas linhas, não. Estes quadros que tocamos de leve, tem sido por nós em demasia presenceados. Quantas vezes bradando-nos a consciencia: «Esse homem vai ser punido e está innocente», nos vimos forçados a assistir á execução! Ninguem queira experimentar o que então se passava em nós, sentindo desfallecer o coração, e baterem as arterias da cabeça com a intensidade d'um vulcão. Era cruel ter olhos para vêr a victima ligada a um madeiro, salpicando de sangue os seus verdugos; vêr esses rostos lividos e contrahidos dos espectadores, amigos e camaradas do suppliciado, que nem ousam encaral-o, nem dizer uma palavra em sua defeza, nem dar uma lagrima ao seu martyrio, — e no meio d'este quadro sangrento, barbaro e... solemne tambem, porque é ás vezes a hora do passamento d'um homem a que Deus tem de assistir em toda a sua magestade, porque falta ahi um sacerdote, seu legado; no meio, dizemos, d'essa scena tão triste, tão despedaçadora, um commandante feroz, immoral e estupido, dizendo chocarrices lodosas, dando o ultimo requinte de baixeza a esse acto já de si ignobil com torpes doestos endereçados ao infeliz, talvez con-

demnado por uma falta grave, mas involuntaria, talvez victima d'uma mesquinha vingança!

Nenhuma lei penal do exercito ou da armada — ao menos das que nós conhecemos — authorisa a applicação de pancadas de chibata ou espada em numero de mais de cincoenta, porém todos nós havemos visto ou sabido como se abusa d'aquelle meio de correcção [1].

Entendemos, pois, que tal pena deve extinguir-se.

— E o que lhe substituiremos? — objectar-nos-hão.

— E o que substituiram aos açoutes no fôro civil? — retorquiremos nós.

Pois as constituições modernas que todas consignam a abolição d'essa pena degradante, só a deixarão subsistir para flagellar aquelles que no campo da batalha expõem a vida em pró das instituições livres?

É revoltante!

Se se dissesse a um homem da idade média que os tratos haviam ser supprimidos nos processos — esse homem não o acreditaria. Como provar os crimes, como esclarecer as causas mysteriosas? quem

[1] O ultimo decreto a tal respeito é datado de 21 de agosto de 1846, e referendado pelos ministros *Sá da Bandeira* e *Mousinho d'Albuquerque*. O caso que os commandantes de corpos e de navios de guerra tem feito de todas essas philanthropicas disposições, ahi está sendo cada dia denunciado pelos jornaes, e ninguem ha que o ignore.

a de confessar seus maleficios?! Acabados os tratos cabou-se a necessidade de haverem magistrados, ão haverá mais justiça na terra!

Entretanto esse methodo barbaro de achar a verade extinguiu-se, e já agora ninguem se lembrará e o querer resuscitar.

E a marca infamante foi extirpada, — e o numeo dos ladrões não augmentou.

E as fogueiras da inquisição apagaram-se, — e a eresia nem por isso cresceu.

E os açoutes no fôro militar hão de ser abolidos — talvez nos nossos dias — temos essa convicção, e a de achar-se meio de lhes substituir outras penas. orque Deus não fez os homens para serem desfiguados, mutilados pelos outros homens, a sangue frio por calculo; e ás feras propugnadoras de tão absura immoralidade, oppôr-se-ha um homem forte — erdadeiro moralista.

Sim — os marinheiros e soldados hão de encon·ar o seu Franklin.

VIII

Mulher! que enigma aos olhos meus presentas!
.....
Já causas em nossa alma acerbas dôres,
Já vertes n'ella salutar collyrio;
Ingrata, amante, odiada, appetecida,
És o astro que regula a nossa vida!

COSTA E SILVA — *O Espectro.*

A CORVETA seguia... seguia.

E as aguas que por um momento se sepa-
avam para lhe dar caminho tornavam a unir-se re-
lemoinhando, e cahiam na primitiva apathia — n'es-
e silencioso repouso, só interrompido pelos halitos
la briza e pelo espreguiçar das vagas.

E o sol dardejava do alto do seu throno de fogo,
ırdentes raios que vinham abrilhantar as ondas, e
spalhar no navio uma alegria ficticia.

E o ar puro e suave, circumdava o baixel por to-
los os lados, infiltrava-se-lhe pelos mais pequenos
póros.

E no meio de toda esta placidez da natureza grandes paixões se agitavam em corações de homem... immensa paixão se acalorava em um coração de mulher, n'esse pequeno recinto da *Tritão*.

.....

Roque Solano luctava entre a paixão pouco estrondosa, mas vehemente, que consagrava a Henriqueta, e o seu dever de commandante como mantenedor da disciplina; e de ambos os lados via motivos de desconsolo. Henriqueta cahira fulminada quando viu jorrar o sangue da ferida de Eugenio, dando assim mais uma prova do seu amor pelo mancebo — amor já não problematico para Solano, mas do qual esperava triumphar; e o acto de insubordinação que vinha de commetter-se sobre a tolda era uma dôr pungente para o homem sustentador da disciplina. Solano teve febre toda a noite seguinte, e ao outro dia appareceu cadaverico como se regressasse do tumulo.

Barbalho olhava estupidamente para estes acontecimentos, tão submerso estava no triste pensamento do perigoso clima que ia arrostar; nem sequer notou a exaltação febril de sua esposa — exaltação aliás extraordinaria, pois que era a primeira vez que a physionomia de Henriqueta perdia o caracter d'uma melancolica resignação.

Julio, encerrado no seu camarote, exclamava: — Deus não é justo, pois que d'entre duzentos homens escolheu o mais honesto para ser victima d'um louco!... Não é justo, ou não existe! — Com estes e

emelhantes pensamentos figure-se o leitor que ho-
as de amarga desesperação passaria o desgraçado.

Jacob era quem parecia chorar mais tristemente
seu camarada; não admirava. Sentir os males alheios
um dos attributos da juventude... perde-se com a
lade e com o que chamam desenvolvimento da ra-
ão!

Os aspirantes tambem choravam.

Novaes e Antunes, sentados junto á mesa da ca-
iara dos officiaes com dous copos de *punch* em fren-
e, pareciam incommodar-se pouco com a ferida do
uarda-marinha *romantico,* e combinavam em que o
ommandante havia mostrado fraqueza não fazen-
o chibatar o marinheiro, depois mesmo do assassi-
ato.

Barroso havia cessado de cantarolar as suas pre-
ilectas canções hespanholas e só por esse facto dava
conhecer a sua mágoa.

O commissario ria sempre.

E o escrivão encontrava n'aquelle acontecimento
preludio de longa série de desgraças que deviam
rminar para elle com a morte.

Quanto ao joven cirurgião visitava alternadamen-
e o commandante e Eugenio — e pouco confiante
nda na sua pericia, perdia as noites revolvendo os
oucos livros de medicina que possuia.

Porém um quadro verdadeiramente sublime apre-
entava o alojamento dos guardas marinhas.

Um espaço de seis pés quadrados occupado em
rande parte por dous beliches, era o fundo d'este

painel onde se debuxava uma scena digna do pincel dos grandes mestres, do canto dos maiores poetas.

Para um d'aquelles beliches haviam transportado Eugenio depois de collocados os apparelhos; o cirurgião recommendára o repouso como principal curativo. Todos os officiaes se haviam retirado já e uma sentinella impedia aos marinheiros a aproximação d'aquelle lugar; — só velava ao pé do ferido a pessoa que tomára a si o cargo de enfermeira: era Henriqueta. Olhai:

Eugenio, com os olhos cerrados, o rosto livido e contrahido, as mãos tintas no proprio sangue, ahi jaz sem movimento; ao seu lado Henriqueta banhada em lagrimas, pallida e desgrenhada, escuta através das ligaduras que lhe forram o peito, o demorado pulsar d'aquelle coração ardente, e em cada movimento das arterias colhe uma esperança, porque o mancebo pertence ainda ao mundo dos vivos.

Que silencio tão eloquente fallava ahi aos corações sensiveis!... que muda linguagem expressando a sublimidade do verdadeiro amor!... que lagrimas de voluptuosidade e desesperação! — O que se passava n'essa alma de fogo não ha palavras que o saibam dizer... nem talvez intelligencias para comprehendel-o!...

Eugenio, como que chamado á vida pelo ardor das lagrimas de Henriqueta, começou de descerrar vagarosamente os olhos parecendo, todavia, não enxergar nenhum objecto em roda de si; depois fixou successivamente as vistas sobre cada um dos accessorios

lo camarote e encontrou entre os mudos espectadoes da sua agonia — aquella mulher tão sublime de bnegação.

Um mundo de idéas disparatadas lhe assaltou cerebro! Esteve alguns minutos silencioso e extaico; depois, como separando um capitulo d'aquelle mplo livro estampado na sua cabeça, e resumindo-o m tantas palavras quantas suas debeis forças lhe ermittiam soltar, exclamou:

— Quando uma nuvem de sangue me obscureceu s olhos era um homem que estava junto a mim emunhando o ferro homicida; agora que essa venda se isgou, é uma mulher em pranto que vela ao pé do ieu leito!... Assim se acercaram da cruz do Reemptor — o homem para golpeal-o, a mulher para ie estancar o sangue!...

— Não continue, Eugenio; as suas palavras tra-em-me o conforto ao coração... porém o doutor proibiu que fallasse — é para seu bem.

— Que mulher!

E ambos desataram em um copioso choro: era na linguagem só conhecida d'elles e de outros desaçados a que um mundo hypocrita se compraz em iamar loucos!

. . . . . .

E a corveta seguia, procurando com a prôa o lo do sul... seguia.

E a briza, ao perpassar, parecia sorrir-se ironicaente da pobre humanidade.

IX

> Todo o official inferior, ou official marinheiro, soldado, marinheiro ou grumete, que se rebellarem contra os seus officiaes maiores, ou levantarem a mão para os offenderem em acção de serviço, serão condemnados á morte.
>
> Na mesma pena incorrem todos aquelles que recusarem com violencia receber qualquer castigo, que lhe mandarem dar...
>
> *Artigos de guerra*, LXII e LXIII.

ão onze horas da manhã.

Sobre a mesa da praça d'armas da corveta) os preparos necessarios para escrever; sentado ɔpo o tenente Julio, e aos lados Antunes e Bar- todos em pequeno uniforme; á porta um sol- armado de baioneta.

ulio: — Em virtude da ordem do commandante acabo de lêr, o conselho de investigação, de que omeado presidente e vv. ss.as vogaes, vai co- ır os seus trabalhos. Ao snr. tenente Antunes,) mais moderno, compete servir de auditor.

Antunes: — Quebraram-se-me hontem os oculos na occasião de os tirar da caixa para escrever o quarto, e não sei como hei de arranjar isso... não vejo mesmo nada...

Barroso (*sorrindo-se*): — Eu escrevo, se o presidente dá licença.

Antunes (*tornando ainda mais vermelhas as suas faces avinhadas*): — É verdade... tudo se póde arranjar assim.

Julio (*com um gesto d'intelligencia a Barroso*): — Sim. Escreverá Barroso. Vamos começar o interrogatorio das testemunhas, e eu mesmo servirei de relator.

Antunes: — É isso; assim tudo fica arranjado.

Julio: — Ordenança? (*O soldado aproxima-se do presidente, fazendo a continencia militar*) Chame o snr. doutor. (*Para os dous officiaes*) Começaremos pelo cirurgião, que nos póde informar da gravidade da ferida. (*Ao cirurgião, que entra*) Sente-se, doutor. Promette, pela sua honra, dizer a verdade do que souber e lhe fôr perguntado?

Cirurgião: — Prometto, juro pela minha honra.

Julio: — O seu nome?

Cirurgião: — João Francisco Moreira.

Presidente: — Seu pai?

Testemunha: — Manoel Carlos Moreira.

Presidente: — A sua idade?

Testemunha: — Vinte e tres annos.

Presidente: — Estado?

Testemunha (*sorrindo-se*): — Solteiro.

Presidente (*com gravidade*): — Naturalidade?

Testemunha: — Santarem.

Presidente: — Não tem parentesco, amizade ou nimizade com o marinheiro Raphael Maria — por alunha *o Russo?*

Testemunha: — Nada, absolutamente.

Presidente: — Presenciou a desobediencia d'aquel- e marinheiro ás ordens do commandante, recusan- o-se a receber o castigo que o mesmo commandan- e lhe arbitrára?

Testemunha: — Sim, senhor; é verdade.

Presidente: — E quanto ao ferimento perpetrado elo mencionado marinheiro na pessoa do guarda- narinha Eugenio Augusto do Amaral, o que sabe?

Testemunha: — Estava sobre a tolda quando o *'usso* enterrou a faca no peito do guarda-marinha.

Presidente: — Póde dizer-nos qual é a gravidade 'essa ferida?

Testemunha: — Sim, senhores. (*Breve pausa*) O uarda-marinha Amaral tem uma ferida penetrante a cavidade thoracica do lado esquerdo, entre a quin- e sexta costellas, que póde ser mortal por acciden- , mas que o não é de necessidade; a abertura ex- rior da ferida, comparada ao instrumento com que i feita, a ausencia de symptomas assustadores, taes mo a hemorrhagia, a excessiva inflammação que a trada do ar exterior costuma produzir n'essa cavi- de, etc., me certificam que, nem o pulmão, nem pericardio, o coração, os grossos vasos arteriaes, nfim os orgãos de necessidade immediata á vida,

foram lesados. Espero que a cura do doente se ve, ainda que a convalescença se prolongue p gum tempo, attendendo á perda de sangue tratamento indicado lhe tem feito soffrer.

Presidente: — Não tem mais nada a acres sobre o objecto em questão?

Testemunha: — Mais nada.

Presidente: — Tenha a bondade de assignai poimento, e depois póde retirar-se. (*O cirurgi signa, sauda e retira-se*).

Antunes: — Por mim declaro que não e: nem palavra do que elle disse.

Barroso: — Figure-se que trabalho eu teri: lhe escrever o depoimento!

Presidente: — O official de marinha precis: de tudo um pouco; não o crê assim muita que se persuade ser-lhe unicamente necessario manobrar um navio e alinhavar a derrota. P continuemos o interrogatorio. — Ordenança, ch snr. commissario.

Poucos momentos depois entra o commis rindo segundo o costume; perde, porém, a hil de ante o aspecto carrancudo de Julio.

Prestado o juramento do estylo, declara ch se José dos Santos, ser filho de Balthazar dos S natural de Freixo de Espada-á-Cinta na provinc Traz-os-Montes, casado e de 47 annos de ida Conta os factos da tarde do dia 25 e manhã d 26, como os leitores os presenciaram, e tendo gnado o depoimento, retira-se.

Seguem-se a depôr mais quatro testemunhas — mestre, um marinheiro, um grumete e um soldado; e todos confirmam a verdade da accusação, referindo os acontecimentos como elles se passaram.

Terminado o interrogatorio das testemunhas é mandado conduzir o réo perante o conselho.

Alguns momentos depois entra na sala o *Russo*.

Depois de prestar o juramento, diz chamar-se Rafael Maria, filho de Gabriel Maria Pacheco, natural de Lisboa, solteiro, e de 26 annos de idade.

Presidente: — Sabe que é accusado dos crimes de assassinato voluntario, erguer a mão para um superior em acção de serviço, e desobediencia ás ordens do commandante, recusando receber o castigo que elle lhe determinava?

Réo: — Sim, senhor, sei tudo.

Presidente: — E que tem a dizer em sua defeza?

Réo: — Nada, porque a accusação é verdadeira.

Presidente: — Entretanto ha circumstancias que attenuam os mais graves delictos...

Réo: — É verdade, snr. presidente, e eu agradeço a v. s.ª essa reflexão... mas nada tenho a dizer. Recusei receber o castigo, porque me pareceu infamante, ainda para o homem mais abjecto, ser castigado como um cão; porém a lei authorisa esse castigo, e eu delinqui recusando-me a aceital-o. Levantei a mão para um superior, não por insubordinação — nunca fui insubordinado, vv. ss.ªs o sabem — mas porque foi o guarda-marinha Eugenio o primeiro homem que cruzou o meu caminho de san-

gue: era necessario assassinar alguem para não ser chibatado... e logo a fatalidade me dirigiu o ferro ao peito d'um joven de tanto merito... Ah, senhor! (*Lançando-se aos pés do presidente, continúa muito commovido*) Não me deixam aproximar d'elle; v. s.ª, que é seu amigo, impetre-lhe o meu perdão, e morrerei menos cobardemente — ainda que, deixo um irmão pobre e desamparado, em uma escóla tão má como esta! (*Ergue-se*) Concluo, senhores, confessando que os crimes de que sou accusado estão de tal fórma provados, que não ha para mim defeza possivel, e que a sentença de morte que fulminarem os meus juizes, será, além de legal, justa.

Presidente (*occultando uma lagrima*): — Desgraçado! (*Aos soldados*) Conduzam o réo. (*Profundo silencio d'um momento*).

Presidente: — Está provada a accusação, senhores?

Antunes e Barroso: — Plenamente.

Presidente: — Redija o parecer do conselho n'esse sentido.

Passam-se alguns minutos, folheando os tres officiaes o REGIMENTO PROVISIONAL e ARTIGOS DE GUERRA, e por fim terminam os trabalhos pelo seguinte

Parecer do conselho

O conselho, á vista do depoimento coherente das testemunhas e confissão do réo, é unanimemente de parecer que o marinheiro Raphael Maria, por alcunha

o *Russo,* se acha incurso nos artigos LXII e LXIII de guerra; em consequencia do que, deve ser entregue á authoridade superior de marinha, no primeiro lugar a que aportar a corveta, afim de ser julgado em conselho de guerra. — Bordo da corveta *Tritão,* á vela, 27 de junho de 1842. — (*Assignados*) Julio Cesar de Macedo, 2.° tenente, presidente. = Francisco de Paula Barroso, 2.° tenente, vogal. = Miguel Antunes, 2.° tenente, vogal.

Ás tres horas estava deserta a praça d'armas.

X

O amor não é mais do que um pretexto decente para conseguir o gozo material.

E. Sue — *A Vigia de Koat-Ven.*

Alguns dias passaram sobre os desastrosos acontecimentos que ficam referidos, sem que nada de extraordinario occorresse a bordo — para fallar na linguagem classica do Livro dos quartos. A exaltação febril que excitára um momento as diversas paixões d'aquelles homens, havia — segundo leis invariaveis — esfriado successivamente, e se o gelo da indifferença, ou um completo olvido, não se havia ainda senhoreado dos corações, é porque cada dia tinham ante os olhos os authores d'aquella horrivel tragedia. Á proporção que o restabelecimento de Eugenio se adiantava, desappareciam da tolda as ultimas manchas do seu sangue, e desvanecia-se com ellas a lembrança da sua origem: já se não via no *Russo* o author de um homicidio sem causa, mas

sim o homem atassalhado de remorsos, a quem esperava uma morte affrontosa — e o tempo, e a reflexão pesando n'este braço da balança, equilibrou entre a victima e o assassino o sentimento de piedade, que todo inteiro pendia para aquelle; de tal fórma que o commandante, o rigido observador da disciplina, cedendo aos rogos de Eugenio, mandou quebrar as algemas ao marinheiro, e permittiu-lhe o livre transito no navio até se avistar a primeira terra.

Procurámos prevenir o leitor d'este acontecimento, porque iamos conduzil-o ao camarote dos guardas-marinhas, e devia causar-lhe surpreza o vêr sahir d'alli o *Russo,* sem ferros, nem sequito de soldados. Agora que temos a consciencia de haver cumprido o dever de bom historiador, penetraremos no camarote.

Eugenio está deitado, bastante pallido, porém mostrando nos olhos que fôra bem succedido na appellação que da sentença do homem interpuzera para o tribunal de Deus; dizem estar livre de perigo. Jacob, sentado em frente d'elle, no outro beliche, toma a palavra apenas desapparece o *Russo,* no momento mesmo em que nos acercamos do camarote.

— O doutor recommendou-te o repouso — diz elle — e é necessario obedecer-lhe; para isso deves evitar a presença do *Russo,* fugir d'estas scenas de romance, como a que acabo de presenciar... lagrimas, remorsos, perdões... e que sei eu...

— Não chames scena de romance ao arrependi-

ıento sincero de um homem de brios, a quem um ıomento de allucinação tornou criminoso. Lastima-o ntes.

— E que sentimento hei-de guardar para ti? Po-ém não encetemos questão; o facultativo ordenou ue não fallasses mais do que o absolutamente pre-so. Far-te-hei companhia — calado.

— O doutor não me prohibiu o uso dos ouvidos.

— É verdade — tornou Jacob. E, depois de breve ıusa empregada em cogitar algum meio de distra-ır o seu amigo, concluiu: — Pois então contar-te-ei uma historia.

— Principia.

— Será um trecho da minha vida — a historia do eu primeiro amor.

— Deve ser curioso, *mulatinho,* o teu amor!

— Sim, sim, já sei que lhe não concederás esse tulo, meu D. Quixote do romantismo, homem que ves de phantasias, e, o que peor é, padeces por ıusa d'ellas! Porém chama-lhe o que quizeres, es-ıta, e não argumentemos.

— Não argumentemos; conta a tua historia, sem edo de interrupções.

— Eu não conheço esse amor sublime de que ıho ouvido fallar tanto, essa paixão toda da alma ı que não teem parte os sentidos, essa profunda oração tão pura, tão celestial que não faz palpi-· o coração com mais força ao contacto da mulher e se ama! não! O que vou contar-te é o que ıti e o que sinto ainda hoje por uma mulher en-

cantadora, mulher que a imaginação me figurou tão superior ás demais, quanto o brilho de um sol de estio excede o reflexo pallido de uma estrella.

Foi em S. Carlos que a vi pela primeira vez — fulgurante de belleza, embalsamando de voluptuosidade o tepido ambiente do theatro, soprando dos labios entreabertos por um sorriso torrentes de seducção. Languidamente reclinada sobre o peitoril do camarote, occultando mal dous nevados pomos, mais seductores e perigosos do que o pomo da discordia; o braço meio nú e torneado, como o da Venus antiga, a mão pequena e alva, meneando com distracção um d'esses oculos elegantes, com que — mesmo no theatro — as mulheres descobrem a mais pequena ruga na face de uma rival, e cujo movimento, como o do *abanico* na mão de uma hespanhola, diz mil cousas, e mais de uma vez indica um lugar, uma hora de felicidade celeste... foi assim que eu a vi!

Estava em frente d'ella, contemplando-a de ha muito, extatico e como fascinado; a scena havia desapparecido para mim; a musica, não a escutava; os actores, não os via, — que essa mulher me arrabatava todas as sensações, e as estreitava em um circulo magico de que era o centro! E o seu oculo, que de uma vez me havia encontrado, como por casualidade, ainda outra vez me buscou; e sorriu-se, porque pelo tacto particular ao seu sexo, tinha adivinhado o que se passava no meu coração! Oh! as mulheres lêem bem longe e

bem cedo no coração do homem que as ama, ou que as deseja — que é talvez o mesmo — e na confusão do theatro ou no bulicio do sarau, no passeio, em qualquer parte emfim, por mais occulto que elle esteja, voz intima e segura lhes diz: — É aquelle!

Impaciente aguardei que se acabasse o espectaculo para poder estudar de perto os contornos d'aquella fada, ouvir o metal da sua voz em alguma palavra dirigida a um indifferente, e colhida por mim com avidez, procurar nos seus olhos a minha sentença de condemnação ou de felicidade ineffavel; esse momento chegou! Vi-a sahir do camarote dando o braço a um d'estes mancebos adamados que estudam ante o espelho a maneira mais graciosa de deslisar um sorriso, cuja gravata não apresenta uma só ruga em volta do inabalavel pescoço, e de que os braços convenientemente arqueados, sopesam com igual esmero — o braço de uma mulher divina, ou uma bengala de castão dourado; a sua physionomia insignificante, por assim dizer, não indicava ligar a menor importancia á posição que occupava... imbecil! E eu? eu sentia um fogo interno escaldar-me todas as fibras do corpo, só porque uma prega do seu vestido me roçou pelos joelhos, e o seu braço nú tocou de leve e involuntariamente o meu! Seus olhos, tão lascivos, cravaram-se um instante nos meus, e abaixaram-se rapidamente... já tarde; o seu magnetismo produziu uma fascinação completa!... Desceu graciosamente as escadas, e parou no

perystilio: antes de entrar na carruagem que a aguardava, offereceu ao *dandy* que a tinha acompanhado aquella tão formosa mão — que elle apertou de certo!... e subiu, deixando vêr a extremidade de uma perna pyramidal, desenhada em transparente meia de sêda, e segura a um pé tão lindo, tão bem fechado em um sapatinho de pellica, que eu andaria de rastos por toda a eternidade a comprimil-o com os labios! Assentou-o ligeiramente no degrau, e suspendeu sobre elle o resto do airoso corpo. Oh! faltou-me o ar, cuidei morrer suffocado; aquelle pé esmagava-me o coração!

Partiu e eu segui-a em pequena distancia.

Ao cabo de dez minutos desceu da carruagem junto ao vestibulo de uma habitação espaçosa; reconheceu-me, mandou-me um olhar de ternura e voou pela escadaria de marmore, deixando-me só e prêsa dos mais violentos desejos! Dos mais violentos desejos, sim, porque não era saber se possuia o seu amor o que eu ambicionava ardentemente, não era dizer e escutar palavras e protestos de inabalavel constancia, affrontar a morte para satisfazer um capricho seu, e convencel-a assim do meu amor; não sonhava um longinquo e pacifico gozo, santo como um pensamento de virgem, sereno como a superficie de um lago; não! Era o oceano em furia que eu tinha no coração! O que eu desejava era aproximar-me d'ella, unir o meu peito ao seu, os meus labios aos seus labios, estreitar ao meu o seu corpo de sylphide, sentir beijar-me no rosto o

seu halito perfumado, e morrer de voluptuosa embriaguez nos braços d'ella!... Queres avaliar o genero e a força da minha paixão? Olha: não me lançaria nas chammas para arrancar d'entre ellas o seu ramilhete de flôres, mas buscaria a morte nas entranhas do Etna para possuil-a um momento, e confundir com o estertor da agonia as commoções delirantes do prazer! Embora a alma se perdesse...

— É um amor todo sensual, Jacob, como o das feras, dos reptis... e dos demonios, se no inferno ha amor...

— Sim, é um amor todo sensual, disseste a verdade; eu troco um olhar mavioso por um aperto de mão, um sorriso por um beijo, essas palavras magicas — *Eu te amo!* — por um estreitar nos braços, uma promessa de amor eterno, profundo, até além da campa, por... que sei eu!

— Tão joven e já despido das illusões da mocidade, d'esses sonhos tão fagueiros que são a unica felicidade da vida!

— Jámais vaguearam em meus sonhos essas virgens de rosto candido, cujo corpo aéreo se move phantasticamente, arrastando ethereas roupas... são visões que não conheço.

— E quando te appareceu o demonio da luxuria, sob a fórma d'essa mulher?

— Ha quasi dous annos — em setembro de 1840.

— A tua idade era então...?

— Dezoito annos.

— A idade das crenças... da esperança!

— A esperança me alimentou por tres mezes! depois... mas não antecipemos a catastrophe.

— Não sei porque, está-me affligindo a tua narração; deve terminar mal.

— Bem mal para mim! porém se te afflige não continuo; qualquer sensação forte te póde ser prejudicial.

— Não, não; prosegue. Que tenho eu de commum com a tua historia?

— Assim é: e depois o meu conto não tem venenos nem punhaes, suicidio, adulterio ou incesto: não é da escóla ultra-romantica, e consequentemente não deve affectar-te muito.

— Mas o estylo é ardente!

— Bem sabes que me chamam poeta, provavelmente porque julgam affrontar-me com esse epitheto, — e assim não deve surprehender-te o meu enthusiasmo. Voltemos á historia. Passaram quinze dias, vendo-a apenas por dentro das vidraças invejosas, sem poder aproximar-me d'ella para lhe patentear toda a extensão do meu amor, sem encontrar meio de fazer-lhe chegar ás mãos uma carta minha... e o desalento começava a apoderar-se-me do espirito, sem poder comtudo esfriar o ardor da paixão; quando uma noite concorrendo ao baile da viscondessa de Campos, por satisfazer a alguns amigos, se me deparou ahi a dona dos meus pensamentos!

Calcula, se pódes, qual seria a minha alegria!

Corri a solicitar-lhe uma contradança — concedeu-me a segunda; como me pareceu longa a primeira!...

E todavia eu estava perto d'ella, colhendo a furto um olhar mavioso — porque ella amava-me tambem, ou fingia amar-me; vendo o seu peito em frequentes ondulações debater-se contra o fragil tecido que em parte o occultava, aquella fronte altiva cingida d'uma corôa de boninas como rainha do sarau, a extremidade d'aquelles pésinhos arrebatadores, escapando-se a furto por entre os tufos d'um vestido diaphano... e tudo, tudo me inundava o coração d'um voluptuoso arrebatamento, porém não me satisfazia... eu ambicionava muito mais!

Terminou-se finalmente a primeira contradança; — seguiram-se ainda dez minutos de anciedade, durante os quaes não descravei os olhos de sobre ella, até que a orchestra preludiou uma segunda contradança. Aproximei-me da sua cadeira, tremulo e suffocado, estendi-lhe a mão, e os pequeninos dedos de uma luva branca se collocaram de leve sobre ella; através da pellica eu sentia o calor de sua mão: era a primeira vez que havia um contacto voluntario de uma parte de nossos corpos! Senti que ella tremia, e as faces tingiram-se-lhe d'um nitido carmim. Estes signaes de reciprocidade coaram-me o prazer até ao mais fundo d'alma: bemdisse a dança e o seu inventor, a viscondessa de Campos que me convidára para aquelle baile, os amigos que a elle me arrastaram; ter-me-hia lançado a seus pés para agradecer-lhes a

minha felicidade, se para isso não fosse mister afastar-me d'*ella*... Em que dulcissimo extase se mergulhou minh'alma, quando, tendo a certeza de ser amado, comecei de traçar na imaginação todos os gozos do paraiso de Mafoma nos braços d'aquella houri! Esqueceu-me o mundo, a vida; era um cadaver galvanisado pelo amor!

Promettemos mutuamente encontrar-nos mais vezes no palacio da viscondessa — e cumprimos a promessa. Aquella estimavel senhora protegia o nosso amor, deixava-nos mesmo a sós alguns momentos.

Foi n'esses instantes de tão curta duração para o complemento da minha dita, que eu imprimi beijos ardentes em suas mãos de rainha, depois nas faces, nos labios; porém a viscondessa regressava á sala e eu soffria o supplicio de Tantalo! As largas noites de novembro se succediam para mim entre os tormentos do delirio, da insomnia e das mais vehementes sensações!

Essa mesma felicidade tão mesclada de dôr, essa mesma... acabou!

A viscondessa de Campos foi chamada ao Minho para urgentes negocios de sua casa, e deixou Lisboa precipitadamente; a contar d'esse dia, só na janella pude vêr a mulher encantadora que tão forte paixão me havia incutido, e de quem tudo esperava alcançar em breve.

— Deshonral-a!? — atalhou Eugenio.

— E como a havia de possuir? — respondeu Ja-

cob — A ser verdadeiro o seu amor devia ceder por força. Vê essa carta, primeira e ultima que recebeu da minha mão — continuou, tirando d'uma carteira um papel que entregou a Eugenio — lê e dize-me se tinha razão.

Eugenio desdobrou a carta e leu:

«Anjo da terra! Se um amor violento e incisivo, como o meu, tomou posse da tua alma, se o fogo que me percorre as vêas escalda tambem o teu sangue, se as chammas de nossos corações se confundem em uma só labareda de voluptuario ardor, se nossas almas á força de comprehender-se se fundiram em uma só... Oh! A...! desce do teu pedestal de divindade e faze a ventura do homem que não póde elevar-se ao teu nivel! Tu sabes, meu anjo, que debalde tentaria solicitar a tua mão; teu pai, orgulhoso de seus pergaminhos e da sua riqueza, desprezará o mancebo só, nobre de cabeça e coração, que deve a vida a um advogado, embora talentoso e honrado, mas popular e pobre. Aonde fundarei uma esperança?... na minha espada? Não sabes que na carreira das armas como em todas as mais se eleva com maior facilidade o adulador e o intrigante do que o homem franco e leal?... No meu talento, n'um estudo assiduo, em continuo cogitar? Não tens visto como o saber é avaliado na nossa terra?... Que me resta? Ceder o teu amor, vêr-te tranquillo passar aos braços de outro?... E será tão fraca a tua affeição que o consinta!?... Não, mulher do céo; despreza barbaros preconceitos, encadêa em teus braços o ho-

mem que, unico sobre a terra, é capaz de amar-te como mereces, e partilha com elle o ineffavel gozo só reservado por Deus para os verdadeiros amantes. — Decide!... a felicidade ou a morte! »

— E qual foi a resposta?

— A mesma carta, essa que tens na mão, lançada aos meus pés, quando passava por sob as suas janellas.

— E depois?

— Passaram doze dias: não tentarei descrever-te os meus pensamentos n'essas largas horas de isolamento, longe d'ella e prêsa de convulsões infernaes! Se é mau fado não conhecer a felicidade, muito maior desdita é tocal-a com o dedo, e vêl-a em seguida esvaecer-se como o nevoeiro da noite aos primeiros raios do sol. Em um baile alcançára a primeira jura de amor, em outro devia receber um amargo desengano. Lembras-te, Eugenio, que uma noite na Assembléa Estrangeira me travaste do braço e me perguntaste — se era para chorar que eu tinha ido ao sarau, pois julgavas descobrir nos meus olhos indicios de lagrimas?

— Recordo-me perfeitamente d'essa circumstancia: é a unica vez que tenho observado desenhar-se a tristeza n'esse teu rosto folgazão.

— Os homens que apresentam continuamente uma physionomia risonha não são algumas vezes os que menos soffrem. Penetra n'esses corações ulcerados, e dentro acharás a desesperação. Lamenta esses desgraçados que, temendo o sorriso ironico do mun-

do occultam a todos os olhos os tormentos que os despedaçam!

Porém aquella noite fôra fatal para mim, um golpe decisivo derribára o colosso das minhas esperanças; a mulher que amava, que amo ainda, estava alli, formosa, feiticeira como sempre: dirigi-me para ella cheio de confiança, cuidando destruir promptamente o mau effeito produzido por essa carta, e convencel-a a ceder aos meus rogos para forçar seu pai a consentir em nossa legitima união... Embalde! Rejeitou mesmo acompanhar-me em uma contradança, em uma walsa; e desde esse momento não tiveram seus labios uma palavra de consolação, nem um sorriso que não fosse o do desprezo!... Oh! como invejei a tua sorte essa noite!...

— A minha sorte?

— Sim, porque dançaste com ella, e pareceu-me mesmo notar que a tratavas com bastante intimidade.

— Eu, Jacob?... Será possivel, meu Deus!

E Eugenio abriu apressadamente o papel que ainda tinha na mão, tremendo de encontrar um nome caro á sua alma na pessoa a quem era dirigido: só no contexto da carta achou a letra inicial d'esse nome, a que não prestára attenção quando leu... mas essa letra — A — foi bastante para elle vacillar. Erguendo a custo meio corpo de sobre aquelle leito de dôr, perguntou allucinado:

— É Adelaide o seu nome?

— Sim — lhe tornou Jacob.

*

— Adelaide Garcia?! — proseguiu Eugenio, precipitando-se fóra da cama.

— Adelaide Garcia — repetiu Jacob em tom affirmativo — porém que succede, para que te ergues? — continuou, não podendo comprehender a exaltação do seu amigo.

— Maldição! — exclamou Eugenio, cahindo prostrado de forças sobre uma cadeira; mas logo com a volubilidade d'um febricitante, ergueu-se cerrando os punhos, e elevando-os á altura do rosto de Jacob:

— E tu ousaste — lhe disse — tocar em um só dos cabellos d'essa mulher!... desflorar sequer com mão impura o exterior do seu vestido?

— Enlouqueces-te, Eugenio?... não te disse eu que ella me amou, ou fingiu amar-me?

— É verdade, tu o disseste ha pouco — proseguiu o enfermo tornando a sentar-se muito abatido — Ella amava-te... a ti!...

— Que fazes, Eugenio!... olha que vaes despedaçar os apparelhos da ferida!

— Não tenhas cuidado, Jacob; deixa-me por alguns momentos... vai-te...

— E se careceres de soccorros?

— Deixa-me, por Deus, deixa-me só!

E Eugenio mostrava a Jacob a porta do camarote, com a extremidade do dedo. Jacob sahiu silencioso, e formando diversas conjecturas ácerca d'aquella exaltação, de que não conhecia a causa.

— Ella amava-o ou fingia amal-o! — murmurou Eugenio quando se viu só — será necessario pois que

eu tire a vida a este homem!... Mas qual é o seu crime? amal-a? quem póde acercar-se d'ella sem adorar tanta belleza?... Quem? Eu!... eu, que por tantos annos menosprezei o thesouro que o céo collocára ao lado do meu berço! que a deixava para ir lançar-me nos braços d'uma orgia, que trocava o seu gabinete perfumado pelo lodaçal d'um bordel!... Eu, miseravel! que afagava um ente vil, que comprava caricias a ouro, em quanto elle colhia um beijo nas faces virginaes de Adelaide! cem vezes miseravel, que por tanto tempo não tive olhos para vêr seus encantos... não tive alma para sentir uma paixão nobre! E hei de agora sacrificar o mancebo que soube agradar-lhe outr'ora, e que tanto soffre pela sua indifferença de hoje? Não! tremenda é a sua punição! Está fóra do alcance da minha vingança; as suas relações são anteriores ao meu juramento, anteriores mesmo ao principio do meu amor. É necessario que ignore o fatal segredo! O inesperado do golpe de alguma maneira me trahiu; mas buscarei afastar as suspeitas do verdadeiro ponto, dir-lhe-hei que Adelaide é minha parenta mui proxima, e que foi esse o motivo da minha exaltação.

E o infeliz erguia as mãos para o céo em busca de conforto, como o naufrago que se abraça com a derradeira tábua de salvação.

—Meu Deus! meu Deus!... Mais uma esperança que se escôa... mais uma illusão perdida!

E arrojou-se de novo ao seu estreito beliche, fechou os olhos, e exclamou:

—Mulheres!... as mulheres!...

Quando descerrou as palpebras tinha junto de si um vulto immovel e silencioso.

Era Henriqueta.

Eugenio estremeceu e não pôde articular um som. Difficil era a posição em que se achava. Porém o *acaso* o tirou d'aquelle constrangimento.

O cirurgião appareceu a fazer a sua visita, depois o commandante e alguns indifferentes que vinham —por costume—informar-se do estado do enfermo.

Ao cabo de alguns minutos, Henriqueta sahiu silenciosa como entrára.

Que poderia ella dizer que aquelles homens comprehendessem?

.....

XI

O oceano é o que ha mais amplo, mais forte e mais poderoso depois de Deus!

A. Dumas — *Paul Jones.*

A esteira que seguia a *Tritão* era a mesma que as naus *S. Gabriel, S. Raphael* e *Berrio* haviam trilhado ao mando do inclito Gama, quando tentava a empresa mais que humana da descoberta da India. A Madeira, Teneriffe, e S. Thiago de Cabo Verde, onde o ousado navegante aportou, antes de encarar a feia catadura do gigante das tormentas, tambem haviam sido visitadas pela *Tritão,* e os descendentes d'esses impavidos nautas repetiam a cada passo diversos trechos do immortal poema que engrandeceu ainda mais — se era possivel engrandecer-se — essa façanha já de si tão gigantesca; com que orgulho iam

As novas ilhas vendo, e os novos mares,
Que o generoso Henrique descobriu!

Depois — passada a asperrima serra Leôa e vencida a linha equidistante dos pólos — apparecia-lhes por sobre as cabeças outra abobada mais estrellada do que a do velho hemispherio, differentes constellações, — e lá bem longe o Cruzeiro-do-Sul, como signal da redempção do Novo-Mundo, elevando-se ao passo que abaixava no extremo opposto a estrella do norte, até que

> *Viram* as Ursas apesar de Juno,
> Banharem-se nas aguas de Neptuno.

Oh! como a alma poetica, generosa e apaixonada do cantor dos LUSIADAS ficaria commovida quando desappareceram para elle aquelles divinos pharoes — onde talvez muitas vezes se encontrou com o seu olhar, o olhar meigo, puro e resignado de D. Catharina de Athayde! como sangraria seu coração ao lançar a vista sobre o oceano — esse gemeo do nada, abysmo mysterioso, insondavel e frio, que a maldade dos homens interpuzera entre elle e a sua Nathercia!

E como não seria assim, se ao mais rude marinheiro commovem esses quadros, em que Deus poz o sello da sua omnipotencia, em que patenteou toda a sua grandeza, e que revestiu de toda a magestade! Qual de nós não arrancará um saudoso e melancolico suspiro do mais intimo d'alma, ao offuscar-se aquella estrella ante cujo brilhantismo fomos creados, aquella *barca,* como chamam os pastores á Grande-Ursa, que mede as horas da noite nas feli-

zes aldêas? Perder a vista de tantos objectos mysteriosos, contemplados muitas vezes em horas de ineffavel prazer; não ter um ponto fixo em que possam confundir-se as vistas de dous amantes, de dous amigos — que um abysmo separa! — Tão longe nos arrasta o acaso, a fatalidade, ou a mão de Deus, que — no momento em que os nossos irmãos vêem erguer-se brilhante, sobre as ribas da patria, o astro do dia, por ventura se está elle occultando de nós, frio e descorado; verdadeira imagem da vida que — ao passo que fulgura radiante para o recem-nado, se esvaece triste e opaca para o moribundo!.....

.....

.....

Estamos a 6 de julho; o ar é frio e humido; desde alguns dias não apparece o sol aos navegantes; a sua posição no globo é, por consequencia, muito incerta; porém, com o auxilio unico da *bussola* e da *barquinha,* estão habilitados a julgar-se na latitude do Cabo da Boa Esperança.

Rijo sopra o norte depois d'algumas horas, continuando a serie de ventos escassos, que arrastaram a corveta áquellas paragens, tão fóra da sua derrota: o mar começa de acapellar-se com furia e bater rijamente os flancos do navio, e lá no horisonte, grossas nuvens pardas e bronzeadas, rasgando-se a espaços para darem passagem a um fuzil, denotam sobejamente a aproximação da tormenta.

O commandante, os mais habeis officiaes, os mais experimentados marinheiros penduram-se pelos bor-

dos, estudando as mudanças da atmosphera, e não parecem satisfeitos.

As poucas aves que restam a bordo, após dous mezes de viagem, parecem entoar um hymno funebre em seu rouco gorgeio; e um cão da Terra Nova, ladrando asperamente, adivinha tambem a chegada do temporal.

As *mangas de velludo,* distendendo suas longas azas d'um negro lustroso, piam sinistramente ao cruzar por entre a mastreação, e alongam-se confundindo seus lamentos com os *gaivotões,* mesclados de claro e alvacento; porém os *feijões-frades,* raiados de roxo e branco, não abandonam a esteira do navio, e companheiros fieis do nauta, seguem-o mesmo entre os bramidos da procella.

A corveta amaina gradualmente uma parte das suas velas; é que o vento augmenta com força.

E o bulcão aproxima-se, alargando duas negras azas como as do anjo do exterminio, vibrando como elle uma espada de fogo.

E aquelle sinistro fulgor cega os navegantes, as torrentes da chuva repassam-lhe a grossa lã de que se acobertaram; o frio torna-se cada vez mais intenso, e o arfar do navio entre o choque das vagas mal deixa segurarem-se aquelles homens, ha tanto costumados a caminhar sobre um sólo movediço.

O dia toca o seu termo.

Aquelle que tem cruzado os mares, sabe como o aspecto da tempestade se torna mais medonho ao

esapparecer o dia; o que nunca deixou a terra, de-
e de certo imaginal-o.

Uma borrasca é um quadro sublime de fealdade,
rande de terror; é um panorama que não ha pin-
eis que o debuxem, um poema além das forças do
aior poeta, uma symphonia como Beethoven, Haydn
Mozart não puderam imitar!

Ajuntai-lhe agora os phantasmas de tetricas som-
ras, a abobada do céo, escura e pesada, fechando o
aixel em um circulo estreitissimo, os homens sem
e verem mutuamente, sem poderem reunir os seus
sforços para a salvação commum, e ahi tendes a
nagem d'uma noite de tempestade!

A *Tritão* mal póde já supportar as gáveas, ainda
ue *rizadas,* com que vai navegando; é necessario
ôr á capa; quer dizer, é preciso ter o navio conti-
uamente aproado ao mar, para evitar a entrada de
rossas vagas pelo través, que podem submergil-o.

A manobra executa-se com promptidão, ordem e
ilencio.

Mas a promptidão já não é a actividade do bom
narinheiro, é o instincto da propria salvação. A or-
lem não é já o resultado da disciplina militar, mas
m desejo intimo de aproveitar os esforços que em-
regam para escapar á tormenta.

O silencio, longe de ser a placidez do sangue
rio, é a estupefacção do terror.

Alguns ha que parecem olhar com indifferença
ara esse tremendo espectaculo, e que essa scena
ão aterra: para esses debalde se erguerão espadas,

se apontarão fuzis... despreza o ferro e o fogo quem não descora em meio da tormenta.

E a corveta ficou oscillando de pôpa á prôa, arrancando das aguas o *gurupés* para mergulhar a *retranca,* como a pendula d'um relogio, destinado a marcar horas de agonia.

Porém o vento sibila com mais força ainda... E o mar cresce... cresce; percorre a corveta em toda a extensão, cavalga até aos topes dos mastros, penetra até ao interior dos camarotes, desce até ao fundo do porão.

É necessario fechar e pregar as escotilhas, para que não se inunde o navio: a ordem é executada immediatamente.

O convés está cheio: só ficaram em baixo —Eugenio, por estar enfermo, —Henriqueta, por ser mulher.

Até Barbalho vem ajudar á manobra.

E o vento ruge com mais força.

E o mar parece implacavel.

—É mister desfazer a *capa... correr!* —disse o commandante para os seus officiaes.

E essa manobra, uma das mais delicadas, foi executada felizmente.

A *Tritão* corria em arvore secca.

Um momento antes debatendo-se entre as vagas em *mesena* e *polaca* — o bello vulto da corveta recordava uma donzella trajada de roupas virginaes, perdida entre a multidão e o bulicio da revolta; agora parecia uma terna mãi, chorando com lagrimas abundantes a morte de sua filha querida.

Mas olhai essa onda gigante, agglomerado de cem mil vagas, que lá vem correndo sobre o oceano, como extensa cavalgada de arabes, que se precipita n'uma cidade christã; vêde-a que se arqueia e eleva, formando como uma montanha em vulcanica convulsão, para derramar torrentes de espumosa laa sobre o malfadado baixel... Uma detonação, como de cem canhões disparados a um tempo, precede o choque d'essa massa descommunal contra as frageis tábuas da corveta! Chega finalmente, e a pôpa é erguida ás nuvens; porém a *Tritão,* saltando ligeira sobre uma parte das vagas, levanta a cabeça, como o corcel esporeado, e com esse movimento introduz no seu bojo outra parte das ondas, que, percorrendo o convés d'uma a outra extremidade — como o léste varre as campinas — leva ante si, até á prôa, o commandante, officiaes e timoneiro, que achou na tolda, de envolta com a *bitacula, degraus do cata-vento,* e a parte do mastaréo da *gata* (desarvorado n'esse momento) que não ficou segura nos cabos.

Um homem só ficou á ré dos portalós.

Foi Raphael Maria.

Arrojado pelas ondas contra a amurada de estibordo, pôde segurar-se á enxarcia grande, no momento em que o corpo lhe resvalava sobre a borda da corveta, e ia sumir-se para sempre n'aquelle abysmo incommensuravel; d'ahi, erguido, pôde observar a confusa scena que se passava na prôa, e um novo mar, não menos temivel que o primeiro, caminhando já na direcção da pôpa do navio.

Era como um archanjo, velando sobre o globo que Deus confiára á sua guarda.

E a onda caminhava... caminhava... como as hostes de Nabuco para a destruição da cidade santa — orgulhosa, irascivel, apossada de espirito infernal.

E a corveta, atravessada ante o mar, reclamava um braço vigoroso que lhe meneasse o leme.

O commandante, alguns officiaes, o mestre e alguns marinheiros, debalde tentaram chegar á tolda a tempo de salvar a corveta; o passo estava obstruido.

E a onda acercava-se... acercava-se!

Raphael contemplava-a attentamente e sem temor.

— Chega — lhe dizia elle — e a sentença da infamia que me espera será annullada por ti; morreremos todos — juizes, testemunhas, victima e réo... e com tudo eu podia — se quizesse — salvar toda esta gente!...

E o marinheiro sorriu-se com expressão de jubilo infernal.

— Meu irmão! — clamou da prôa uma voz gaguejando.

Raphael estremeceu e abraçou-se com força á enxarcia.

Era elle, depois de Deus, quem podia salvar a corveta.

— Meu pobre irmão! — disse o *Russo* comsigo mesmo — já o havia olvidado, e o desgraçado que viver? Pois bem, sê tu, miseravel, o orgão da salvação de tantos homens!

E a onda chegou bramindo ao sopé da corveta.

— Misericordia! — clamaram cem vozes conglobadas em um só grito.

Esse brado era um clamor de agonia Era a perda da derradeira esperança.

Entretanto Raphael arremessára-se da enxarcia, e segurando a roda do leme fizera-a girar convenientemente — e ainda a tempo; rapido como o meteoro, poderoso como Deus, intelligente como um patriarcha de Israel, evitára uma horrivel catastrophe; e como o archanjo de quem possuia o nome, guiava aquelle Tobias de duzentos corações!

Passado o perigo, a tripolação procurou o seu salvador.

E viu na pôpa do navio aquella formosa cabeça de mancebo, de cujos louros cabellos o vento formára uma como corôa de espinhos — emblema de gloria e de martyrio. A placidez estava estampada no gesto e nos ademanes d'esse homem: crêr-se-hia vêr o genio da bonança ordenando á tempestade que se aplacasse.

. . . . . .

. . . . . .

O salvador da *Tritão* foi victoriado por todos e abraçado por muitos — até pelo commandante.

E a ordem tornou a restabelecer-se no navio; cada um volveu a seu posto.

E a corveta continuava a correr em meio de novellões de espuma, como um espectro entre os delirios d'um sonho.

.....

E que fariam Henriqueta e Eugenio em quanto tomava côres tão carregadas o quadro que tentámos delinear? Conduziremos o leitor á camara do commandante.

XII

Amar y no ser amado!
Sentir y no consentir!
Morir viviendo olvidado!
Morir por haber amado
Y no poder-lo decir!

ZORRILLA — *Un recuerdo y un suspiro.*

CAMARA, esclarecida apenas por dous peque-
) nos vidros circulares, apresentava um aspecto
ıre como o subterraneo d'um antigo castello.
queta segurava-se fortemente aos braços d'uma
ı cadeira, cujos pés estavam pregados no pavi-
ɔ, e Eugenio, sentado tambem proximo d'ella,
que mui fraco, procurava evitar-lhe algum in-
ıodo, que o desencontrado balouçar do navio
ɜse occasionar.

– Será este o ultimo dia de soffrimento... a
deira hora de martyrio? — foram as primeiras
ras de Henriqueta, depois que se achára a sós
Eugenio; em quanto repetidas martelladas re-
ım sobre as suas cabeças, pregando as escoti-

— E terá sido o viver de v. exc.ª um co
do martyrio? — lhe tornou Eugenio commovi
— Segundo a maneira por que fôr encarad
tos me crêem feliz.

— Será esse viver um transumpto da hist
Clotilde, a formosa castellã de Gaya?

— Não... não foi meu pai que me arras
altar para dar a mão de esposa a um home
não amava; consenti em unir-me a Barbalho
não encontrava um coração amigo onde de
as lagrimas que me suffocavam, nem tinha co
para matar-me! porém amal-o? eu que conta
nas dezesete annos quando me adornaram
corôa nupcial para dizer o fatal — sim — ao
de quarenta invernos... amal-o!... eu ent
conhecia o amor, e essa ignorancia me perde
porque prefiro morrer a enganar o homem ge
que me estendeu mão valedora quando tod
abandonavam; — não o atraiçoarei — não!..
quem póde dizer á imaginação que se cale,
ao peito que não palpite, sopitar os impulsos
ração... e deixar de amar, embora sem esp
quando o amor é uma necessidade da sua

— Não encontrará quem a comprehenda,
ra; o amor virtuoso é commummente reputad
chimera! Os homens são maus... muito pr
dos... muito orgulhosos!

— Não haverá ao menos um, d'entre ell
nesto — singelo — honrado?

— Talvez, mas será difficil encontral-o.

— Quem sabe?

— Senhora, as apparencias enganam.

— As palavras, principalmente.

— E os gestos tambem.

— Será necessario não crêr na virtude?

— Tenho eu crido, porém sou desgraçado.

— Tambem eu sou infeliz, mas conservarei a minha crença, ainda que para a mulher virtuosa que soffre em silencio não ha lagrimas sobre a terra; antes seria accusada de ingratidão e... que sei eu mais, se esse mundo vulgar e calculista sonhasse os meus lamentos!... E que responderia á maior parte da gente que conta as sensações por cifras, como uma transacção commercial?... Meu marido tem-me tratado sempre com excessiva delicadeza, tem-me proporcionado toda a sorte de distracções... e se hoje me conduz a um clima pestifero, é porque eu recusei ficar longe d'elle, quando se viu forçado a deixar a patria, e expôr a vida, talvez por meu respeito. Mulher feliz — clamará o vulgo — que possue um esposo dedicado! Homem ditoso — proseguirá — que encontrou uma esposa carinhosa, que o ama de véras!... Hypocrisia! Para que ficaria eu em Lisboa, sem affeições, sem nenhum d'esses laços que nos prendem á vida?

— O olhar estupido do mundo não penetra nos corações, suspende-se nas exterioridades.

N'este momento o grito de — *Misericordia!* — solado no convés, passou através das fendas da escotilha, e chegou á camara.

— Será a morte? — perguntou Henriqueta
gnada.

— Talvez! — respondeu solemnemente Eu
que sentia mergulhar-se um dos bordos da
veta.

— Ao menos morrerei a seu lado! — co
ella, como arrastada por um poder occulto a
rir aquellas palavras.

E a violencia do balanço a arrojou aos
Eugenio.

O guarda-marinha, que perdera tambem o
brio, não pôde evitar a queda de Henriqueta
ajudou-a immediatamente a erguer-se, e sentar
novo na cadeira immovel.

A corveta acabava de ser salva pela peri
Russo, e tornou a endireitar-se por um mome

— Ainda não! — murmurou Henriqueta co

— Ainda não! e quem sabe se mais cruel
no nos reserva o Senhor!

Ficaram em silencio por largo espaço.

Era já noite depois de meia hora, quando
nio se apercebeu da escuridão completa que r
na camara, e accendeu uma vela.

A luz pallida e mortiça dava um aspecto s
áquelle lugar; agitando-se com o movimento
vio, fazia correr as sombras de Henriqueta e
nio sobre as anteparas envernizadas da can
prestava-lhes fórmas extravagantes.

Entretanto a *Tritão* já se meneava com
violencia.

Um estranho susurro annunciou que se diligen-
iava abrir a escotilha da camara — e pouco depois
ppareceram em face dos dous jovens as sérias phy-
ionomias de Serapião e Barros.

Tinham os vestidos repassados d'agua, e pareciam
ritar de frio, apesar de mostrarem rostos afoguea-
os; o calor vital concentrára-se-lhes na cabeça.

O commandante apresentava, além d'isso, um
rofundo golpe na fronte.

Henriqueta perguntou-lhe immediatamente, com
gnaes de angustia, como se ferira, e se soffria dô-
es intensas.

Solano respondeu, sorrindo-se, que fôra uma car-
ta da artilheria que lhe fizera aquella leve arranha-
ura. E bemdisse comsigo mesmo o desastre, que
ie proporcionava ouvir d'aquelles labios queridos
ma expressão de ternura. Uma palavra, um só ges-
o torna ás vezes tão feliz um homem!

Eugenio, por dizer alguma cousa, perguntou se
tempo promettia abonançar, e tendo-lhe respondi-
o o commandante affirmativamente, despediu-se de
Henriqueta com um expressivo aperto de mão; de
arbalho, com um semelhante, porém mais frio, si-
nal de amizade; e de Barros com uma ligeira in-
linação de cabeça.

Ao sahir da camara encontrou Julio e Jacob — o
rimeiro impassivel, o segundo risonho — ambos ala-
ados.

Entraram na praça d'armas.

Pouco depois chegaram mais alguns officiaes, e

uma scena de orgia se improvisou ao son
mir do vento, e do choque ainda terrivel d

Sempre acontece assim logo que o tem
ça de abonançar.

No dia seguinte já nenhum d'elles se
dos perigos e dos trabalhos da vespera!

XIII

—Julgaes que somos muito felizes?

—Ao menos assim parece.

—Sim, sim, embriagamo-nos, e regamos o pezar com Champagne; mas impede isso que um cancro nos corrôa o coração?

D'Urville — *Viagem á roda do mundo.*

O sol ergue-se pallido no Oriente, e longe de desfazer o espesso nevoeiro que ennegrece o horisonte, perde-se bem depressa entre o agglomerado de nuvens grossas e alvacentas, dando ao céo, ao ar e ás aguas esse melancolico colorido tão commum ás manhãs d'Africa.

Cerca da costa deve achar-se a corveta, a não terem os seus chronometros um consideravel erro; e se não solta todas as velas para verificar a proximidade da terra, é que uma fraca bafagem do terral desflora apenas as que vão largas.

— Uma vela pela prôa! — bradou o atalaya da gávea.

E o official de quarto (Barroso), assestando o oculo na direcção indicada, julgou reconhecer immediatamente a qualidade d'aquelle navio, que apparecia lá mui distante, como uma nuvemzinha negra; virando-se para o commandante, que passeava sobre a tolda desde o primeiro alvor da manhã, disse seccamente:

— Apparece pela prôa um brigue que parece de guerra.

Barros dirigiu tambem o seu oculo na mesma direcção, e, com aquella perspicacia particular aos maritimos, assegurou que era um brigue de guerra inglez.

— Não tardará a içar a bandeira portugueza, que é meio muito usado pelos cruzadores inglezes, para não afugentar os navios negreiros, que pela maior parte trazem o nosso pavilhão.

Os oculos tornaram a dirigir-se para a embarcação estranha, que se aproximava sensivelmente, impellida pelo terral que soprava com mais força para o nascente; algum tempo depois pôde distinguir-se a bandeira.

— Portugueza! — exclamou Barroso, retirando a vista da lente.

— Não tem duvida — continuou o commandante, tendo verificado a parte do seu official — vamos *fazer-lhe um tiro,* antes que elle nos previna.

Barroso deu em seguido a ordem a um conde-

tavel; e o ribombo do canhão repercutiu por largo espaço sobre a superficie d'aquelle mar espelhado, erguendo-se simultaneamente sobre a pôpa da *Tritão* a bandeira bicolor.

Um momento depois desceu o pavilhão portuguez ao longo do mastro grande do brigue, e fluctuou em seu lugar a bandeira azul da Grã-Bretanha, ao som de outro tiro de canhão.

Um escaler foi lançado ao mar, de cada uma das embarcações, e os commandantes trocaram as saudações do estylo, por intermedio dos seus respectivos officiaes.

Eugenio, já restabelecido do golpe, ainda que mui fraco, foi o official destinado para ir a bordo do bergantim inglez, e regressou dizendo ser aquelle navio o *Water-Witch* — de sua magestade britannica, que ha tres annos cruzava entre Benguella e o Zaire; acrescentou ter recebido alli a noticia da morte do governador de Angola, e que uma junta, presidida pelo bispo, dirigia então aquelle reino.

A noticia pareceu desgostar a Barros, e ia retirar-se, quando um grito soltado da gávea o reteve.

— Terra a barlavento! — bradava essa voz.

Todos os olhos se dirigiram para aquelle lado.

O nevoeiro desfazia-se lentamente, e o horisonte apparecia fechado por uma cinta de terra muito arida, terminada ao norte por algumas palmeiras, que n'aquella distancia semelhavam uma frota velejada.

Poucos dos nautas desconheceram n'aquelle areal a *ponta da Palmeirinha.*

— Com poucas horas de viração estaremos fundeados em Loanda — disse o commandante.

E os rostos de toda a guarnição apresentavam uma mescla de encontrados sentimentos. — A vista de terra é sempre agradavel ao navegante, embora sejam as praias do mais barbaro desterro; mas a reflexão amortecia agora esse prazer, porque larga e trabalhosa estação aguardava os recem-chegados n'esta costa inhospita: não se poderia concluir qual era mais, se a curiosidade, se o terror, quem guiava as vistas d'aquella gente.

Um homem se aproximou n'esse momento do commandante, com a cabeça descoberta e todos os signaes do mais profundo respeito.

— Que buscas, Raphael? — lhe disse aquelle.

— A terra está á vista, senhor — respondeu placidamente o *Russo* — venho receber novamente os ferros.

— Snr. commandante — atalhou immediatamente Eugenio, que mui perto estava — eu respondo por este homem.

— Eu mesmo serei o seu garante — tornou Solano — mas posso aceitar a sua coadjuvação para libertarmos o nosso salvador commum.

— O commandante póde contar com os meus esforços.

— Como saldar esta enorme divida de gratidão! — exclamou o *Russo* — como? Ente miseravel que eu sou!

— Silencio! — disse o commandante, atravessan-

o sobre os labios o dedo indicador—silencio, que amos manobrar.

Depois, dirigindo-se á guarnição, bradou com oz forte:

— Chega para as obras!

Ao terrenho, que de todo se extinguira, succeia a viração: a chusma mareou convenientemente s velas, e a corveta seguiu ao longo da costa, brindo ao sôpro do vento todas as pequenas azas ue pouco antes resguardava da calma — porque a bsoluta carencia de aragem é tão prejudicial ao ano como o soprar da tormenta.

E o brigue inglez seguia em differente bordo, ımbem á vista da costa, como um dos elos d'essa nmensa cadêa com que a Grã-Bretanha cinge o lobo.

Em todos os mares — dos gelos polares aos troicos, no atlantico e no Pacifico — é um navio de uerra inglez a primeira visão que surprehende o auta, e que parece dizer-lhe: « Curva-te ante o ominador do oceano! »

Ao meio dia a *Tritão,* costeando a ilha de Loana, descobria por sobre ella os mastros dos navios ncorados no porto, e mais longe a cidade — apoiano a cabeça sobre as ameias do castello de S. Miuel, e descançando os pés no cemiterio de Nazaeth.

Bordejando venceu a corveta a embocadura do orto, e foi dar fundo em face da fortaleza de . Pedro, para no dia seguinte ir com o terral to-

mar o ancoradouro nas proximidades do *Penedo*, onde estavam surtos varios navios de guerra nacionaes.

Diversas pessoas appareceram immediatamente a bordo a comprimentar o commandante e o administrador da alfandega; um rico negociante offereceu a Barbalho, para sua residencia provisoria, uma casa que possuia na ilha de Loanda, e que estava então desoccupada, e o administrador resolveu-se a aceitar, com bastante repugnancia, porque bem entendia que era começar a comprometter a sua dignidade de funccionario publico, e collocar-se sob a tutela dos commerciantes do paiz, cuja alfandega vinha administrar, quasi todos negreiros e muito exigentes, ainda que generosos em demasia; mas aonde havia elle de conduzir Henriqueta?.....

.....

Um escaler largou algumas horas depois para a ilha, com os esposos, o seu hospede, e o tenente Julio, a quem Barros solicitára o favor de acompanhal-os.

O hospede, homem de meia idade, vestido com elegancia e de maneiras agradaveis, fez as honras da casa com bastante delicadeza, e ao cabo de dez minutos retirou-se, cravando sobre o novo *empregado de fazenda* um olhar penetrante, através dos vidros azulados dos seus oculos de ouro. Ao transpôr o limiar da porta, o honrado negociante contrahiu levemente os labios e o olho esquerdo, acompanhando estes gestos de uma imperceptivel inclina-

ão de cabeça, o que queria dizer na sua particular lgaravia: — o homem não é mais forte do que os utros que cá tem vindo; fica por minha conta.

A pousada agradou a Henriqueta; a vista do por-) e da cidade por um lado, através das folhas de lguns coqueiros; por outro o oceano com toda a ua magestade; em terra só algumas miseraveis ca- anas, uma pequena capella e uma cruz ennegreci- a pelo tempo, promettiam-lhe um religioso recolhi- ıento, uma dôce solidão... e todos sabem como stes attractivos encantam uma alma repassada de ıelancolia.

.....

Deixaremos Barbalho e sua esposa installar-se ommodamente em seu novo aposento, e a tripola- ão da corveta correger as avarias da viagem; apro- eitando este momento de calma, lançaremos uma ıpida vista sobre a colonia de Angola e a sua esta- ão naval, ou antes sobre as colonias e a marinha ıilitar de Portugal.

Não se assustem os leitores com este exordio, ue não é uma longa dissertação que vamos traçar, ıas um succinto bosquejo: entretanto, aquelles que ılguem não encontrar interesse algum nas linhas ue vão seguir, transponham de um salto o resto 'este capitulo, e encontrar-se-hão em bella sociedade no decurso do seguinte.

.....

As cidades de Loanda e Benguella, o porto inte- essante de Novo-Redondo e o novo estabelecimen-

to de Mossamedes, fecham pela parte do mar uma porção immensa de territorio fertil, dependente da corôa portugueza, que é limitado no sertão por um crescido numero de presidios, mais ou menos abandonados. Este extenso paiz jaz sem cultura, sem industria, sem um raio de luz da civilisação. E como não ha de ser assim, se o maior numero de governadores e commandantes de presidios só tem tratado até hoje de enriquecerem depressa, para voltarem á Europa poderosos; e, comprando a impunidade a preço de ouro, desfrutarem uma vida suave, embalsamada e independente?

Um descaro inaudito se apodera n'aquelles paizes da maior parte dos funccionarios publicos: o magistrado recebe o ouro nos tufos da sua garnacha, o militar nas pregas da sua banda, o sacerdote no fôrro da sua casula; o commerciante, costumado ao trafico infame de negros, usa quasi sempre de má fé nas transacções licitas, e o homem honesto, o negociante honrado, o empregado incorruptivel succumbem á falta de justiça, de equidade e decoro, entre authoridades venaes e um povo desmoralisado.

Os traficantes de escravos ganham com mui pouco trabalho um cabedal immenso, e despregando um luxo asiatico, particularmente na mesa, olham com desprezo para o negociante de trato licito, como na India o naire encara ao pariá. Estes homens, quasi todos extrahidos das ultimas classes da sociedade, sem educação, não conhecendo no mundo mais do que o ouro, mal podem avaliar as mil distracções

honestas que poderiam saborear mesmo n'aquelles climas. O abuso de manjares excitantes e de licôres fortes lhes entorpece a vida, como o opio aos orientaes; não teem um theatro, o talisman da harmonia, nada que os possa arrancar ao embrutecimento de uma vida sedentaria; nem ao menos esse suave adorno da existencia — a presença das mulheres! Rara e mui rara é a apparição de um ente como Henriqueta n'essas regiões amaldiçoadas.

Quanto aos militares, uma pasmosa desigualdade se observa na recompensa dos serviços prestados por elles nas colonias. Ao official que vai servir em terra, dá-se-lhe um posto, condecorações e outras vantagens, quando ainda se ignora como cumprirá o seu dever, e no regresso á patria nenhum premio o espera pelo bom desempenho da sua commissão; assim de que tratará este homem, cercado de seducções, com tanto mau exemplo a seguir, sem esperança de lucro algum por meios honestos, antes sujeito á vindicta de desalmados inimigos? — deixa-se arrastar na torrente da depravação, e procura tambem amontoar ouro. Aos empregados civis acontece o mesmo; e nas demais colonias de Portugal é a mesma cousa que em Angola.

Agora, quanto ao official de marinha, que vai estacionar nas colonias, o caso é differente: não lhe dão vantagem alguma na partida, nem lhe promettem premio para o regresso; e o homem que expõe assim a vida sem gloria e sem recompensa, não se deixará contaminar da lepra de um sordido interes-

se? É necessario, com effeito, ter muita virtude para resistir! E o facto é, que muitos hão sahido immunes d'esse lodaçal de torpezas, como a salamandra d'entre as chammas. Honra lhes seja dada, ao menos na penna de um obscuro escriptor e nos corações dos homens honestos.

E o marinheiro?

Se nada tem a esperar dos seus serviços em outros climas, n'este, só uma agonia dolorosa, morte prematura o aguarda.

Como teremos marinheiros morigerados?

A chibata, as galés para as menores ou maiores faltas.

E nem um pedaço de negro pão para o que envelhece, ou se inutilisa no serviço!

Nem uma sêde d'agua para a viuva, a mãi ou a irmã do homem, que expirou entre as torturas de uma febre aguda, sob o céo abrazador dos tropicos

.....

As colonias e a marinha ainda não foram encaradas em nossa terra com um olhar profundamente politico, economico e philosophico.

Bons desejos, sem experiencia, de nada valem

Saber, sem probidade, nada produz.

.....

Não crêmos haver feito nenhuma descoberta importante sobre o objecto que nos propuzemos bosquejar, porém repetiremos o que já teem dito outros muitos, antes de nós, o que outros muitos repetirão ainda, até que esse clamor, perdido entre o susurro

das revoluções, encontre echo no gabinete de um ministro, ou nas salas dos representantes da nação.

A primeira necessidade das colonias portuguezas é — a nosso vêr — a formação de um conselho director na capital, separado do ministerio amovivel — ao que não corresponde o actual conselho ultramarino.

Depois, a organisação de companhias agricolas, e a extirpação radical do trafico de escravos.

Funccionarios publicos bem escolhidos e bem pagos.

E amplas medidas sanitarias.

Quanto ao pessoal da marinha, é necessario separar dos homens que não trabalham aquelles que consomem a vida no serviço — e premial-os.

Arregimentar os marinheiros, mas não com a actual organisação do corpo de marinheiros militares.

Alimental-os na velhice; e não deixar morrer á mingoa as familias d'esses miseraveis [1].

. . . . . .

Quantos inimigos acarretará ao homem que escreveu estas linhas, a verdade lançada ahi a nú, sem

[1] Não é este o lugar proprio de desenvolver mais esta materia, antipoda do romance; os leitores a quem ella interesse, sabem onde devem encontrar particularisadas as questões de marinha e colonias, mesmo algumas d'ellas tratadas pelo author d'este livro, que ainda não desiste de continuar n'essa tarefa espinhosa.

fel de inveja, nem intenção alguma baixa e vil, só com o intuito de vêr melhorada a sorte de classe trabalhadora, e prosperas as nossas colo — unico meio de engrandecimento para Portu

Deus será nosso juiz.

XIV

> Amizade! amizade! delicia dos corações que o amor maltrata e abandona; irmã generosa, de que se não cuida, e que perdôa sempre.
>
> G. Sand — *Cartas.*

O mez de novembro está a terminar.

A *Tritão,* tendo reparado as avarias da viagem, faz tremular com donaire o seu pavilhão bicolor sobre mastros perfeitamente apparelhados, e um casco pintado de negro d'ebano, que os raios do sol abrilhantam: o seu pano está todo envergado; e a bella corveta volteando sobre as aguas ao bel-prazer da corrente, em um circulo traçado pela sua amarra, arfando garbosamente ao sopro da viração, parece impacientar-se d'aquella ociosidade — como o brioso ginete seguro pela brida, se meneia em elasticos corcovos quando sôa o clarim guerreiro.

Um escaler larga de bordo da *Tritão,* acobertado

de um toldo extremamente branco, debaixo do qual dez possantes marinheiros fazem vergar os seus remos, e alguns officiaes conversam sobre objectos de pouca entidade; por sobre as suas cabeças fluctuam a bandeira e flammula portuguezas.

Dirigem-se para a ilha de Loanda, e breve abicam á praia.

Nos officiaes que desembarcam ninguem deixará de conhecer os tenentes Julio e Barroso, e os guardas-marinhas Eugenio e Jacob.

Os quatro jovens atravessam com rapidez o espaço que os separa da habitação de Barbalho, para fugirem ao calor do areal escaldado pela intensidade do sol; transpõem ruidosamente o limiar da porta, e precipitam-se nas salas, com a franca jovialidade propria aos maritimos de educação.

A alegria d'esses quatro rostos, de igual animação aos olhos do indifferente, deriva-se todavia de bem diversas causas: em Barroso é naturalidade, em Jacob estudo, ironia em Julio e calculo em Eugenio.

Porque o primeiro aceita a vida como a Deus apraz concedel-a; aproveita o dia de hoje, alegremente se é possivel, sem lembrar-se do que passou hontem, do que sobrevirá ámanhã.

O segundo, torturado por uma paixão libidinosa, procura attenuar em todo o genero de orgia a recordação — ao mesmo tempo dôce e dolorosa — da mulher que deseja possuir e que lhe foge.

O terceiro, quasi desprovido de crenças, tem nos labios o riso do septicismo.

E o quarto apparenta alegria, para desenganar a mulher que o ama, e que elle — leal cavalleiro — não quer atraiçoar.

Acompanhemos os mancebos ao interior da habitação.

Teem diante dos olhos uma sala toscamente pintada, além de ridiculamente construida, fazendo contraste com os moveis, que são pela maior parte de excessivo luxo e primor. Tres pessoas estão ahi, já conhecidas dos mancebos recem-chegados e dos leitores tambem.

Henriqueta está sentada na extremidade de uma rica ottomana: o seu vestido branco e transparente desenha com perfeição os contornos de um talhe seductor, a simplicidade constitue a sua principal belleza; nenhum adorno lhe prende o collo e os braços — pouco claros mas primorosamente arredondados — e o seu formoso semblante engasta-se em duas madeixas de lustrosos cabellos, que só apresentam como atavio uma larga fita, negra como elles. Tem na mão uma ventarola chineza, com que modera o calor do ambiente, e descança os pés, encruzados com negligencia, em um tamborete de velludo carmezim.

Junto d'ella, tambem na ottomana, está recostado Solano; o seu traje é rigorosamente militar, e não do mais apurado gosto. Folheia um *album,* ricamente encadernado, onde se vêem estampadas em ouro as letras — H. B. —

A pouca distancia da ottomana está uma peque-

na mesa, sobre a qual alguns vasos de crystal exhalam a fragrancia de variados perfumes, entre ramilhetes de flôres artificiaes, e outros d'esses *nadas* que revelam a presença de uma senhora de boa sociedade. Alguns livros portuguezes e francezes, papeis de musica, e estampas de valor acabam de cobrir a mesa, que parece não poder receber mais nada.

Porém Barbalho procura ainda accommodar sobre ella, provisoriamente, alguns papeis concernentes á repartição a seu cargo, que está pondo em ordem; não se descuidando todavia de lançar de través um olhar suspeitoso sobre as outras duas figuras d'este quadro.

As continuas e largas visitas do commandante agradavam-lhe mui pouco.

Á vista dos officiaes da *Tritão,* Henriqueta empallideceu ligeiramente; para disfarçar esta mudança, que ella percebeu sem que lhe fosse mister vêr o rosto em um espelho, apressou-se a dirigir-lhes a palavra:

— Penosa é para mim a sua visita de hoje, meus amigos, porque adivinho o motivo que os conduz.

— Mais triste é para nós, senhora — respondeu Julio, affectando uma commoção profunda — ter de cumprir tão dolorosa obrigação.

— Uma despedida entre pessoas indifferentes — acrescentou Barroso — é um ponto de etiqueta, que tem o mesmo valor que o protesto de fé politica de um candidato a deputado; porém quando se trata de

dizer — adeus! — a uma pessoa estimada, a uma pessoa que, como v. exc.ª, dispendeu comnosco profusamente toda a classe de delicadezas em tão extensa viagem, então é um pungente dever.

— É a mim que cumpre, snr. Barroso, agradecer as continuas deferencias que v. s.ª e os seus camaradas tiveram sempre para commigo; acabava de patentear ao commandante a minha gratidão para com elle e seus dignos officiaes, por tão distinctas provas de amizade, quando me annunciaram a chegada de vv. ss.ªs

— V. exc.ª nos honra em demasia com a lisonjeira expressão dos seus sentimentos, tão nobres quanto delicados.

— Com que formalidade está hoje fallando o snr. Jacob! não é esse o seu costume. — E o snr. Eugenio, tão silencioso?

— É o sentimento de ter que deixar por alguns dias a amavel companhia de v. exc.ª e do snr. Barbalho, motivo unico, na verdade, que me fará virar a face para este paiz, quando a corveta se fôr apartando das suas praias.

— Bello quadro! — exclamou Solano, fixando-se com prazer sobre uma das folhas do album. — Bello, excellente desenho! — continuou maravilhado — é a primeira vez que o enxergo n'este livro.

— Foi concluido hontem — respondeu dôcemente Henriqueta.

— E o seu author quem é?

— Eu, senhor.

— Vós! oh! então sois uma professora! Que terno e melancolico olhar no rosto d'esta mulher, abraçada com a cruz de um sepulchro! Que nome teve na terra o pó que descança sob esta lousa?

— Abeillard.

— Como v. exc.ª comprehendeu os soffrimentos de Heloisa! — Admirem, meus amigos — proseguiu elle querendo fazer partilhar aos officiaes o seu enthusiasmo — vejam este milagre da arte!

— Bello!

— Magnifico!

— Sublime!

— Inimitavel!

Foram as successivas exclamações dos mancebos ao observarem a pintura.

Henriqueta, que tão ardentemente desejava possuir um desenho de Eugenio, em cuja contemplação pudesse attenuar a mágoa da sua ausencia, não desperdiçou este ensejo; dirigindo-se a todos os officiaes da *Tritão* que estavam presentes:

— Meus amigos — lhes disse — quanto me alegro que mereça as suas sympathias essa pagina do meu album! uma tal prova de benevolencia é para mim um seguro garante de que vv. ss.ªˢ não desdenharão collocar ao lado do humilde esboço alguma inspiração de pintura, de poesia ou de musica.

— Senhora! — balbuciaram os mancebos.

— Não tentem desculpar-se — interrompeu promptamente Henriqueta — largas informações tenho da especial inclinação de cada um. Sim, o snr. comman-

ante nos mimoseará com um d'aquelles portentos e pintura, que tão bem sabe extrahir dos bicos da ua penna; o snr. Jacob, com um improviso de sua eiticeira musa; o snr. Eugenio, com uma d'aquellas ıelancolicas paizagens que descreve com tanta verade; o snr. Barroso, com algum extracto das suas omposições musicaes; e o snr. Julio... com qualuer cousa, que não deixará de ser digna do homem e tão aprimorado gosto.

— Cumpriremos, bem ou mal, segundo nossas ɔrças, as determinações de v. exc.ª

Os officiaes desenvolveram em periodos especiaes resposta generica do commandante.

Henriqueta com aquelle fino tacto de senhora de lta sociedade, interrompeu com lisonjeiros compriıentos as desculpas dos mancebos, e respirando aleria pela certeza de conseguir uma lembrança de Euenio, mostrou outras paginas do album aos officiaes, ızendo-lhes notar alguns bellos desenhos.

— Vejam esta catadupa — dizia ella — que exeução! Este portico grego, que traços magistraes presenta! o *acabado* d'esta perspectiva de Monteideu alumiada pelos ultimos raios do sol! O pico e Teneriffe erguendo magestosamente o cume por ntre as nuvens! e sobretudo este ramilhete de flôes — exclamou ella arrebatada — que *saudade* tão iva, que *amor perfeito* tão natural!

— São primores d'arte! — disse Julio convicto.

— Puras maravilhas! — acrescentou Eugenio.

— É ao nosso obsequioso hospede — proseguiu

Henriqueta — que devo a excellente acquisição d'
te livro, já adornado como vêem.

— Faltava-lhe o mais bello adereço, senhora
interrompeu Solano — a corôa de todos esses del
xos, Heloisa sobre o tumulo de Abeíllard.

— Veio do Rio de Janeiro; aqui não ha d'est
bagatellas — disse apressadamente Barbalho, pa
que não proseguisse a scena de lisonjas, que no s
entender já durava demasiado.

— Encommendou-o apenas chegamos — con
nuou Henriqueta, que havia percebido o incommo
de seu esposo; e querendo mudar o fio da convers
ção, affectou uma subita reminiscencia, e exclamou
— Ai! antes que me esqueça... como vai o negoc
d'aquelle pobre marinheiro Raphael?

— Por agora nada se póde fazer — respondeu
commandante — aguardaremos pela chegada do no
governador, que se diz partirá de Lisboa apenas n
meado, e veremos se é possivel alcançar d'elle
perdão — á vista do attestado de optimo comport
mento que passei ao marinheiro, da desistencia fo
mal que fez o snr. Eugenio como parte no proces
e do testemunho escripto de toda a guarnição, qu
comprova o importante serviço que nos prestou e
nação, salvando a corveta do difficil passo em que
vimos no dia 6 de julho. Ora, ainda que o gove
nador não esteja legitimamente authorisado para
absolver, talvez isso se consiga, porque os homen
que vem de Portugal dirigir as colonias arvoram-se
commummente em bachás, e vão fazendo o que se

lhes antolha — bom ou mau, acertado ou desacertado.

— Quem será elle, o novo bachá? — disse Barroso.

— As ultimas cartas de Lisboa que recebi fallam no *chefe de divisão* Bersane, e em um *general* pouco conhecido. O governo ainda não havia ultimado a escolha.

— E segundo o costume — acrescentou Vieira — á nomeação d'esse homem se limitarão as providencias que receberemos da metropole.

— O governo provisorio — disse Julio — parece adivinhar a aproximação da morte; tem dado largas ao seu poder nos ultimos dias, transferindo, removendo, demittindo e promovendo funccionarios de todas as classes.

— A proposito de governo provisorio — atalhou Barbalho — quaes dos senhores vão ámanhã ao jantar do paço? o commandante não falta?

— Espero comparecer — respondeu Solano.

— Nós estamos de serviço — disse Eugenio, designando-se a si, a Julio e a Barroso — Jacob irá provavelmente?

— E os nossos amigos Novaes e Antunes... e mais o homem de Freixo de Espada-á-Cinta — concluiu Jacob rindo-se estrondosamente.

— São horas de embarcarmos, senhores — disse o commandante erguendo-se; e apertando a mão do administrador geral, continuou: — V. s.ª já sabe que ámanhã pela noite, ou na madrugada seguinte, é a nossa partida: uma ausencia de vinte ou trinta dias,

vou até ao Zaire, e talvez mesmo a Cabinda: durante esse tempo o snr. guarda-marinha Eugenio fica na lancha, cruzando entre o Bengo e o Cuanza, porque as escunas vão sahir tambem ámanhã, precisa-se d'ellas em Benguella e Mossamedes. Se a alfandega carecer da protecção da força maritima, entenda-se com o snr. guarda-marinha, a quem deixo instrucções a esse respeito.

— Poderei vêl-o ao menos — pensou Henriqueta.

— Adeus, senhora — continuou Solano estendendo a mão á esposa de Barbalho — levo o album de v. exc.ª; e abaixando a voz, acrescentou: — Eu mesmo terei o gosto de ser o portador d'elle, se...

A aproximação dos officiaes obrigou Barros a concluir a expressão com voz quasi imperceptivel, porém que Henriqueta comprehendeu, de certo, porque após breve hesitação, lhe respondeu com um gesto affirmativo.

Ao dizer — adeus! — ao apertar cordialmente a mão de cada um dos mancebos, a formosa senhora não pôde suster uma torrente de lagrimas, porque era amiga sincera de todos elles; tel-as-hia derramado ainda que Eugenio ficasse junto d'ella.

O commandante e os officiaes regressaram a bordo da corveta bastante commovidos.

.....

Quando a noite veio substituir o repouso ao bulicio ordinario do dia, os mancebos trataram de satisfazer aos desejos da gentil passageira. Eugenio, sentado junto á mesa da camara dos officiaes, debuxa

ma linda paizagem coroada por um eremiterio; Barɔso, fechado em seu camarote, extrahe uma walsa, o voluptuoso estylo hespanhol, d'entre a collecção ue produziu em horas de recolhimento, e abrilhanı-a com felizes retoques; Julio procura — no que lle chama o seu museu, isto é, uma bonita caixiha contendo algumas recordações dos paizes que ɜm percorrido — uma folha de salgueiro, trazida por lle de Santa Helena, e colhida sobre o tumulo de apoleão: colloca-a no album, e inscreve-lhe ao lado stas poucas palavras:

«Pobre folha, errante e solitaria hoje — ainda ontem apartavas os raios d'um sol ardente da fron: do maior capitão do mundo!»

E Jacob passeia a sós no tombadilho, buscando ıspirações na suavidade da noite. Ao cabo d'alguns ıinutos, suspende os passos, e depois de breve pauı corre a estampar no album os versos que improisára.

Eil-os aqui:

Longe da patria, peregrino, errante,
O nauta cruza procellosos mares,
Surge nos portos de diversos climas,
Vê novos rostos, prantos e cantares.

E em toda a parte o gelo da indifferença
Acolhe o pobre, transviado e lasso,
E elle caminha ante o bulcão tremendo,
Sobre a passagem não deixando um traço.

Vai succumbir... mas voz celeste o chama,
Bradando — Hossana! — ao misero exilado;
Mulher nas fórmas lhe parece um anjo...
Resurge á vida — esquece-lhe o passado!

Apresentamos a nossos leitores os versos de Jacob, não como um modêlo de poesia, mas para dar alguma idéa do melancolico estylo maritimo, em que são escriptos todos os devaneios dos jovens officiaes de mar; suas maneiras francas e joviaes na sociedade contrastam singularmente com este typo litterario, mas é por isso que havemos affirmado já n'este livro, e o repetimos ainda, que esses homens soffrem muito... muito, quando teem um momento para reflectir.

Em quanto Julio, Eugenio, Barroso e Jacob davam culto ás bellas artes, o commandante meditava profundamente, encerrado em seu camarim; e o doutor velava junto ao leito do escrivão, que consumia dolorosamente a vida sob o açoute da *carneirada*. A terceira estação d'Africa tinha de ser-lhe fatal, como elle prophetisára!

Só Novaes, Antunes e José dos Santos, se entretinham ruidosamente jogando e dizendo chocarrices indecentes entre estrondosas gargalhadas: os dous primeiros, que eram o que o vulgo costuma chamar — typo d'um maritimo — por terem o rosto queimado, as mãos grosseiras, a voz de Stentor, e uma decidida predilecção pela vida de bordo, não eram melhores officiaes de mar do que Julio e Barroso, po-

rém como nada mais podiam avaliar, desprezavam tudo que não tivesse relação com um navio, e é por isso que iam a terra rarissimas vezes em qualquer lugar onde aportassem, pois não ousavam descerrar os labios fóra d'aquelle recinto perfumado de alcatrão.

Basta, porém, d'este objecto, em que mais d'uma vez temos tocado; repousemos como a tripolação da corveta até ao novo dia.

XV

> Seja falsa ou verdadeira a accusação — que me importa? O coração e a razão me arrastam igualmente a defendel-a.
>
> ARIOSTO — *Orlando furioso.*

O DIA seguinte áquelle em que os officiaes da *Tritão* se despediram de Henriqueta, já vai em meio de seu curso.

É um domingo.

O tempo está bello e calmoso; como são de ordinario as tardes n'este clima, em qualquer estação do anno.

O sino da *Tritão* acaba de annunciar uma hora.

Por um e outro bordo da corveta se alinham em duas fileiras os marinheiros e grumetes; estão vestidos em perfeito uniforme e com muito aceio: trajam

camisa de collarinho azul, orlado de estreitas fitas de linho, calça branca, meias azues, e chapéo de palha, cingido de uma faxa de sêda preta onde se lê — TRITÃO — em letras douradas. Á frente de cada uma das divisões está um official e um aspirante a guarda-marinha. Na pôpa vê-se o pequeno destacamento do batalhão naval, commandado por um sargento, e tambem uniformisado, com suas fardas de gola azul agaloada de amarello, calça branca, barretina coroada de pennacho vermelho, e dragonas brancas, verdes ou encarnadas, segundo a classe a que pertencem de fuzileiros, atiradores ou granadeiros. Em face da tropa, e proximo do mastro grande, estão os pagens vestidos como o resto da marinhagem, e com tão resolutò ar de marinheiros como os velhos navegadores — o mais idoso d'entre elles não conta ainda treze annos: á sua frente apparece o guarda-marinha Jacob, que os dirige com um cuidado paternal.

Em volta da meia-laranja está o commandante e os demais officiaes, todos vestidos de sobrecasacas militares com dragonas; dos cintos envernizados lhes pendem as espadas.

O silencio é completo durante alguns momentos.

Depois o commandante acompanhado do seu immediato faz um giro em roda do navio, examinando um a um os seus subordinados, e parece ficar satisfeito da boa ordem em que os encontra, resultado preciso da disciplina estabelecida por elle, sustentada com o seu exemplo, e methodicamente executa-

la. Chegado novamente ao ponto d'onde partira, faz ım breve e não pedantesco discurso, dirigido á tri-ɔolação em linguagem pura mas chã, no qual recom-nenda o aceio, a subordinação, a ordem e o silencio lurante o trabalho; depois volta-se successivamente ɔara cada um dos officiaes — encarregados da arti-heria, da nautica, do apparelho e dos signaes — ɔerguntando se nada falta nas repartições cujos car-ços teem; logo interroga o immediato e o commis-ıario sobre o estado dos mantimentos, o cirurgião em 'espeito á botica, o mestre, o carpinteiro e o calafa-e ácerca de seus respectivos misteres: e concluindo l'este minucioso exame que tudo está em regra, nanda disparar a *peça de leva,* e içar a bandeira ɔranca e azul, como signaes da proxima partida da :orveta.

Em seguida dá ordem de *tocar a postos.* — Dous ninutos depois de se ouvir o costumado signal do ambor, toda a marinhagem, que havia desapparecido da tolda áquelle toque, está novamente em cima, .rmada de espadas, chuços, espingardas ou pistolas, — não já em duas linhas uniformes, mas rodeando ɔs canhões, guarnecendo as gáveas, o castello e o ombadilho; e alguns, poucos, em reserva na tolda om os soldados.

É bello vêr aquelles homens moverem-se, como ɔor um mecanismo occulto, aos successivos toques ɪue annunciam no tambor e na corneta as diversas ɔvoluções de guerra: attentos, ligeiros e silenciosos — ora correm em massa á pôpa ou a um dos bordos

a defender a abordagem, ora precipitando-se no castello e alongando-se pelo gurupés, representam sem momices um ataque ao vaso inimigo; depois guarnecem novamente a artilheria, fazendo fogo, já de um, e já d'outro bordo, e logo destacam reforços da bateria a coadjuvar as manobras do velame; e os pagens atravessam continuamente a tolda, transportando do paiol a polvora para o combate.

Assim passaram tres horas.

— Agora, meus senhores — disse o commandante virando-se para os officiaes, quando acabou de soar o toque de retirada — são horas de irem para terra; não é justo que o snr. bispo espere mais tempo por vv. ss.as

— O commandante não vem? — abalançou-se a perguntar o immediato, que parecia sempre constrangido ante a superioridade intellectual de Barros.

— Não posso — respondeu aquelle — o snr. Novaes terá a bondade de desculpar-me para com os membros do conselho do governo, allegando que fiquei enfermo; e tambem para com aquelle bom homem, administrador da alfandega; peço-lhe mesmo que diga a este ultimo, que eu ainda estava no catre com alguma febre, quando v. s.a sahiu de bordo; o homem mostrou-se tão empenhado em que não faltasse ao jantar, que é preciso dar-lhe uma desculpa formal.

Novaes, que havia interrompido tres ou quatro vezes o commandante, respondendo *sim senhor* a tudo que elle dizia, repetiu por ultima vez a affirmati-

ra, e dirigindo-se a alguns dos officiaes: — Vamos, meus senhores? — concluiu, já com voz de superior.

— Vamos — responderam alguns d'elles.

E saudando o commandante, Novaes, Antunes, Jacob, o commissario e o cirurgião desappareceram successivamente pelo portaló de bombordo.

Roque Solano dirigia a espaços o oculo na direcção da ilha de Loanda, e parecia impacientar-se do vagaroso caminhar do sol, quando lhe occorreu um excellente meio de distrahir-se por duas horas; dirigiu-se a Julio e Eugenio, que passeavam na tolda, e disse-lhes:

— Já estamparam as suas producções no album de D. Henriqueta?

— Sim, senhor — responderam simultaneamente os mancebos.

— Tenham a bondade de envial-o para a camara, que tambem vou lançar-lhe alguns traços de penna. Ha-de ser a *Tritão* desarvorando do mastaréo da gata, e nós fazendo uma viagem aérea até á prôa.

E sorriu-se.

Era a primeira vez que sobre a tolda apparecia um tal phenomeno no rosto do commandante; se exceptuarmos o dia da *passagem da linha*.

— O homem está muito alegre! — conjecturaram todos os circumstantes.

. . . . . .

Ás oito horas, Roque Solano embarcou na sua canôa particular, acompanhado tambem sómente pelo patrão d'ella, homem da sua confiança; e largan-

do a vela ao brando sopro da viração, afastou-se do navio mansamente, sem que se pudesse notar a direcção que tomava, por estar bastante escura a noite.

Julio e Eugenio passeavam no tombadilho, e pareciam bem melancolicos.

Depois de alguns minutos, durante os quaes não soltaram mais que um ou outro monosyllabo, os dous jovens acharam objecto para larga conversação na cousa mais trivial do mundo.

Por entre o negro vulto de arvoredo, que sobresahia no fundo escuro do céo, como o baixo-relevo de uma lamina de ferro, elevada sobre a ilha de Loanda — Julio e Eugenio distinguiram uma luz.

— Que extravagante pensamento! — exclamou o guarda-marinha. — A apparição d'aquella luz transportou-me em imaginação aos tempos feudaes: occorreu-me como seria bello ir por entre as sombras de uma noite escura como esta, debaixo dos balcões de um palacio gothico, dedilhar o alaúde dos bardos acompanhando uma canção de amor; d'esse amor sublime, ardente e dedicado que só a idade média conheceu; e vêr assomar essa luz, signal combinado para uma entrevista com a formosa castellã, e a dama ser Adelaide.

— Outro devaneio, não menos extravagante do que o teu, me desenhou na mente o reflexo d'essa mesma luz. Revesti uma prisão de todo o seu sequito de horrores, de todos esses instrumentos de tortura inventados pela crueza de nossos avós; vi en-

ıs um moribundo, acompanhei-o nas an-
ɔonia, segui-o até á hora fatal em que o
e ao delirio; e aquella luz appareceu en-
ãos do algoz que vinha buscar a sua prê-
rde, que Deus havia poupado á victima
a affronta, fazendo-a transpôr o espaço
ı a creatura do Creador.
eu pensamento é sombrio, e de uma sel-
ılancolia, como os poemas de Byron.
ım contraste com o teu, de cavalleirosa
omo os rimances de Bernardim.
ıos nós recordar alguns hymnos de Lamar-
ɜaubriand e Herculano, no adro d'aquella
e lá começa a alvejar na ilha, junto á ve-
ıutilada?
ıos, e no batel que nos conduzir, repeti-
Ciumes do Bardo, esse primor d'arte em

momentos depois, Barroso substituia Ju-
viço; e os dous mancebos sobraçando as
ıeio occultas debaixo das suas capas, re-
a pôpa de um escaler, vogavam a remo e
a ilha de Loanda.
ıdo os maravilhosos versos de Castilho, não
lles de vista a luz que tanto os impres-
cujo reflexo se exhalava dos aposentos
ueta. Eram dez horas quando abicaram a
rente mesmo da capella.
ɜ já então estava clara e suave, apesar da
la lua: o reflexo de milhões de estrellas

abrilhantava o mar e arêas da ilha com prodigiosos accidentes de luz; o vento susurrava dôcemente em volta das velhas arvores que circumdam a arruinada capella, e penetrava por entre as fendas da lascada e negra cruz, como as preces dos homens que além dormem o seu derradeiro somno, debaixo da fria lousa; e o rocio da noite pendurava-se d'esses braços de pedra e d'essa ramagem, como as lagrimas de tantos innocentes sacrificados n'aquelle paiz á intolerancia politica e religiosa, á cubiça e á vingança.

As fogueiras que os pobres negros habitantes da ilha costumam accender em frente das suas cabanas, já de todo haviam expirado á falta de combustivel; silencioso e deserto estava esse areal, por onde vegetam plantas enfesadas, e cuja monotona successão só é interrompida, aqui e alli, pelos tugurios dos pescadores.

Entre estes sombrios asylos da miseria, via-se o pallido vulto da habitação de Barbalho, como um mausoléo de potentado no meio de tumulos humildes, como o mais custoso monumento d'aquelle vasto cemiterio.

Eugenio orava de joelhos junto á cruz e Julio conservava-se de pé, meditando sombriamente — como emblemas de dous principios.

Era o Evangelho e a Encyclopedia.

S. João e Luthero.

A crença e a philosophia.

Dôce, e quasi celestial raiava a physionomia de Eugenio.

As angustias da duvida estavam pintadas no semlante de Julio.

Um estranho susurro veio perturbal-os.

Era o gemer da agua ferida pelos remos: mau mbarcação se aproximava da ilha.

Eugenio interrompeu a oração e ergueu-se; á 'aca luz das estrellas viu que uma barca varava em 'ente da morada de Henriqueta.

— Quem poderá ser a estas horas? — disse elle ara Julio — Barbalho fica na cidade esta noite; aqui ão vive mais pessoa alguma além dos negros pesadores; só se é especulação de negreiro! Demoa-te aqui um momento, que eu vou aclarar este neocio.

— Espera; vamos juntos.

— Não — respondeu Eugenio erguendo do chão ponta da espada para evitar o menor arruido, e enolvendo-se bem nas dobras da sua capa — não me companhes; o espião deve caminhar só para que ada o distráia; se me demorar muito vem então rocurar-me.

E afastou-se de Julio a largos passos, desappaecendo por entre as arvores, antes que aquelle puesse responder-lhe.

Julio, achando-se só, e não sabendo para onde digisse os passos, caminhou insensivelmente até á raia.

A guarnição do escaler que o conduzira estava m grupo á beira da agua, olhando para duas emarcações abicadas na arêa defronte da casa branca.

— Não póde ser a canôa — dizia um dos marinheiros.

— Assim Deus me salve como ella é a mesma — respondia outro.

— Que embarcação é essa que chegou? — interrompeu Julio, apparecendo entre os marinheiros.

— Não sabemos, snr. tenente — disse o que fallára em ultimo lugar — mas aquella outra que chegou antes de nós é a canôa do nosso commandante.

— É uma mania que se metteu na cabeça do *Chora-vinagre.*

— Sim, agora o verás á vontade, que a lancha está fazendo-se ao mar. *Heim! só Feio-bicho,* será ou não será a *berlinda?*

— Ganhou, camarada; agora vê-se bem que é ella; pintada de branco não ha mais nenhuma no porto.

Julio sentiu correr-lhe como um fio de neve ao longo da espinha dorsal, ao mesmo tempo que um sinistro presentimento lhe comprimia o coração. Não pronunciou uma palavra, mas soltando ao vento as bandas da sua capa, para desembaraçar o movimento dos braços, lançou-se a correr pela praia em direcção á canôa.

Mal o tenente partira, viram os marinheiros que aquella embarcação desaferrava tambem; resvalando ligeiramente sobre as aguas, deixou de enxergar-se em um momento.

Em quanto a guarnição do escaler observava de longe estes movimentos maritimos, Eugenio era es-

pectador e actor d'um extraordinario drama, cuja acção se passava em terra.

Quando o joven guarda-marinha chegou a um pequeno muro que fecha pela parte do sul o edificio então occupado por Henriqueta, viu escoar-se um homem pela porta da entrada commum, e subir apressadamente os poucos degraus que separam do sólo o pavimento superior; um sentimento de curiosidade e o desejo de soccorrer Henriqueta, se era d'uma traição que se tratava, guiaram os passos de Eugenio contra a habitação; e todavia o mancebo corajoso e leal sentia estorcer-se-lhe o coração, como se tivesse medo; era um mysterioso presagio de negra fatalidade!

Apenas suspendera os passos, sentiu abrir-se com violencia uma janella, e um vulto veio cahir a seu lado; immediatamente a queda d'um corpo pesado retumbou no pavimento superior, e um grito selvagem, escapado tambem das salas, veio misturar o seu echo sinistro com o cicio dos coqueiros balouçados pelo vento, e o placido rolar das aguas sobre a arêa.

A penna não póde acompanhar os acontecimentos com a mesma rapidez com que elles succedem.

O vulto que cahira junto do mancebo, apenas tocou o sólo ergueu-se apressado, segurou rapidamente o braço do homem que achou ao pé de si, reconheceu Eugenio, e sem perder tempo em desculpas ou exclamações vãs, disse: — Silencio! pela honra de Henriqueta! — E precipitou-se nas aguas.

— Roque Solano! — exclamou Eugenio petrificado.

E o commandante (que era elle o homem da descida aérea) segurou-se á canôa que o patrão já havia desencalhado, por prevenção, ajudou a soltar a vela, e dirigiu a prôa á corveta.

Quando Eugenio voltou a si da estupefacção em que o deixára aquelle mysterioso evento, sentiu que mão de ferro lhe segurava o braço esquerdo; o terror o impelliu a um movimento vigoroso pelo qual se escapou ás garras do desconhecido, e recuando dous passos, deixou cahir de sobre os hombros a capa, e encarou o adversario, cruzando os braços, e descahindo naturalmente a mão direita sobre o punho da espada.

Ao reconhecer o homem que tinha ante si, ficou novamente immovel.

O mesmo succedeu ao provocador; cruzou tambem os braços, e não pôde articular uma palavra.

É necessario fazer um pequeno retrocesso para melhor comprehensão da scena que vai passar-se entre esses dous homens, que ahi deixamos um momento — mudos, e como fascinados por um indizivel espanto.

Lembrados estarão os leitores que, ao despedir-se de Henriqueta, Roque Solano lhe dirigira algumas palavras em voz tão baixa, que ninguem mais as percebeu: «Levo o album de v. exc.ª», disse elle em tom ordinario; e depois moderando a voz continuou: «Eu mesmo terei o gosto de ser o portador

d'elle, se... se v. exc.ª — concluiu quasi imperceptivelmente — me concede antes da partida uma entrevista, tantas vezes solicitada ». Estas palavras que escaparam a todos os circumstantes, e ás quaes Henriqueta respondera com um gesto de approvação, patenteiam o motivo por que Barros deixára de comparecer ao jantar do governador, e fôra encontrado na ilha.

O commandante tendo conhecido que Eugenio evitava a presença de Henriqueta, revestira-se de paciencia; e seguindo por toda a parte a bella passageira, cumulava-a de attenções havia quatro mezes; aguardando que, ao menos para se vingar do ingrato, ella correspondesse um dia ao seu amor, e coroasse seus mais ardentes desejos.

Em troco d'este amor tão apaixonado que, apesar da sua idade, sentia por Henriqueta, em troco d'um coração que só palpitava por ella, Barros não exigia outro coração todo dedicado a amal-o — não! o que elle queria era ser preferido a Barbalho; era saber que nenhum outro beijaria sequer os rosados dedinhos de Henriqueta; que nenhum seria mais feliz do que elle ao pé da formosa lisbonense; e conservasse ella embora o seu amor ideal por Eugenio.

Tremulo de alegria penetrou Barros na habitação do seu anjo.

Mas quando em transportes de delirante embriaguez, pedia á formosa dona que sellasse a felicidade do homem, que cifrava na sua posse toda a ventura da terra... uma voz conhecida, o som que elle me-

nos desejaria ouvir n'aquelle momento, repercutiu no gabinete, — e se não lhe cortou totalmente a resolução, pelo menos lançou-o em uma perplexidade espantosa.

Após um instante de immobilidade e mudez, Roque Solano arremessou-se a uma janella, abriu-a precipitadamente, e desappareceu aos olhos de Henriqueta. Esta, que medira horrorisada toda a vastidão da sua imprudencia, baqueou ao peso da mais despedaçadora afflicção, e perdeu o uso dos sentidos. Barbalho assomára n'esse momento ao limiar da porta.

Quando viu a sombra d'um homem que fugia pela janella, e Henriqueta desmaiada, soltou um rugido de tigre. Hesitou ainda um momento entre soccorrer a mulher que parecia morta, ou perseguir o homem que fugia; a vingança pôde mais do que o amor... Eil-o em frente de Eugenio.

Passada a primeira espectação de que deixámos possuidos Eugenio e Barbalho, medindo-se mutuamente, soltou o ultimo a voz:

— O snr. Eugenio a estas horas na ilha?

O guarda-marinha não era cobarde, já o havemos dito, mas era tal a sua commoção, que não pôde descerrar os labios.

— Não quer responder? — proseguiu Vieira com rancor concentrado — foi talvez a queda que lhe tirou o uso da lingua; mas deixar-lhe-hia o movimento dos braços? Se assim é, queira aceitar uma d'estas pistolas.

E apresentou a Eugenio um par de pistolas car-
ɜgadas com bala; o mancebo aceitou uma d'ellas
ıachinalmente.

— Abreviemos, senhor, nada de formalidades; eu
ɜtou prompto.

Eugenio cruzou os braços, ergueu a cabeça cora-
ɔsamente, mas sem affectação, e disse:

— Atire.

— Suspendam! — clamou um homem que se
ɔllocára entre os contendores com risco da propria
ida — suspendam, que um erro fatal cega a am-
os!

Este homem era Julio.

Correndo pela praia em demanda da canôa, viu
mbarcar-se um homem que não pôde conhecer, e
ogar para longe de terra; suspenso então um mo-
ıento, sem saber que direcção tomaria, chegou a
ɜus ouvidos o som da voz de Barbalho, e como por
ıstincto, o mancebo se precipitou para aquelle lado,
chegou a tempo de suspender o combate, inter-
ondo-se entre o reptador e o reptado.

Eugenio, aproveitando a nova estupefacção de
arbalho, fez comsigo mesmo estas reflexões:

— Henriqueta seria capaz de conceder a So-
ıno, que ella não ama, o que promettia negar ao
uerido do seu coração, pelo respeito ao proprio de-
oro e pela honra de seu marido? É impossivel! E
omtudo as apparencias a condemnam! Que mais se-
:a preciso para o mundo formular um juizo sem ap-
ellação? as provas eram de sobra. Mas eu tenho

crença n'essa mulher... na sua virtude — riam-se embora os philosophos — e salval-a-hei da unica maneira possivel... e a *elles* tambem.

Quando Eugenio concluiu estes pensamentos, ouviu Barbalho convidar a Julio para testemunha do combate que ia seguir-se, afim de perder o duello as apparencias d'um assassinato nocturno.

Julio, por uma rapida combinação, julgou ter o fio d'aquella historia, e endereçou estas palavras ao administrador da alfandega:

— E se não fosse Eugenio o homem que v. s.ª procura?

Então o guarda-marinha tocando de leve no braço de Julio: — Silencio, lhe disse em voz muito baixa, — nem uma palavra mais, se és um homem de honra; — e dirigindo-se a Barbalho, acrescentou:

— Fui eu que estive ha pouco em sua casa, e que procurei evitar a sua presença arremessando-me d'aquella janella: o motivo que ahi me conduziu foi uma paixão louca por sua esposa; com o auxilio de uma escada de corda pude surprehender D. Henriqueta em seu gabinete; mas comprazo-me em publicar diante d'um amigo, unico a quem chegará a noticia d'este facto, que D. Henriqueta é a mais honesta das senhoras, que rejeitou com horror as minhas propostas, e cortou pela raiz a esperança que alimentava de ser-lhe aceito.

— A sua franqueza é de cavalheiro; ella me restitue sem mancha uma esposa que eu julgava deshonrada; mas não é bastante: dar-me-ha razão da

ıa falta de fé para commigo, que tão lealmente o ɜcebi sempre na minha pousada... o sangue d'um e nós ha de lavar essa affronta.

— Dispare! — bradou resolutamente Eugenio — rimeiro o senhor, que é o offendido.

— Não! — clamou Julio no momento de partir bala — eu digo a verdade.

E esta exclamação perturbando Barbalho, fez mu-ar a direcção do tiro, e o projectil foi cravar-se em m coqueiro.

— Julio! Julio! — proferiu aterrado Eugenio, ou-indo as palavras do seu amigo — tu vaes cobrir-te e infamia.

— É necessario salvar-te! — respondeu decidida-ıente Julio.

— Senhor! — atalhou com apparente calma Sera-ião Vieira — é a sua vez, e eu aguardo.

Eugenio não respondeu, e disparou para o ar a ua pistola.

Barbalho continuou:

— Não serei eu que aproveite as demasias da sua ɜenerosidade. O senhor tem uma espada, eu já me ervi de igual arma em Leiria e Almoster; continua-emos o duello.

— É um combate desigual, snr. Barbalho; a dif-ɜrença das idades...

— O meu braço não treme, senhor, não fraqueja inda. Terá o snr. Julio a bondade de confiar-me a sua spada, que me parece igual em dimensões áquella?

— A minha espada? não, senhor!

— Quererá v. s.ª fazer passar por cobarde o seu amigo? Elle desculpa-se... o senhor nega a sua espada... Que hei de eu acreditar? que as insignias militares já não acobertam homens de honra? que a coragem d'um official de marinha se limita á escalada d'uma casa indefeza?... que...

Julio, que no meio do discurso, pronunciado com muita pausa por Vieira, começára a sacar machinalmente a espada da bainha, largou-a n'este ponto entre ao mãos do velho, tremulo de raiva como elle: Barbalho empunhou-a anciosamente, e interrompeu a serie de doestos, para exclamar:

— Obrigado, obrigado.

Depois, virando-se para Eugenio:

— Vamos — disse — em guarda, senhor, em guarda...

Eugenio não sabia como illudir o combate; collocou-se em guarda, e parou os golpes repetidos de Barbalho, evitando cuidadosamente fazer-lhe o menor mal.

Dez minutos durou a lucta.

Julio conservava-se silencioso, porque conhecia a grande vantagem que tinha nas armas o seu amigo sobre o administrador.

O retintim de ferros terminou finalmente.

Barbalho, tendo-se arremessado furioso sobre Eugenio, resvalou-lhe um pé na arêa humida, perdeu o equilibrio, e cravou na fronte a ponta da espada inimiga; sem que o mancebo pudesse prevenir tal desastre.

O ancião cahiu banhado em sangue; e os jovens correram a soccorrel-o, e conduziram-o em braços para a habitação.

A lua erguia-se n'esse momento sobre a cidade, e alumiava duvidosamente este espectaculo, desenhando com côres sinistras a imagem ensanguentada do velho, sobre o pallido sudario d'aquellas paredes amarellecidas pelo seu reflexo.

XVI

> Era bello e terrivel ao mesmo tempo vêr esta mulher, tão perto ainda da juventude, e tão encravada na desdita; bella, immovel e fria como um marmore de Niobe.
>
> GABRIELLA SOUMET — *O sino de S. Bruno.*

— Ó DA EMBARCAÇÃO! — bradava uma das sentinellas a bordo da *Tritão*, duas hoas depois da scena que procurámos descrever no fim capitulo anterior.

— Officiaes — respondiam de um escaler que se proximava ao navio.

E Julio e Eugenio trepavam pelo portaló de bomordo.

Aquelle desappareceu immediatemente pela escaa que encontrou mais proxima; e este dirigindo-se Barroso, que estava ainda de serviço:

— Preciso fallar ao commandante — lhe disse seccamente.

— O commanhante havia prevenido os teus desejos — respondeu o tenente — deu ordem para lhe fallares apenas chegasses. Grande novidade temos!

— Nada — disse Eugenio com ar de indifferença.

E voltando costas ao official, correu para a camara do commandante.

Barros estava sentado em uma cadeira, perto da mesa, sobre a qual descançava o braço esquerdo, repousando na mão a face descorada: parecia meditar angustiado.

Eugenio entrou silencioso, lançou sobre o commandante um olhar perscrutador, e aguardou que elle lhe dirigisse a palavra, encarando-o com um gesto de ameaça e desprezo.

Solano não percebeu, ou não quiz attender a essa circumstancia; ergueu-se apressado, e trazendo junto a si o guarda-marinha:

— Que aconteceu? — exclamou muito embaraçado — diga, Eugenio, diga-me o que succedeu?

— Bagatellas, commandante; o que póde resultar de uma loucura de rapaz — respondeu Eugenio com accento da mais acerada ironia.

— O senhor não calcula o que eu tenho padecido estas duas horas, o que me faz soffrer a sua reserva!

— Eu lhe digo; são apenas duas palavras. Barbalho revolve-se no proprio sangue; está moribun-

do. Henriqueta procura um veneno com que pôr termo aos dias, no auge do desespero; envelheceu, como se dez annos passaram n'essas duas horas!

—Meu Deus! E o sangue de Barbalho, quem o derramou?

—Eu.

—O senhor? Como assim? o snr. Eugenio? por Deus, aclare de uma vez esse mysterio.

Eugenio contou miudamente tudo o que se passára entre elle e Barbalho, estudando no rosto de Solano a sensação que lhe faziam as particularidades mais pungentes, que elle de proposito se demorava a repetir.

A afflicção de Barros era sincera.

Acabando de ouvir a narração de Eugenio, arrancou do peito a estrella da Ordem da Torre e Espada, e disse:

—Esta insignia do valor, lealdade e merito, foi ganha por mim no Douro; até agora ufanava-me que era digno de trazel-a sobre o peito; hoje, porém, que fugi como um cobarde, que atraiçoei como um homem desleal—não participará da minha deshonra, não a mancharei adornando-me com ella? Eugenio, snr. Eugenio, diga o que é necessario fazer para restituir a paz a esse homem honesto, a essa mulher virtuosa! meu sangue? todo elle pela honra de ambos;—se é necessario amputar-se-me um braço, venha o cirurgião; eis-aqui os braços, as pernas, a cabeça! Diga, diga, o que é mister

que eu faça, para arrancar de sobre mim tão odiosa mancha?

Eugenio havia perdido o gesto de ironia com que se apresentára ao commandante; reconhecera n'elle um homem, como são quasi todos — imprevidentes quando se trata do repouso e da honra de uma mulher formosa; chegou a lamental-o.

— Commandante — respondeu o mancebo — nada resta a fazer; tudo que era possivel, eu o conclui.

— Falle... oh! falle, Eugenio!

— Quando conduzimos Barbalho á sua habitação, e que despachámos o escaler para a cidade a buscar o doutor, aproveitando os momentos de inanição que lhe causára o golpe, conduzi Henriqueta fóra da sala ensanguentada e contei-lhe como a salvára de uma publica deshonra. A infeliz senhora agradeceu-me este testemunho de affeição, porém acrescentou que jámais se resolveria a enganar seu esposo.

— Sim, é preciso que me deixe matar por esse homem, logo que elle esteja restabelecido. Contar-lhe-hei tudo!

— Não, por Deus! seria tirar-lhe a unica felicidade que póde ainda gozar na terra — a crença em sua esposa.

— Dir-lhe-hei a verdade; que Henriqueta me desdenhou sempre; que nada pude conseguir d'ella — nem uma palavra de amor.

— Seria mister muita credulidade para combinar as nossas duas historias. Qualquer remedio que se lhe queira applicar irá aggravar o mal. Tratemos

e salvar Barbalho; Henriqueta recolher-se-ha a um onvento; e separados sob qualquer pretexto... hão e viver.

— Viver! uma continuada vida de tormentos! — E sou eu o causador de tantos males? Eu! o homem de quarenta e cinco annos; prudente, honesto sisudo, como por ahi se diz! E um mancebo, entrado apenas no bulicio do mundo, vai emendar avalheiramente os meus erros, vai, por minha causa, dar lições de heroismo, sob algumas palmeiras e um areal quasi deserto, sem esperança de galarão nem de louvores!...

— Silencio, senhor — atalhou Eugenio — que poem ouvir-nos.

Barros cahiu sobre uma cadeira, anhelante, e om os olhos arrasadas de lagrimas... Elle! o milir rigoroso... chorava!...

Eugenio, que observava as vidraças que corôam camara, receoso que estivessem d'alli vendo e ouindo o que se passava entre elle e Solano — recoheceu que o dia começava a romper, e aproximano-se de Barros, segurou-lhe uma das mãos, e disse om um modo affectuoso:

— Eia, senhor, coragem! Começa a alvorecer, v. s.ª deu parte ao governador que partiria para norte esta madrugada.

— É verdade! appareça pois o commandante a onculcar o coração do homem.

E Barros ergueu-se resoluto.

Ia a transpôr a porta da camara, quando por um

movimento rapido voltou junto de Eugenio, e parou, cravando os olhos no mancebo.

— Que succede, commandante?

— Se entre tantas decepções eu contasse um amigo...

E novas lagrimas rebentaram dos olhos de Barros, que não se descravavam de sobre o rosto angelico do guarda-marinha.

Eugenio, commovido profundamente pela sinceridade dos remorsos que patenteava aquelle pranto, lançou-se-lhe nos braços e chorou com elle.

Barros contemplava a bella fronte do mancebo, como um religioso enthusiasta faria com a imagem do Redemptor.

Ao cabo de alguns instantes, arrancou-se-lhe dos braços, enxugou as lagrimas, apertou com força a mão de Eugenio, e subiu a escada da meia-laranja:

O guarda-marinha seguia-o.

Quando chegaram á tolda começava a surgir e sol por sobre a cidade adormecida no seu leito do embriaguez e dôr. Os rostos da tripolação apresentavam aquelle pallido colorido, que o crepusculo presta ás physionomias, principalmente na costa d'Africa. A atmosphera estava clara, mas o convés do navio humido como se a noite tivesse sido chuvosa.

— *Vamos suspender* — disse o commandante para Novaes com voz firme, que occultava perfeitamente o resultado moral da grande lucta em que estivera empenhado por algumas horas. — Chega para o cabrestante — continuou.

E como se essas poucas palavras lhe tivessem esgotado as forças, subiu para o tombadilho a respirar o ar livre da manhã.

— Guarnece o cabrestante... *vira!* — bradou o segundo commandante.

— *Vira nós!* — repetiram os officiaes marinheiros, arranjando os grumetes e soldados nas barras do cabrestante.

Barros lançára mão de um oculo por distracção, e tendo-o dirigido casualmente para a entrada do porto, perguntou:

— Que navio é aquelle fundeado ao pé do morro das Lagostas?

O official de quarto (Antunes) correu á pôpa, e assestando tambem o seu oculo, respondeu, depois de alguns momentos:

— É um brigue de guerra, e tem bandeira içada... mas não distingo as côres.

— A bandeira é portugueza — disse Jacob, que tambem observava o navio.

— E tem outra no tope — continuou Barroso.

— Portugueza tambem — acrescentou Julio — é o novo governador que chega.

— O brigue é que eu não conheço — disse Antunes.

— Assemelha-se ao *Tejo* no casco.

— E ao *D. Pedro* na mastreação.

— Pois eu acho-o exquisito como o *Audaz*.

A analyse do navio recem-chegado, as mil comparações usuaes entre os maritimos, continuariam por

largo espaço, se os officiaes não tiveram que attender a varias ordens que o commandante distribuiu.

— Snr. Julio, aprompte-se para ir comprimentar o governador; dir-lhe-ha que eu estou enfermo, e por isso não vou pessoalmente. O snr. Eugenio vai cruzar na lancha como estava determinado. Snr. Novaes, mande arriar novamente a amarra, fiquemos como estavamos. Snr. Jacob, cuidado com os signaes do brigue.

Todas as ordens se executaram promptamente.

O escaler que conduz a Julio já vai longe. A lancha recebe quinze marinheiros e sete soldados, e só aguarda o official, que da sua parte espera por noticias de Lisboa, authorisado pelo commandante.

Durante uma hora se fizeram a bordo da *Tritão* mil propositos sobre a pessoa do novo governador e o navio que o conduzia, até que regressou Julio.

— Quem é o governador? — perguntou Barros, logo que o official se aproximou.

— O marechal de campo Hermano Garcia de Castro e Menezes.

— O velho brigadeiro Garcia! — interrompeu Eunio admiradissimo.

— Sim — respondeu Julio — é o teu amigo.

— E vem a familia com elle? — perguntou Jacob muito atacado.

— Não... nem virá para o futuro: o marechal não espera demorar-se mais do que um anno; veio simplesmente para ganhar o posto e outra commenda.

— Não me trouxe cartas?

—Traz, sim, Eugenio, porém disse-me que só ámanhã as poderia entregar.

—Bem; tu as guardarás até ao meu regresso. Adeus.

E o mancebo saltou para a lancha.

Raphael dizia tambem adeus ao irmão, o pobre *Gago,* que ia com Eugenio.

E a lancha separou-se da corveta.

—É novo aquelle brigue?—perguntou Antunes.

—Novissimo—respondeu Julio—é o *Guadiana,* que deixámos em construcção no Porto.

—Largou pano—disse Jacob—vem demandar o ancoradouro.

—A artilheria prompta para salvar!—bradou o commandante.

E pouco depois o *Guadiana,* impellido por uma bafagem de terral, sulcava as aguas levemente encrespadas pela corrente, entre novellões de fumo, vomitados pelos canhões das fortalezas e dos navios, que saudavam com esses instrumentos mortiferos a chegada do novo governador geral do reino de Angola.

. . . . . .

Em quanto Eugenio, assoberbado ao peso de variados soffrimentos, procura encontrar uma embarcação negreira, para descarregar nos homens de tão odioso trafico a raiva accumulada em seu peito contra a parte má da sociedade; em quanto os officiaes da *Tritão* e do *Guadiana* partilham com o marechal Garcia os festejos que um falso jubilo preparou na ci-

dade de S. Paulo d'Assumpção de Loanda, pela feliz chegada do seu novo senhor; em tanto que Solano, devorado pelos remorsos, gasta o pavimento da camara em continuo e rapido passear, longe do bulicio das festas — voltemos nós á ilha de Loanda, penetremos n'essa habitação já conhecida do leitor, e vejamos o que se passa ahi, alguns dias depois da catastrophe de Vieira.

Em um pequeno quarto guarnecido com esmero, está um leito meio occulto por cortinas de cassa branca, lavradas de arabescos da mesma côr, que pendem de uma serpente custosamente trabalhada e dourada, e se arqueiam para as extremidades do leito, onde são tomadas por cordões de sêda azul celeste presos a duas mãos, douradas como a serpente. Através da pequena abertura triangular praticada pelo apanhado das cortinas, vê-se uma coberta de sêda adamascada de côr semelhante á dos cordões, e por entre alvas rendas que surgem de um dos extremos da camara, pendentes de um travesseiro de cambraia, apparece a cabeça do veneravel ancião, cruzada por duas ligaduras rôxas de sangue — violento signal de combate, que contrasta com o candido resplendor dos seus cabellos.

O velho parece adormecido.

Proximo do leito está uma mesa redonda, sobre a qual se vêem alguns instrumentos cirurgicos, frascos de medicamentos e ligaduras não servidas. E junto á cabeceira, uma séde de exquisito lavor serve de moldura ao bello quadro de uma mulher,

joven sem duvida, porém envelhecida pela dôr. Suas palpebras cerradas, seus labios lividos e immoveis, seu corpo pesadamente cahido sobre a cadeira, revelariam a presença de um cadaver, se o apressado arfar de seu peito, e um ouvido applicado aos movimentos do enfermo, não indicassem que aquella mulher vivia ainda, pois que soffria, e velava pelos dias de outrem; dous grandes traços da existencia d'esses sêres tão calumniados algumas vezes!

Aquelle homem é Barbalho, — esta mulher Henriqueta.

O silencio reinou por muito tempo no aposento; alfim um relogio fez soar tres horas na mais proxima sala.

Ao primeiro golpe, Henriqueta descobriu seus grandes olhos amortecidos por uma continua vigilia, e cravou-os sobre a porta que communicava com o lugar d'onde partira aquelle som; ao segundo, ergueu-se e encarou o enfermo adormecido; ao terceiro, recahiu novamente sobre a cadeira, e pronunciou com afflicção estas poucas palavras:

—Tres horas... E os medicos sem chegarem!

Depois de breve pausa tornou a levantar-se; aproximou-se da janella, impaciente pela demora dos facultativos, e procurou descobrir alguma embarcação que os transportasse da cidade... o que viu foi a corveta! Recuou horrorisada.

Estorcendo as mãos com dôr, exclamou:

—Meu Deus! como estes homens abandonam um infeliz, ao cabo de tres dias de continuado delirio...

e agora, Virgem Santa! em uma prostração de forças que tanto se assemelha á morte!... Nem o doutor da corveta!...

E recuou tremula ao pronunciar esta palavra, como fizera ante o objecto designado por ella; depois estreitando com força entre as mãos aquella formosa cabeça, assombreada por ondas de preciosos cabellos soltos, continuou com crescente exaltação:

—Oh! porque não enguliu o oceano esse navio que tinha de ser tão fatal a um homem bom e generoso, como esse que além agonisa!... porque não o sepultou nas entranhas do mar, depois de o haver collocado á beira do abysmo!... Mas que digo eu? Não foi o meu criminoso amor quem lhe rasgou as vêas, e cobriu de opprobrio o seu nome?... Sim; porque a anciedade com que esperava vêr um pensamento de Eugenio, estampado n'aquelle livro só meu, cegou-me ao ponto de conceder uma entrevista a Solano que m'o devia trazer, sem calcular os funestos resultados que a minha imprudencia podia arrastar após si!... Embora esse homem não alcançasse de mim mais que um frio desengano—não sou menos credora de desprezo!... E hei de vêr esse varão, honesto e crente, aviltar respeitaveis cãs, pedindo-me perdão da idéa má que um momento formou de mim... e responder-lhe-hei hypocritamente:—Sim, eu te perdôo!... Quando tenho o adulterio escripto no coração, e o nome de adultera no pensamento dos homens que conhecem esta escandalosa historia?!... Não! Jámais tornarei a enca-

rar o meu generoso protector, a não ser, como agora, sob a immobilidade da syncope, ou como hontem, em meio do deslumbramento do delirio. —Meu Deus! —continuou ella juntando as mãos com fervor religioso — tu que repulsas ao suicida do gremio dos eleitos, aconselha-me, Senhor... oh! dize-me o que ha de fazer uma pobre mulher que se reconhece criminosa, e a quem o mundo ainda julga mais culpada? Só lhe resta confessar o seu opprobrio ao homem a quem tudo deve na terra, envenenando-lhe a existencia, ou arrastar hypocritamente uma vida deshonrada?!... Não armarei a dextra de um punhal, não tomarei veneno... mas, Senhor Deus, faze que não sejam estereis meus esforços, que estes quatro dias e noites de aturada vigilia... a carencia absoluta de alimentos... a dôr, o remorso que me incendeiam as entranhas me sepultem, antes de ouvir uma palavra pronunciada por aquelles labios, sem o cunho do desvario.

E a misera cahiu de joelhos, apoiando-se ao leito, e indicando com o dedo o rosto livido de Barbalho.

O cirurgião da corveta, e um medico hespanhol, physico-mór do reino de Angola, entraram n'esse momento.

Henriqueta não pôde erguer-se.

Foram os facultativos que a collocaram de novo na cadeira, conduzindo-a em braços.

— Que é isto, senhora? — disse o medico. — Em lugar de coadjuvar-nos para o restabelecimento de seu

esposo, será mister repartir com v. exc.ª os nossos cuidados?

— Tratem d'elle — respondeu Henriqueta com voz debil — salvem-o, a elle, que é bom e generoso.

— Doutor! — bradou o cirurgião assustado, tacteando o pulso de Barbalho — o doente carece de promptos soccorros.

— Depressa! — exclamou o medico — acercando-se do enfermo.

E ambos cuidaram velozmente em prestar-lhe os auxilios da arte.

Henriqueta cahira em um deliquio que mal lhe deixou perceber as ultimas palavras do facultativo; nem viu depois executar sobre o corpo do marido esse martyrio salutar, que emprega o cirurgião em circumstancias decisivas. Ao cabo de alguns minutos pareceu começar a recordar-se da realidade, e vêr os objectos que a cercavam... Uma voz que pronunciava o seu nome lhe arrancou um grito sinistro.

— Senhora — disse-lhe o physico-mór — é seu esposo que lhe falla... já cessou o delirio.

— Ah! — exclamou de novo Henriqueta, cobrindo com as mãos o rosto — não... oh! não!...

E arrojou-se fóra da cadeira, com esforço superior ao estado de prostração em que se achava; chegou a transpôr o humbral da porta, e cahiu sobre o pavimento da sala immediata — pallida e formosa como uma estatua tombada do pedestal.

— Minha Henriqueta... — articulava Barbalho com voz debil.

—Socegue, senhor—dizia-lhe o medico muito afflicto—socegue.

depois, virando-se para o cirurgião:

—Moreira—disse—acuda a essa pobre senhora, em quanto eu velo pelo marido.

—Onde está a minha querida Henriqueta?—continuava o enfermo, muito desfallecido.

—Não tarda, senhor; tenha paciencia—respondia o medico visivelmente assustado, e sem despregar os olhos da porta por onde desapparecera Moreira.

—Porque se ausentou ella, doutor?

—Que lhe hei de eu dizer?!

—Falle, doutor, diga o que succedeu!

—Eu vou buscar a senhora... aguarde um momento... mas não se mova, não desarranje as ligaduras.

E o physico-mór deu um passo para sahir.

Moreira assomou no limiar, pallido, tremulo, com os cabellos erriçados.

—Mais desgraças?—perguntou o medico.

Moreira não respondeu uma só palavra, e desappareceu novamente.

O doutor precipitou-se de um salto fóra do quarto.

Ao entrar na sala contigua, deparou com um vulto de mulher prostrado no pavimento; correu a ella, tomou-lhe o pulso, collocou-lhe a mão sobre o peito, e exclamou horrorisado:

—Morta!...

—Morta!...—repetiu machinalmente Moreira.

E os dous homens ficaram como petrificados o cadaver da desgraçada.

Henriqueta cessára com effeito de viver.

A vergonha e o remorso a assassinaram. A existem mulheres d'esta tempera, em meio do caro que arrasta o seculo actual; mulheres que ousam affrontar o anathema que a sociedade, cc pta e intolerante, fulmina contra um primeiro err tantas vezes involuntario!

Lancemos um véo sobre este lugubre espect lo.....

XVII

> De joelhos rogo a Deus que me dê lagrimas, como o lavrador pede chuva quando o céo se torna de bronze e fica sedenta a terra.
>
> GOETHE — *Werther*.

RAIÁRA o dia 16 de dezembro. Mais um dia como outro qualquer para muitos; dia de anciedade para alguns.

E o sol seguira seu curso ordinario, alheio aos razeres e penas da humanidade.

Já elle se aproximava do occaso, quando Raphael aria subiu ao castello da *Tritão* e se assentou pladamente sobre a borda, fumando o seu cigarro.

Mais alguns marinheiros desfrutavam o fresco a viração n'aquelle lugar elevado; agradavel reigerio após as torturas do dia, que estivera extremamente calmoso. Conversavam alegremente depois e meia hora, sem que o *Russo* désse attenção ao

que diziam nem despendesse uma só palavra, até que chegou o momento de lhe interessar o dialogo.

— Aquella é a nossa lancha — disse o Santo Thyrso, designando uma embarcação que se aproximava da ponta da ilha de Loanda.

— Toda inteira — confirmou o *Mata-a-mãi.*

Raphael levantou-se de um salto, e observou na direcção indicada.

Era com effeito a lancha da *Tritão,* sobre a qual ondeava a bandeira e flammula nacionaes, e um galhardete vermelho e amarello, seu distinctivo particular.

— Pobre Francisco! — murmurou o *Russo*, procurando reconhecer seu irmão entre os vultos de homem que appareciam pelos bordos da lancha — como terás tu vivido sem mim, pela primeira vez que nos separamos!... não importa, lá estava o guarda-marinha para te proteger.

A attenção de Raphael foi distrahida para outro lado pela continuação do dialogo de seus companheiros.

— Olha o nosso commandante! — clamou um d'elles muito admirado — é a primeira vez que apparece na tolda depois de quinze dias de reclusão.

— Bem se vê que esteve doente — acrescentou outro, olha como está desfigurado!

— Está coberto de cabellos brancos! — disse um terceiro — elle, que os tinha tão pretos!

A veracidade d'estas palavras foi para logo notada pelo *Russo* com indizivel espanto. Quinze dias

de soffrimento haviam bastado para transformar em cãs os cabellos negros de Solano : a sua physionomia tornára-se cadaverica ; alquebrado pelo padecer, o robusto corpo do commandante perdera aquelle ar marcial que era um dos seus caracteristicos.

Não succumbira como Henriqueta, porque era homem — o ente forte — vivia, mas ulcerado pelo remorso, abatido pela dôr; porque fôra sempre honrado... de contrario nenhum abalo lhe causára aquella occorrencia.

Qualquer enfatuado se aproveitaria da morte de Henriqueta para propalar um completo triumpho sobre a desventurada mulher, que mesmo além da campa seria calumniada!

A apparição da lancha, que conduzia Eugenio, arrancou a Barros do seu voluntario encerramento.

A desejada embarcação atracou finalmente á corveta.

Eugenio subiu a custo a escada do portaló; estava cadaverico como Solano; uma febre aguda se lhe desenvolvera dous dias antes, e parte da guarnição da lancha fôra igualmente affectada. O *Gago,* sobre todos, estava perigosamente enfermo e parecia agonisante.

Depois de participar o como se houvera no desempenho da commissão de que fôra encarregado, achando-se a sós com Solano, o primeiro cuidado de Eugenio foi perguntar por Henriqueta.

— Está no céo — respondeu Barros — gozando a recompensa do seu martyrio.

—Pobre senhora! — disse Eugenio soluçando — a flôr que me deu como emblema do passado, não era mais do que uma prophecia do seu ultimo viver!

— O senhor possue uma flôr que pertencesse a Henriqueta? — atalhou Solano.

— Sim, senhor, um martyrio já secco.

— É feliz, Eugenio.

— Offereço-lh'a, commandante.

— Aceito, meu amigo; e juro que me acompanhará até á derradeira hora... porém que susurro é este?

Cousa extraordinaria havia com effeito.

O *Russo* bradava e estorcia-se como um possesso; alguns marinheiros tentavam reter-lhe os passos; embalde, que Raphael os afastava com violencia e seguia praguejando.

Chegou á tolda.

— Raphael, que succede? — lhe disse o commandante.

— O pobre Francisco Maria já não vive! — contestou o marinheiro, derramando uma torrente de lagrimas; e depois continuou com segurança: — Agora venha a morte; a minha missão na terra está cumprida... oh! a morte — a morte!...

Eugenio procurou socegal-o, e o cirurgião appareceu n'esse momento.

— É verdade, doutor — perguntou o commandante — que o pobre *Gago* já não vive?

— Não, senhor, e...

— Mais desgraças?

— O escrivão tambem acaba de finar-se.

— Meu Deus! meu Deus!

E Solano parecia vergado ao peso de uma cruz ue suas forças não comportavam; estava tremulo, lançava um olhar desvairado em redor de si, bem liverso d'aquelle que empregára, quinze dias antes, ara observar o estado de disciplina do navio.

A voz do official de quarto lhe fez recordar que inda era commandante da *Tritão*.

— Snr. commandante — disse Julio, entregando m papel a Solano — este officio do governador geal para v. s.ª

— Será mais alguma noticia fatal?

E Barros rompeu o sello muito de espaço, deslobrou pausadamente o papel e leu em voz baixa s poucas palavras que continha; quando terminou leitura, um raio de satisfação veio sulcar-lhe as faes, e exclamou:

— Seja Deus louvado! Raphael, estás livre.

— O meu perdão? — disse o *Russo*.

— Sim, o teu perdão, que s. exc.ª concede aos neus rogos e aos do snr. guarda-marinha.

— Quanto sois generosos, senhores! Oh! mas de ue me serve o ser livre?

Era bem triste aquelle quadro, e todavia os maes de um d'esses homens iam aggravar-se muito nais em poucos momentos; siga-nos o leitor, aina uma vez, á camara dos officiaes da *Tritão*, penere comnosco em um camarote já conhecido — o de ulio, e escute outra vez o que se passa entre os

mesmos dous homens que ahi conversaram largamente na manhã do dia 24 de junho, cujo dialogo deve recordar-se que reproduzimos em parte no capitulo III d'este livro.

Julio acabava de entregar a Eugenio uma carta que recebera para elle, por via do general Garcia: reconhecendo no sobrescripto a letra de seu irmão, o mancebo apressou-se a abril-a, mas á proporção que avançava a leitura, suas faces, já tão desbotadas, tomavam ainda mais a pallidez do tumulo. Por fim deixou escapar das mãos o papel, e misturou com lamentos de acerba dôr, projectos de uma estrondosa vingança.

—Que succede, Eugenio, para perderes assim o teu natural sangue frio? — resolveu-se a perguntar-lhe o tenente.

— Lê — respondeu simplesmente Eugenio, apontando para a carta, que pousava a seus pés.

Julio ergueu o papel e encontrou escriptas em suas paginas assetinadas, estas linhas, fataes para Eugenio:

«Meu irmão. Assustou-nos bastante a tua ultima carta, que parece escripta sob o influxo de uma exaltação terrivel: ahi me dizes que te não falle de nosso bom pai, de nossa carinhosa mãi, de nossos verdadeiros amigos... que nada te importa no mundo senão Adelaide... que só queres saber d'ella!... Meu bom Eugenio, torna a ti, constituir-te-ha um ingrato essa paixão? olvidarás por uma mulher que te escarnece aquelles entes, que por vinte

annos te deram provas da mais sincera affeição, da mais desinteressada amizade? Foste tão longe da patria para esquecel-a, e só te lembras d'ella!

«Pedes-me noticias de Adelaide. Que te direi a seu respeito? Que não merece a paixão que por ella alimentas, e que deves banil-a por uma vez do coração. Desejas saber a verdade, temo que possa ser-te prejudicial, mas não devo enganar-te: falla-se muito no seu proximo casamento, porém tenho motivos para não acreditar esse boato: o seu amante actual, indigitado pela voz publica como o futuro esposo, é aquelle joven estudante de direito, com quem muitas vezes te encontrei no theatro, aquelle elegante Frederico Carlos de Sotto Maior Castello Branco, que era, como tu, cego partidario da *Perelli;* mas digo que tal consorcio se não effectuará, por lhe ter ouvido repetir differentes vezes que o desenlace d'aquelle romance não se verificará na igreja nem diante de testemunhas. A reputação d'este mancebo, quanto a empresas felizes, está de tal fórma vulgarisada, que eu não sei mesmo como Adelaide lhe presta a menor attenção, a não ser que ella o ame devéras... mas ninguem a crê susceptivel de um tal sentimento; Castello Branco é conhecido geralmente como *chevalier servant* da condessa de Sousa, cujo marido está ausente em uma embaixada, e Adelaide não deve ignorar a assiduidade do jurisconsulto nas salas da diplomata. Novamente te repito, esquece-a; e recorda aquelles que te amam com desvelo, como teu irmão — *Ernesto*».

Acabando de lêr, Julio dobrou novamente a carta; e, como tinha de uso em todas as situações tristes, guardou absoluto silencio. Eugenio parecia mais tranquillo, mas a febre dobrava de intensidade; era o exterior do Vesuvio, na vespera de uma erupção. Perdera de todo a esperança, e a desesperação, que tambem tem a sua calma, conseguira desanuviar-lhe o rosto; já não podia crêr na felicidade, creu na vingança.

— Vamos separar-nos, Julio, talvez para sempre — disse Eugenio com apparente socego — devora-me uma febre, que só o ar da patria póde dissipar: o cirurgião o affirmará, estou certo, e o nobre governador não se negará a consentir no meu regresso a Lisboa; de contrario... desertarei.

E Eugenio transpoz com passos mal seguros a porta do camarote de Julio.

Raphael o aguardava á entrada da camara dos officiaes.

— Senhor — disse-lhe o marinheiro — a liberdade e a vida só podem para mim ter ainda algum attractivo se ha um serviço a prestar ao homem generoso, cujo sangue barateei, e que retribuiu com beneficios ao mal que lhe havia causado. Meu irmão já não vive; assim, senhor, determine o que hei de fazer.

— Queres tu acompanhar-me a Lisboa?

— A toda a parte; a minha vida, e tambem a alma pertencem-lhe, snr. Eugenio.

— Vou fallar ao commandante ácerca d'este ob-

jecto, porque a nossa viagem deve effectuar-se em breve.

Concluindo estas palavras, Eugenio entrou na camara do commandante.

Julio, que escutára o ultimo dialogo, dando um passo fóra do camarote, segurou o braço do *Russo*, e disse-lhe a meia voz:

— Se acompanhas o snr. guarda-marinha a Lisboa, vela cuidadosamente pelos seus dias que vão de certo ser ameaçados: não olvides um momento esta minha recommendação, e sobretudo evita que elle penetre os teus designios.

E o tenente volveu a entrar no seu aposento.

O *Russo* tambem se ausentou em seguida.

.....

No ultimo dia do anno de 1842 — o brigue de guerra portuguez *Guadiana* desaferrava do porto de Loanda com destino a Lisboa, conduzindo a seu bordo, de passagem, o guarda-marinha Eugenio Augusto do Amaral, julgado incapaz de continuar a servir na Africa pela junta de saude, e o marinheiro Raphael Maria, criado do mesmo guarda-marinha...

XVIII

> Ha homens nascidos para uma existencia de pezares, que debalde se tentaria subtrahil-os ás torturas creadas por elles mesmos; homens que trazem escripto na fronte um destino de desgraças.
>
> BELLEVAL — *O filho do regicida.*

ESCURA e feia ia a noite de 18 de março de 1843. Grossas nuvens agglomeradas para o sul indicavam uma borrasca infallivel; o vento já sibilava rijamente, e ainda que não haviam começado a desprender-se as cataratas do céo, poucas eram as pessoas que transitavam pelas ruas de Lisboa; e todavia não eram dadas as nove horas.

Pela rua do Collegio dos Nobres caminhava um homem, rebuçado em uma capa mui curta, porém de sufficiente largura para que a banda direita fosse cahir á vontade sobre o hombro esquerdo, occultando-lhe metade do rosto. Á fraca luz de um cigarro

que ia fumando, se poderia apenas distinguir que não era velho o caminhante.

Ao passar em frente do edificio do Collegio parou para observar um homem que o seguia, envolto em uma manta escura, com apparencias de mendigo; o desconhecido parou tambem a razoavel distancia. Era a terceira vez que, desde o largo de S. Roque, o primeiro dos caminhantes parava para examinar o segundo, e que este suspendia tambem os passos para evitar o contacto com aquelle. O mancebo resolvia verificar quem era o homem que o acompanhava, suspeitando alguma traição, porém lembrou-se que estava proximo do lugar do seu destino, e mudou de opinião; seguindo pela ampla rua, viu, em breve, cousa que o impressionou seriamente, e que lhe varreu da imaginação até a sombra d'aquelle homem.

Das janellas de uma espaçosa habitação se precipitavam torrentes de luz e o vento frio e humido da noite prestava um acompanhamento sinistro aos accordes de um piano e de uma harpa, que se exhalavam d'aquellas janellas, e reboavam pelo largo ambito da rua. O joven soltou um longo e sentidissimo suspiro ao encarar com aquelles balcões, e um clamor de admiração ouvindo o som dos instrumentos.

— Uma festa! — exclamou elle.

De certo aquelle lugar lhe recordava algum extraordinario acontecimento da sua vida passada!

Estava do outro lado da rua, em frente mesmo da casa, quando soltou as bandas do seu capote,

descobrindo por esse movimento o rosto, onde deu de chapa o reflexo das luzes; e dispunha-se a transpôr o pequeno espaço que o separava da porta, quando alguma cousa, que não tinha notado antes, em uma das janellas, o fez lançar um grito — de desesperação ou de alegria — que já tarde tentou comprimir. Uma exclamação semelhante respondeu áquelle brado — alguem o reconhecera.

O joven correu para a porta e subiu a quatro e quatro os degraus da larga escadaria; porém chegado ao topo, fez uma reflexão, penosa de certo, porque virou a face para enxugar uma lagrima a occultas dos servos que lhe appareceram em grupo á porta da primeira sala. No fundo da escada estava o homem da manta escura, contemplando-o cautelosamente de traz de uma columna do vestibulo, e mal deixando enxergar os olhos entre a orla esfarrapada da manta, e um amplo barrete catalão em que trazia enterrada a cabeça. O mancebo não encontrou n'este acontecimento nada que devesse surprehendel-o, porque um só objecto lhe attrahia todas as faculdades: dirigiu-se para as salas.

Mas dê-me o leitor a mão e entremos antes d'aquelle joven, pois que é de absoluta necessidade precedel-o alguns minutos.

Estamos na pousada do marechal Garcia.

Uma nova personagem habitava n'esta casa depois de alguns mezes; era uma irmã do marechal.

D. Manuela (que assim se chamava a senhora) fôra casada por espaço de trinta annos com um no-

bre proprietario brazileiro, em cuja companhia sempre vivera no Rio de Janeiro; porém em meados de 1841 o snr. Silva Reis entregára ao Creador a vida que elle lhe dera; e D. Manuela, viuva, sem filhos, sem affeições no Brazil, com saudades da patria e do irmão, e até com desejos de conhecer a sobrinha que lhe haviam pintado tão linda, vendeu todas as suas propriedades, e reunindo uns duzentos contos de reis em dinheiro e joias, apresentou-se em Lisboa. Posto que tivesse já quarenta e sete annos, D. Manuela possuia uma agradavel presença e as mais bellas maneiras do mundo, não devia por tanto renunciar a um segundo consorcio, se não obstára a isso a sua natural repugnancia a contrahir novos laços; a senhora quiz viver com o marechal para gozar, dizia ella, o mais suave prazer da terra, o quadro da felicidade domestica.

Garcia partiu descançado para Angola, deixando a sua querida Adelaide sob tão boa tutela.

Era para noticiar aos seus amigos a feliz chegada do governador a Loanda, que D. Manuela improvisára uma reunião: tendo recebido, na manhã d'esse mesmo dia, cartas do irmão pelo brigue *Guadiana,* chegado poucas horas antes da Africa, a viuva, que não desperdiçava occasião de divertir-se, mandou para logo preparar as salas com esmero, e endereçar os convites.

Brilhante estava já o sarau, no momento em que nos apresentamos na sala.

Duas senhoras tocavam um *duo* de harpa e pia-

no; aquelles dedinhos brancos e pyramidaes arrancavam das cordas e do teclado thesouros de harmonia! Bellini escutaria com arrebatamento o perfeito desempenho da sua concepção divina, pelas mãos d'estas graciosas senhoras.

Porém Adelaide, que já esquecera a promessa solemne de Eugenio, aquellas terriveis palavras: «Não serás d'outro!» conversava alegremente em um dos balcões com o *espirituoso* joven Castello Branco, e não dava a menor attenção ao sublime *duo* que a poucos passos d'ella se executava.

Quando o desconhecido parou em frente das janellas, dizia Adelaide com affectação sentimental:

— É uma barbaridade, mesmo um crime não prestar attenção áquella suave melodia...

E Castello Branco atalhava:

— Maior crime fôra desperdiçar estes momentos de fallarmos a sós do nosso amor... a sós, como nós estamos, no meio d'esse turbilhão que nos não comprehende!

E o futuro magistrado olhou para Adelaide, procurando conhecer o effeito que havia produzido na donzella a rançosa trivialidade que acabava de repetir, como já fizera a outras vinte apaixonadas.

Mas n'esse momento reconhecera Adelaide o incognito que a observava, e soltára aquella exclamação, que foi como o echo do grito escapado na rua.

— Que foi, Adelaide? — disse Castello Branco, fingindo sentir muito a afflicção da senhorita, e segu-

rando-lhe com intimativa as pontas dos lindos dedinhos.

—Elle! Será possivel? — murmurou Adelaide, não dando já attenção ás palavras de Castello Branco; depois cravou os olhos na porta da sala: estava pallida, anhelante, convulsa.

Passou um momento na maior anciedade, até que soltou segunda exclamação, e cahiu desmaiada sobre uma cadeira, d'onde rolaria para o pavimento, a não lhe acudirem com presteza.

Todos os convidados se reuniram em volta d'ella. A boa tia estava assustadissima.

Por um movimento inexplicavel, uma força de instincto, passado o primeiro momento de irreflexão, a vista de todos dirigiu-se para a porta.

Um homem vestido de negro, sem deixar mesmo alvejar a menor porção da camisa, estava no limiar — immovel, mudo e descórado, como uma estatua sepulchral com os pés chumbados na lousa!

Um nome escapou de todos os labios, tão unisono que não formou mais que um som distincto: — Eugenio!

E com effeito os meus leitores já devem ter adivinhado, ha muito tempo, que não podia ser outro aquelle homem.

Agora, o que não sabiam, mas que ficarão sabendo, é que Eugenio recommendára ao marechal Garcia um completo silencio a seu respeito nas cartas que escrevesse para Lisboa, dizendo que queria fazer uma agradavel surpreza ás duas familias.

Cremos ter explicado d'esta fórma a admiração e o susto de Adelaide.

Prosigamos.

Castello Branco ergueu-se apenas ouviu o nome de Eugenio e o reconheceu; sob pretexto de procurar um medico, tratou de escapar-se da sala, quando o phantasma, tomando movimento — como a *Estatua do Commendador* — lhe impediu o passo.

— É ao snr. Frederico Carlos de Sotto Maior Castello Branco que tenho a honra de dirigir-me? — disse a visão.

— Julguei que o snr. Eugenio Augusto do Amaral me conhecesse tão bem como ha dous annos, quando em S. Carlos...

— Basta, senhor, agora escute-me. Ámanhã, ás seis horas, eu espero por v. s.ª na entrada dos Arcos das Aguas-livres, com as armas que quizer, e imporá as condições que lhe agradarem — na certeza que um de nós ha de morrer. Não são necessarias testemunhas, assim evitaremos o escandalo que poderia resultar da publicidade d'este duello.

— Mas, senhor, eu não sei o motivo...

— Pois tambem será cobarde?

— Não me tenho n'essa conta, porém...

— Falle mais baixo. Será preciso que lhe faça a maior affronta que póde inflingir-se a um homem? que...

— Aceito o desafio, snr. Eugenio; ámanhã ás seis horas na entrada dos Arcos — não faltarei.

E partiu, elaborando um plano infernal, desesperado com a sua posição.

Desceu apressadamente a escada, e chegando ao vestibulo, chamou:

— Diogo!

— Senhor! — respondeu uma voz avinhada, que sahia de um pequeno quarto, onde estavam reunidos alguns boleeiros e criados, sacrificando a Baccho.

— Toma bem conta no que vou dizer-te — balbuciou Frederico, segurando o braço do mal encarado boleeiro — ha trinta moedas a ganhar.

— Trinta moedas! — exclamou aquelle — não deixa de ser alguma tunda de pau que v. exc.ª quer mandar administrar; como n'uma celebre noite...

— Não é preciso dizer mais... e o caso é que adivinhaste.

— Ora, não disse eu!?

N'este momento, Castello Branco sentiu perto de si um pequeno movimento, e voltando rapidamente a cabeça, deu com um vulto de homem que, embrulhado em escura e velha manta, e escondendo quasi o rosto todo em um barrete catalão, parecia dormir a somno solto.

— Quem é este homem? — perguntou Frederico.

— Um pobre diabo, muito bebedo — respondeu Diogo — que pediu para se recolher ahi da chuva, em quanto durava a funcção.

— Dormirá elle?

— Ora, se dorme!

— Bem; escuta.

E o taful achegou-se mais para o boleeiro, poém fallou de maneira que não seria difficil ouvil-o poucos passos de distancia. O homem do barrete atalão abriu cautelosamente os olhos; e vendo que não observavam, estendeu quanto pôde o pescoço poiando o corpo sobre um dos braços, tudo com a aior precaução; e applicando o ouvido á converação dos dous scelerados, com ademan da mais exraordinaria curiosidade, pôde perceber o seguinte ialogo:

—Tu conheces aquelle rapaz que era, ha dous nnos, amante da Rosalina, aquella bailarina de abello louro e olhos azues?

—Bem sei... bem sei, meu fidalgo; é o snr. urelio, me parece.

—Não; Eugenio.

—Eugenio, é isso mesmo.

—Pois é necessario que fique hoje em estado de ão poder comparecer ás seis horas da manhã em m lugar aprazado.

—Essa é boa! e então trinta moedas?

—Sim. Tens quem te ajude?

—Ha de apparecer... quando não falta dinheio...

—Dispõe de outras trinta moedas para os adjunos; tens percebido?

—Perfeitamente.

—Agora cuidado, que o homem não deve demoar-se.

— Vou convidar dous amigos. Com licença de v. exc.ª

E o boleeiro entrou no quarto, onde continuava a bacchanal.

Castello Branco ia a retirar-se quando assomou no topo da escada a figura cadaverica de Eugenio. Estava tão claro o vestibulo que o cobarde receou ser conhecido e preferiu occultar-se atraz de uma porta da cavalhariça, que estava entre-aberta. Quando executava este designio e que já não podia recuar, viu levantar-se pausadamente o homem da manta escura, procurar na cinta uma faca, e lançar em derredor olhar perscrutador e fulminante — como o espectro de uma victima em cata do seu matador... Quiz fugir — não era tempo, que o halito convulsivo de Eugenio lhe açoutava já as faces. Sumiu-se para um desvão que o acaso lhe deparou ante os passos.

— Senhor! — foi quanto pôde dizer o desconhecido endereçando-se a Eugenio, no momento em que uma enorme bengala ia a descarregar-lhe sobre a cabeça um bem dirigido golpe.

Sacar por um braço Eugenio, arremessar-se com a faca sobre o assassino e cravar-lh'a no coração — foi tudo objecto de um segundo: o boleeiro cahiu banhado em sangue, e dous malvados que o seguiam desappareceram immediatamente pela mesma porta que lhes dera passagem, e cerraram-a por dentro com segurança.

— Que é isto, Raphael? — exclamou Eugenio,

sem comprehender o que dera causa áquelle attentado.

—Era este homem que o mandava assassinar, senhor guarda marinha.

E dizendo isto, o salvador de Eugenio arrancava do escondrijo a Castello Branco, tremulo e confuso.

N'esse momento gritos repetidos de — Aqui d'el-rei — soaram nas proximidades da casa; e Eugenio, esquecendo o cobarde para se lembrar do homem grato, bradou com anciedade:

—Salva-te *Russo,* em quanto é tempo.

Porém um apito silvou mui cêrca da porta, e dous guardas municipaes, acompanhados por um lacaio, se precipitaram no vestibulo.

Raphael arremessou a faca para longe de si, que foi rolar aos pés de Frederico, causando-lhe um indizivel terror.

—É aquelle o assassino — disse o lacaio, apontando para Raphael — e lá está a victima — concluiu, designando o boleeiro.

— Esse homem falla verdade — respondeu com sangue frio o marinheiro, que o leitor já conheceu de certo no individuo da manta — entrego-me á prisão.

E foi collocar-se entre os soldados.

— Este homem é innocente — bradou rijamente Eugenio.

— Vamos — interrompeu bruscamente o *Russo.*

E caminhou apressado para fóra da porta; a patrulha seguiu-o.

Eugenio e Castello Branco ficaram petrificados por bem diversas sensações.

Depois de um breve silencio, o primeiro dirigiu-se ao segundo, dizendo-lhe com um rancor concentrado:

— Infame! devera tirar-te a vida como a um cobarde que és — e apontava-lhe para a faca ensanguentada — porém quero guardar a minha vingança até ámanhã — faltarás tu, ás seis horas, no lugar aprazado?

— Não faltarei... dou-lhe a minha *palavra de honra.*

— Honra? tu! — repetiu Eugenio com um riso convulso — tu, que mandavas assassinar-me pelos teus lacaios! Oh! não me escaparás, nem no inferno! Até ámanhã, que vou tratar de salvar aquelle infeliz.

E apertando com força o braço de Castello Branco, que parecia pregado no lugar para onde o arrastára o *Russo,* desappareceu repetindo com voz ameaçadora:

— Até ámanhã!

.....

No outro dia, ás cinco horas e meia da manhã, um homem passeava nas immediações do bello aqueducto, cuja ponte lançada sobre o Alcantara, toma a primazia em extensão e altura de arcos a todas as pontes do mundo.

Este homem era Eugenio.

Os pensamentos que então reboavam por essa

abeça de mancebo, exaltada pelos dous mais fortes entimentos da humanidade — a vingança e o amor — não tentaremos nós esboçal-os: era tudo quanto a de sublime, quanto ha de horrivel na historia os corações; era uma dôr incisiva, tresloucada e uasi sobrehumana, impossivel de descrever!

O mancebo passeava — passeava agitado e esendia a vista pelo caminho da cidade; mas nada escortinava.

Por fim sacou do relogio; o mostrador apontava eis horas e cinco minutos.

— Cobarde! — exclamou.

E tornou a lançar ávidos olhos sobre a mesma enda.

Viu um homem.

— Será elle?

E o homem aproximou-se.

Era um moleiro que seguia seu caminho, cantano alegremente, e olhando com indifferença para o ol que se erguia formoso no oriente.

— Ainda não! nem virá.

E outro homem assomou na estrada.

Eugenio observou-o alguns momentos e não pôe reter uma exclamação de alegria ao reconhecel-o:

— Oh! elle! elle! É elle ou a desesperação me ega.

Não se enganára: era Castello Branco.

No rosto d'esse homem que a sangue frio medira uma traição, e que sem remorsos determinára m homicidio, estava pintado o medo — complexo

de todos os sentimentos vis; tremiam-lhe as pernas, e apesar de trazer comsigo um par de pistolas carregadas, não perdia de todo a esperança de se esquivar ao combate.

— Finalmente chegou! — disse Eugenio ao aproximar-se de Frederico — Traz as armas para o combate?

— Sim, senhor; um par de pistolas.

— Ambas carregadas?

— Ambas carregadas.

— Seja... ainda que melhor fôra uma só bala, mas não temos padrinhos para extrahir a que sobra, porque — continuou o guarda-marinha resolutamente — será um duello de morte, como ajustámos.

— Agora, snr. Eugenio, devo saber o motivo por que vou combater.

— É justo. Encaminhemo-nos para uma d'estas veredas, que não devemos perder tempo.

Dizendo e fazendo, Eugenio dirigiu os passos para um dos estreitos caminhos que orlam o aqueducto em todo o seu comprimento, e fallou n'estes termos a Frederico:

— Ha no mundo uma mulher que eu adoro santamente, e que o senhor tenta seduzir; que não tem um irmão para desaggraval-a, e que está muito longe de seu velho pai; esta mulher deu-me algum dia o nome de irmão, cabe-me defendel-a: já vê que trato de Adelaide.

— E quem assegura a v. s.ª que não é com honestas intenções que eu tentei requestal-a?

— Ninguem... mas n'esse caso pretendo dispu-
ar-lh'a pelas armas.

— E se eu ceder?

— Não aceito a sua generosidade.

— Mas, senhor, o tempo de alcançar uma mulher
or combate passou ha muito.

— Fal-o-hei resuscitar.

— Hoje é o galanteio, as conveniencias, o ou-
o...

— Hoje, como sempre, ha seductores e cobar-
les; hoje, como sempre, ha homens honestos e sem
emor.

— Mas é uma *coquette* que o senhor tenta des-
ggravar...

— Tento vingar esse insulto feito a minha ir-
nã! Estamos em boa posição — disse, suspenden-
lo os passos — eia senhor, as armas?

Frederico descórou completamente, e quasi sem
aber o que fazia, magnetisado pelo olhar terrivel de
ugenio, tirou de uma algibeira do seu amplo e ele-
ante casacão uma caixinha polida, e apresentou-
h'a.

Eugenio abriu-a com rapidez, e apossou-se de
ma das pequenas pistolas que continha. Frede-
ico segurou outra, e a caixa escapou-se-lhe das
nãos.

— Cedo da vantagem que me proporciona a mi-
ha posição de aggravado: a sorte decidirá qual de
ós ha de atirar primeiro; mas havemos de bater-
os a dez passos.

— É um assassinato! a dez passos... sem testemunhas...

— O lugar é solidario, e a fuga segura. O vencido não deve esperar soccorro do vencedor. Se não tem a propôr mais alguma condição — eia... a combate!

A voz atroadora de Eugenio tornou immovel Castello Branco.

Então aquelle, collocando-se a par do seu adversario, contou com passos seguros a distancia prescripta; chegado ao termo voltou a face, e encarou com gesto ameaçador o tremulo Frederico.

— Quem atira? — disse este com voz muito alterada.

— É verdade, mais essa demora.

E tirando uma bolsa de prata, sacou de dentro d'ella um cruzado novo, e arremessou-o ao ar; quando cahiu sobre a lage, collocou-lhe o pé em cima, e disse sorrindo-se para Frederico:

— Armas ou cruz?

O estudante ficou ainda mais aterrado do que antes, ao vêr a negligencia com que Eugenio jogava a sua vida e a d'elle; e com grande difficuldade pôde responder:

— Cruz!

Acrescentando em voz baixa:

— A do Redemptor me valha.

Eugenio ergueu o pé de sobre a moeda de prata e disse com sangue frio:

— Cruz.

Collocando-se novamente em posição, proseguiu com muito socego:

— Póde atirar.

Era um momento terrivel para o cobarde: a sua vida estava dependente da certeza na pontaria; pois que elle sabia bem qual era a destreza do seu contendor e que não tinha a esperar commiseração d'aquelle homem. Só podia salval-o um moribundo ou um cadaver!

Demorou-se a ajustar a pontaria procurando varar-lhe o peito... alfim, apesar de muito trémulo, desfechou.

A bala cruzou o chapéo de Eugenio, fracturou-lhe o craneo, e derribou-o com violencia.

Frederico deixou cahir das mãos a arma fatal, e fugiu espavorido, sem olhar uma só vez para traz.

E o martyr do amor — tão crente como os martyres do Evangelho! — ahi jazeu envolto em sangue.

No outro dia, os jornaes transcreviam na *parte da policia* o seguinte:

« Hontem, ás sete horas da manhã, foi encontrado um homem banhado em sangue nos Arcos das Aguas-livres; acharam-se junto ao corpo duas pistolas, uma das quaes descarregada, e que parece haver sido o instrumento mortifero. O moribundo foi logo reconhecido: é o snr. Eugenio Augusto do Amaral, guarda-marinha, de uma familia abastada e nobre. Não parece verosimil que tentasse suicidar-se,

e por isso se crê, com razão, que algum malvado commettera aquelle crime com o fim de o roubar. O snr. Amaral, até este momento, ainda não fallou, e ha muito poucas esperanças de salval-o. A justiça procura os malfeitores».

EPILOGO

Passou um anno sobre os acontecimentos que acabámos de historiar.

Era um bello dia d'abril de 1844; e o telegrapho annunciava á barra uma corveta nacional.

Soprava o vento pelo ONO, mas a atmosphera conservava-se clara.

Ás dez horas, já a muita gente que concorria á ponte do arsenal de marinha distinguia perfeitamente a corveta *Tritão,* que subia o Tejo donairosa com todo o seu pano largo.

Pouco antes do meio dia, atracava á ponte um escaler d'aquelle navio.

Alguns officiaes de marinha correram ás escadas a receber os seus camaradas, que já de longe vinham animando os remadores com gestos de impaciencia.

Eram dous velhos conhecimentos nossos: Julio e Jacob.

Depois de trocarem alguns abraços e palavras com os seus amigos ou conhecidos, que pareciam recebel-os com prazer, talvez força de costume, caminharam para o portão do edificio; porque Julio procurava fugir a outras demonstrações de amizade, que elle, sceptico como era, não acreditava.

Durante o trajecto um official, homem já de dias, lhes perguntou pelo commandante.

— O snr. Novaes está de perfeita saude — apressou-se a responder Jacob.

— E Roque Solano? — tornou o velho.

— Está no cemiterio da Nazareth, em Loanda.

— Pobre homem! — proseguiu o ancião levantando as mãos unidas para o céo — morreu da *carneirada?*

— O cirurgião diz que morrera d'uma febre typhoide. Não sei. Mas inclino-me a crêr que algum grande desgosto lhe fez picar a amarra.

— E não ha alguns indicios?

— Nenhum... a não ser que alguem se metta a adivinhar por uma flôr que elle conservou entre os labios até expirar, e com a qual foi conduzido á sepultura... Estava já secca, mas parecia-me haver sido um *martyrio.*

— Que lhe pareceu aquella singularidade, snr. Julio? — continuou o curioso interlocutor.

— Não fiz a menor reflexão sobre isso — respondeu o tenente; e apertando a mão de Jacob: — Até á

ıoite — lhe disse. — Depois saudando polidamente os ıssistentes, acrescentou: — Para os servir, meus seıhores.

E dirigiu-se para a porta.

Acompanhal-o-hemos, em detrimento de Jacob, ıue se demorou ainda meia hora a dar noticias de ıngola.

Poucos passos tinha dado Julio, quando uma voz :onhecida o reteve.

— Snr. tenente!

— Quem me chama? — interrogou Julio.

E viu ao pé de si dous homens ligados por uma orrente de ferro; um d'elles tinha o gorro na mão.

— Tu nas galés, *Russo!*

— Por toda a vida — respondeu placidamente o *ıusso,* que foi elle quem chamára o tenente.

— Que novo crime commetteste então?

— Salvei a vida ao snr. Eugenio, matando quem ı pretendia assassinar, no momento em que ia conummar-se o attentado... A divida de sangue sal.ou-se com sangue!

— E elle... Eugenio, onde está?

O *forçado* afastou-se do seu companheiro, quan-ı permittia a pequenez do grilhão, e fallou ao ouıido de Julio.

O tenente ficou horrorisado da confidencia do *ıusso,* e partiu de carreira pelo portão fóra.

Cruzou o largo do Pelourinho e o de S. Julião, rua Aurea, o Rocio, a rua Nova da Palma, e diriıu-se por enlameadas travessas para o hospital de

S. José. Chegado á porta fallou com agitação a varios empregados que se lhe apresentaram, e ao cabo d'algum tempo alcançou ser introduzido n'aquelle estabelecimento para fallar a um homem que procurava.

Abrindo uma porta gradeada de ferro, o conductor disse para Julio:

—É aqui; póde entrar sem receio, porque ha tres dias que está muito socegado.

Julio entrou em um pequeno quarto, d'onde se exhalava o mais nauseabundo cheiro, e cujas paredes gretadas e com immundos arabescos, repousavam sobre um pavimento coberto de palha damnificada. Um mancebo estava sentado n'este tapete humido e fetido, com o olhar fixo e embaciado, as faces lividas e encovadas, negros os labios e as palpebras, o tronco cadaverico, os pés nús e mutilados; rasgando pausadamente uma das pernas da calça que tinha vestida, e enrolando alternadamente em um e outro braço as tiras que sacava.

—Eugenio! —exclamou Julio na maior afflicção, lançando-se-lhe nos braços.

Uma estrondosa gargalhada foi a resposta do desgraçado.

—Doudo! Era pois verdade! —murmurou o amigo, recuando com horror.

—Vai chamar Adelaide —disse o louco com voz imperiosa ao enfermeiro.

—Ah! tu não queres tomar juizo, meu romantico...

— Que estás tu ahi a dizer, malvado! — bradou Julio, arremessando-se sobre o enfermeiro.

— Tenha mão, senhor — disse este, recuando — romantico é o nome por que esse rapaz é conhecido cá nas enfermarias.

Outra gargalhada de Eugenio acompanhou a explicação do enfermeiro.

— Não me conheces, Eugenio? não abraças o teu amigo Julio?

— Ah! Julio! tu és Julio Lacroix, o ultra-romantico? ou és Julio Janin?

— Não lhe digo eu? — proseguiu o enfermeiro, acotovelando Julio.

— Louco! louco, meu Deus! por uma mulher, indigna do seu generoso amor!

E as lagrimas corriam-lhe em fio pela face tostada do sol d'Africa.

Eugenio encarou o aspecto dolorido de Julio, bom amigo, que elle não tinha já intelligencia para reconhecer, mas o pranto se lhe communicou insensivelmente. Ergueu-se, com parte do corpo coberto de andrajos, por entre os quaes se viam algumas marcas negras, signaes do flagellante tratamento usado com os alienados, pelo menos no tempo a que nos referimos, deu poucos passos com difficuldade e parou em frente de Julio.

— Olha como tenho os pés — lhe disse — vês? ensanguentados! É porque andei duas mil leguas para a vêr... para lhe dizer que a amava! E ella, Henriqueta... Oh! não, essa morreu... não é Henri-

queta... é... é... tambem o nome me esquece! roubaram-m'o! Até o nome me roubaram dos labios... e eu não possuia mais nada d'ella... nada... oh! meu Deus!

E o desgraçado louco desatou n'um choro tão copioso, cahiu de joelhos com as mãos juntas em tão pungente attitude, que arrancaria lagrimas ao homem mais feroz, despedaçaria o coração mais endurecido no crime!

Depois d'um breve silencio, só interrompido pelos soluços de Eugenio e Julio, o louco ergueu-se inteiriçado como um espectro, caminhou muito devagar em roda d'aquella sordida morada, e chegando ao canto mais afastado da porta, enroscou-se de fórma a occupar muito pouco espaço, e começou de entoar em voz sepulchral aquella copla castelhana, que os nossos leitores ouviram em outra época a Barroso:

Solo amigo me llama la ingrata
Sin mirar que me abraso de amor;
Antes libre gosaba mi pecho,
Ahora triste sucumbe al dolor.

— *La ingrata!* — clamou Julio — amaldiçoada canção! foi no dia em que soube o fatal segredo de Eugenio, que pela primeira vez prestei attenção a esses versos... n'esse dia, em que o furor do mancebo, julgando surprehendido o seu segredo, me fez lêr n'aquella fronte altiva um tremendo destino escripto em duas palavras: — Suicidio ou loucura! —

E Eugenio repetia a copla, entrecortada de soluços e com voz quasi extincta.

— Embalde cantas, infeliz, não abrandarás estas pedras, nem o coração d'essa mulher... outras eram as feras e os penhascos que a lyra de Orpheu abrandou! Arranca-me d'este lugar — continuou elle, dirigindo-se ao enfermeiro — um momento mais, e ficarei como esse desgraçado.

— Assim me parece — disse em voz baixa o outro.

Julio abraçou ternamente Eugenio, e sahiu.

Dirigiu-se para casa — ia abraçar sua mãi. Mas ao chegar ao tôpo da calçada da Gloria, uma porção de carruagens e seges lhe retardou, a seu pezar, o cumprimento do unico desejo que então formava — apagar as lagrimas da velhinha, que tanto havia chorado a sua larga ausencia.

Duas mendicantes, encanecidas no vicio e na miseria, fugindo ante as patas dos cavallos, se chegaram para o mancebo.

— Que te parece? — dizia uma d'ellas endereçando-se á outra — tão rico e não distribuir nada pelos pobres!?

— Malditos sejam os noivos! — tornou a companheira, com o sinistro accento d'uma sibylla — malditos sejam, elles e a sua geração!

E as velhas exorcismavam o par feliz, que seguia balouçando mollemente sobre as suas almofadas de velludo, cercado de todos os prestigios do luxo, de toda a ostentação da grandeza!

— É um noivado? — perguntou Julio, por dizer alguma cousa, ao homem que viu mais perto de si.

— Sim, senhor — respondeu-lhe o estranho — é o barão de... de... não me lembra o titulo — elle ha tantos! — um d'esses barões novos, enriquecidos pelos emprestimos e conversões, que vem de casar-se com uma linda senhora... Olhe — continuou o loquaz visinho, apontando para o interior de um bello carro que se aproximava: — Que *macambusio* é o noivo, e ella tão formosa... a Adelaidesita Garcia!

— Adelaide Garcia! — repetiu assombrado o mancebo — a filha do marechal?!

— Isso mesmo — respondeu o desconhecido — aquelle que está governando Angola.

Julio lançou os olhos sobre o lugar indicado, e viu uma bella e elegante senhora de vinte annos, sentada ao lado d'um homem de cincoenta, adereçada de custosas galas, risonha e provocadora.

Tendo deixado um momento antes a victima, o mancebo afastou a vista do algoz; estava febricitante. Atravessou como um possesso por entre a linha das carruagens, e correu na direcção da rua da Rosa, onde morava a sua familia, sem virar a face, como Loth fugindo de Sodoma; e bradando:

— Mulheres! eis-ahi as mulheres! apaixonai-vos por ellas... consagrai-lhes amor e devoção!

Alguem lhe reteve os passos, e cortou a exclamação, segurando-lhe um braço e dizendo:

— Aonde corres assim?

— Como... tu aqui, Jacob! e tão prazenteiro? ão conheces quem ia em uma d'essas carruagens?

— Sim, era a muito nobre e gentil D. Adelaide, aroneza de Espozende.

— Casada! E não a amavas tu?

— É agora que eu nutro esperanças bem fundaadas de chegar a possuil-a. Olha: meu pai é o dvogado do barão, foi convidado para o baile que lle hoje dá por occasião do seu casamento, e eu presento-me tambem; travo conhecimento com o narido, e torno a entabolar amizade com a mulher; peço perdão a Adelaide das palavras que outr'ora he dirigi, e que passados quinze dias tornarei a retir-lhe; faço-lhe mil protestos da maior sisudez ... por fim, o barão tem cincoenta annos, e eu inte e dous incompletos. — Não está tudo bem calulado?

— Muito bem, meu Jacob... sê feliz se pódes... deus!

Dizendo isto, Julio apertou a mão do guarda-mainha, e desappareceu no angulo da rua da Rosa.

Alguns momentos depois entrava em casa e caia nos braços d'uma velhinha, que desmaiou proferindo estas consoladoras palavras:

— Meu filho! meu querido filho!

— Oh! minha boa mãi! Em ti não ha fingimento — disse comsigo mesmo o sceptico. — O verdaleiro amor é o d'uma mãi!

FIM

SAMSÃO NA VINGANÇA!

I

Um bairro de Macau

Em todas as cidades ha um bairro immundo, de construcções mesquinhas, de miseravel apparencia, habitado pela parte mais indigente da população, e que é todavia o pedaço mais poetico, mais monumental d'esses grandes corpos, e quasi sempre o seu berço. Ao aproximar de uma cidade antiga, o viajante adivinha logo onde começou a nascer essa povoação; os signaes são caracteristicos. Enxergue-se uma alta montanha coroada de ameias, erriçada de canhões, se é christã a terra, vêr-se-ha tambem alli o emblema eterno da redempção; essa eminencia domina a planicie, que em outros tempos estaria exposta a correrias de inimigos, logo as primitivas habitações deviam ser a abrigo da artilheria, pendurar-

se pela collina até ao sopé do monte, e só mais tarde se espraiariam pelo valle. É assim que a primitiva Lisboa desce pela encosta do castello até se abysmar em Alfama; o velho burgo do Porto circumda os paços acastellados do seu bispo soberano; e em Macau, de que ora vamos tratar, a *baixa do Monte* espreguiça-se aos pés da sua antiga cidadella. Esta parte, a mais nobre de cada povoação, pelo seu fôro de antiguidade, é, por uma triste contradicção das cousas humanas, votada pelo andar dos tempos a ser o receptaculo de todos os vicios e torpezas, de mistura com todas as miserias, uma como excrescencia da sociedade, um lugar maldito, que a cidade nova repelle de si, como os sãos engeitam o leproso. Ainda esta circumstancia se dá no sitio de Macau, já apontado, onde tem lugar a primeira scena do pobre drama, que nos propomos esboçar, tão pobre como o seu author e o seu palco.

Macau é uma cidade formosa, elegante mesmo, mas de poucas recordações historicas; e esse mesmo pouco que póde ainda interessar ao antiquario, está vinculado á fortaleza de S. Paulo do Monte, que abre o seu manto de muralhas para acoutar os fieis que repousam nas humildes pousadas da encosta. Nunca houve um alvoroto popular, uma sedição de chins, uma conspiração do senado, que para alli se não recolhessem as authoridades da terra, a tropa e os habitantes pacificos; e o fogo de uma só bombarda, dirigido pelos frades da Companhia de Jesus, foi bastante para fazer parar os hollandezes de Cornelio

Reyerszoon, quando em 23 de junho de 1622 assaltaram a cidade, facto o mais glorioso da historia de Macau, que é até hoje commemorado com procissão e festa annual.

A este lado da cidade encaminharemos pois o leitor. Supponha que desembarcou na praia Grande, que sobe pela calçada de S. João, que atravessa o largo da Sé, sem se demorar na contemplação da estranha architectura da cathedral, siga pela travessa do Bispo, volte á rua do Hospital, e verá a pouca distancia o rotulo de uma esquina a dizer-lhe:

CALÇADA DO MONTE

Galgando por essa ladeira chega-se á *baixa do Monte,* lugar mais arriscado no transito nocturno do que o bazar chinez da mesma cidade. É ahi que se refugiam os desertores e outros quaesquer criminosos, que fogem ao encontro da justiça, e que acham guarida nas miseraveis barracas e palhoças de mulheres sem nome, e quasi sem classificação no genero humano, pela sua hedionda fealdade.

Entremos em um d'esses miseraveis alcouces, habitação de uma filha de Timor, e observemos o que ahi se passa ao declinar do dia 26 de outubro de 1850.

A meio da casa está uma tosca banca, ladeada por dous assentos de bambú já quasi inuteis; é toda a mobilia da casa. Sobre a mesa vê-se uma botija de aguardente, duas canecas da mais ordinaria

louça da China, e uma escudela com restos de peixe; é todo o provimento da habitação. Em um dos bancos está sentada uma mulher de vinte e cinco annos, tez cobreada, olhos pequenissimos, e corpo rachitico; traja bajú e quimão, ao uso das nhonhas (nativas de Macau) e como ellas, tem pendente da cabeça a desbotada saráça, que já fôra amarella com barra de varias côres; os pés nús e escuros estão apenas apontados em velhos chinelos, e uma das mãos segura o indispensavel cigarro chim. Defronte d'esta miseravel creatura, está igualmente sentado um homem de figura repulsiva, e que parece attingir o estado de embriaguez completa. Alto, trigueiro e sordido, João Antonio, um dos fieis d'artilheria da fragata *D. Maria II,* mostra no rosto, largo e enfarruscado, a ferocidade de uma alma perversa. Levando á bocca o tarro cheio de aguardente, no momento em que nos aproximamos d'aquella porta, dizia o *condestavel* (outro modo de designar o fiel d'artilheria de um navio de guerra):

— Floriana, bebamos mais um trago d'esta infernal beberagem, que talvez nos não tornemos a vêr.

— Porque, João? — respondeu a timora na sua estranha linguagem, que tem pretensões a chamar-se portugueza — não voltas? É porque a fragata vai a Wampu, como se diz?

— Não — replicou o homem com ar sinistro, e despejando de uma vez o liquido contido na caneca — o conselho do governo quer mandar a fragata a Wampu, mas eu hei de mandal-a ao inferno!

E ergueu-se, cerrando os punhos e alçando-os ıra o céo em ar de ameaça; porém a embriaguez ıiquilou-lhe o esforço, e cahiu de novo sobre o ban-ı. Proseguiu todavia:

— Hei de incendiar a fragata para me vingar dos aus tratos do commandante...

— E que culpa teem os outros que estão a bor-ı, para morrerem tambem? — atreveu-se a dizer oriana.

— Que me importam os outros! todos me des-ezam, porque sou velho e asqueroso... menos um, ı! esse hei de eu salvar. É uma boa criança, co-ıeci seu pai, que sempre me estimou; não morre-.. Esperarei por um dia em que elle venha a terra, então... então, hão de ter fogo de vista, e ha de ır mais breve do que pensam!

— Pagar o justo pelo culpado! Melhor obrou meu arido. Não sabes como elle se vingou de uma af-onta?

— Eu não — respondeu o velho com enfado.

— Pois ninguem o ignora na cidade; ha um ez que se não falla de outra cousa em Macau; de-ıis da morte do governador é o objecto mais fal-do.

— Sim? pois conta-me isso — balbuciou João ıtonio, fechando os olhos, e dispondo-se para dor-ır encostado á fraca mesa.

Floriana repetiu ás gretadas anteparas da barra-o seu lamentavel conto n'estes termos:

«— Haverá mez e meio que casei, triste união

de um dia só! Na manhã seguinte ao noivado, ergueu-se meu marido muito cedo e foi carregar uma pistola, que sempre o acompanhava; chegou-se perto do leito em que eu ainda descançava, e disse-me com voz firme, mas com um gesto diabolico: — Floriana, fui enganado, mas tu não és culpada n'esta traição, porque foste obrigada por teu padrasto a casar commigo... dize-me quem foi que te deshonrou! — Perdão! — clamei eu, unindo as mãos, e suffocada pelas lagrimas. — O nome do seductor, ou morres! — retorquiu elle, encostando-me á fronte a fria bocca da pistola. Vendo a morte de tão perto, pobre mulher, fraca como sou, não pude hesitar, confessei a verdade, disse um nome: Albino. — Teu padrasto!? — replicou elle espantado. — Sim — lhe tornei eu, quasi desfallecida; e Bernardino correu para fóra da porta. Cahi prostrada no leito, mas d'ahi a pouco despertou-me o estrondo de um tiro; corro á janella, olho em roda da casa, e a principio nada vejo, nada ouço; no momento pórem em que ia a fixar a vista sobre a habitação de Albino, que ainda na vespera fôra a minha habitação tambem, enxergo um tenue fumo que se escapava da porta entre-aberta, e quasi simultaneamente ouço uma segunda detonação. Eis-aqui o que depois me contaram: Bernardino apenas me deixou atravessou a rua e entrou em casa de meu padrasto... o pobre almoçava tranquillamente! Sem uma palavra de explicação, disparou-lhe a pistola contra a cabeça, e depois de pausadamente se haver assegurado de que estava

bem morto, carregou de novo a arma e desfechou comsigo mesmo, cahindo immediatamente ao lado da sua victima. Viuva depois de um dia de consorcio, sem amparo algum no mundo, vim acoutar-mé a esta pobre barraca... porém deixemos isso: que te parece, João, a vingança do meu Bernardino não foi mais nobre do que essa em que meditas?»

João Antonio resonava; não respondeu, porque dormia desde o começo da historia. N'esse momento um novo interlocutor empurrou a esteira que servia de porta á barraca, e penetrou na triste habitação de Floriana. Era um soldado do batalhão naval.

—Cá está quem eu procurava—disse o recemchegado ao vêr João Antonio—ó amigo, vamos para bordo.

E sacudiu o braço do condestavel, que ficou immovel, assobiando as harmonias de um somno de embriaguez.

—O velho está tonto—disse Floriana para o soldado—é melhor deixal-o ficar ahi, e pela manhã irá.

—Sim? e as chibatas que lá estão a bordo? Como o commandante gosta muito d'elle!—acrescentou ironicamente o naval.

—Olhe, *nhon,* melhor fôra que este maldito velho não tornasse ao navio. Metteu-se-lhe na cabeça incendiar a fragata e é capaz d'isso! Elle mesmo m'o disse; veja se previne os officiaes, para evitar uma tal desgraça.

—Historias, *nhonha!* Assim se bota fogo a uma

fragata? As chaves do paiol da polvora não estão em seu poder, e quando lá desce é sempre acompanhado, e com um official á vista.

— É bom ter cuidado...

— Ora adeus! Se eu conheço o João Antonio falla, falla, e mais nada. Quantas ameaças lhe tenho eu ouvido desde a sahida de Lisboa, ha mais de um anno! Já em Gôa era o mesmo: faço, aconteço, por fim, cá estamos todos. Porém é preciso acordar este diabo...

— Não vai assim, *nhon,* em quanto não dorme algumas horas.

— Pois que fique, e lá lhe ajustarão as contas ámanhã; eu vou-me até á Taipa; adeus, *nhonha.*

E o soldado sahiu cantando, sem comtudo deixar de pensar nas palavras de Floriana relativas ás ameaças do condestavel, e fazendo projectos de avisar um official de quem era protegido. Em quanto elle caminha para o caes do embarque, e que Floriana se prepara para dormir ao som dos roncos de João Antonio, deixemos a baixa do Monte, e vamos n'um relancear de olhos observar o estado de Macau na época a que nos referimos, para melhor intelligencia d'esta pequena, mas veridica historia.

Havia mais de um anno que o governador Amaral fôra assassinado por alguns chins, Deus sabe mandados por quem... é esse um ponto mysterioso em que não nos atrevemos a fallar, sem provas na mão... Diziamos pois que havia mais de um anno que tivera lugar esse barbaro sacrificio, fica

a cidade em um estado de confusão e anarchia
ìcil de descrever. Um joven official de artilheria
vou por então Macau, collocando-se á frente de
ta soldados, e arrancando ao poder dos chins a
aleza de Passaleão, com o que afugentou para
;e os inimigos; porém a attitude da povoação por-
ıeza, isolada alli a um canto do immenso imperio
stial, estava longe de offerecer garantias de segu-
a aos seus proprios habitantes, e corria o risco
;e perder para a corôa dos nossos reis. O conse-
do governo, que tomára o leme da administra-
n'estas tristes circumstancias, mal podia com o
:o de tão difficil encargo; protestou, fez o que
ɜ em desaggravo das cinzas d'Amaral, mas não
a tentar nenhuma empresa contra os chins, por
de recursos, de instrucções e de chefe; para
:avar mais esta precaria posição, revoltou-se a
:nição da cidade, por falta de pagamento, e foi
er arranjar um emprestimo para apaziguar com
.eiro a soldadesca. É incrivel como os chins se
aproveitaram d'esta optima opportunidade, para
ar de uma vez os portuguezes fóra da ilha de
.-Shan!

Já tarde, e bem tarde, chegou a Macau o hon-
ı e intelligente governador Pedro Alexandri-
la Cunha, a bordo da corveta *D. João I,* e pou-
epois surgiu na rada a fragata *D. Maria II;* era
ıena força, mas ainda se esperava do Rio de Ja-
ɔ outra corveta, a *Iris,* que vinha reforçar a es-
lra, e o novo governador dispunha-se animoso a

exigir uma satisfação aos mandarins pela morte do seu antecessor, quando elle mesmo foi victima de uma curta enfermidade, ao cabo de quarenta dias de governo. Outro conselho, quasi composto dos mesmos vogaes, tomou conta da gerencia dos negocios, e sem instrucções da côrte, sem meios pecuniarios, sem unidade, sem pensamento de acção, olhava com susto para aquelles tres navios, tripolados por setecentos homens, que reclamavam soldo e mantimentos; para a tropa da cidade, a quem era mister pagar; para os empregados, que morriam á mingua de pagamento; e lançava avidos olhos para o horisonte, procurando enxergar o paquete, que lhe trazia as cartas do governo da metropole, e almejando por um novo governador que os alliviasse de tão incommoda authoridade.

Os chins entretanto nada haviam tentado contra a cidade; muitos alli habitavam pacificamente e continuavam o seu trafico commercial e artistico. Mas quem salvaria Macau de uma subita invasão, quando o mandarim da cidade havia fugido, e os nossos se tinham apossado, pela força, de Passaleão? A guarda da porta do *Cerco* ou do *Limite,* tinha sido abandonada pelos imperiaes, que se fortificavam na *Casa Branca,* e podiam de um momento para outro avançar sobre Macau; não havia declaração de guerra, de verdade, mas todos conhecem a boa fé dos chins, e demais já tinha havido fogo de parte a parte; estavam pois suspensas as hostilidades, mas em paz não se podia considerar a cidade.

Tal era o estado anomalo de Macau, quando aquelle soldado da *extincta brigada,* o fiel d'artilheria da fragata, se dispunha a fazer voar um optimo navio de teca, artilhado e petrechado convenientemente e com mais de duzentas pessoas de tripolação, para se vingar de um homem, para lavar uma affronta, exagerada por elle, senão imaginaria! Era mais um recurso que se tirava á parca defeza da colonia, mais um motivo de gloria para o inimigo, mais um ensejo para os chins, supersticiosos como são, crerem na justiça da sua causa, mais um padrão de vergonha e de moralidade para a nossa pobre marinha, já tão perseguida e aviltada!

O desfecho d'esta tragedia nenhum leitor o ignora, ainda está bem fresco na memoria de todos, e principalmente d'aquelles que teem a lamentar nas victimas da fragata *D. Maria II* um pai, um filho, um esposo, um irmão, um protector, um amigo; porém nós propomo-nos grupar em roda d'esse grande quadro algumas scenas de interesse dramatico e de costumes; feliz, ao menos, se considerará o homem que escreve esta historia, se encontrar na approvação dos leitores a paga de haver emprehendido uma narração, cujo objecto ainda hoje lhe faz derramar pungentes lagrimas, porque soffreu com elle uma perda irreparavel.

II

O bazar de Macau

APENAS começava a alvorecer o dia 27 de outubro, sahiu João Antonio de casa da timora, e dirigiu-se para a alfandega. Este edificio grandioso, que serviu em outro tempo de casa fiscal do porto, estava agora repartido para differentes usos, visto que Macau havia sido declarado porto franco; ácerca d'este enorme erro governativo, bastante e bem se tem escripto, e uma tal discussão está fóra do nosso programma. O motivo que levava João Antonio n'aquella direcção era ser o espaçoso caes da alfandega o lugar em que commummente embarcavam e desembarcavam as tripolações dos navios de guerra, tanto dos surtos no rio como dos ancorados na Taipa, pequeno porto defronte da cidade, onde então se achava a fragata *D. Maria II.*

Ligeiros *tancás* (pequenos barcos, cujo nome se traduz por *casca d'ovo*) guarnecidos por engraçadas mulheres chinezas, que fallam um *patois* portuguez divertidissimo, não pronunciando o *r* e substituindo-o sempre pelo *l*, e fazendo ainda outras transformações, tudo em cadencia musical, conduziam a bordo os nossos maritimos, alguns dos quaes morriam de amores pelas bellas tripolantes. E em verdade que tinham razão; aquellas carinhas morenas das tancareiras, molduradas em optimos cabellos, escuros como os seus olhos pequeninos, mas vivos, com lindos dentes, mãos pequenas, pés delicados, apesar de costumados a andarem descalços, estatura baixa mas esbelta, trajo assás pittoresco; cabaia e calça azul ou preta, lenço de côres vivas na cabeça, sapatos de prodigiosa altura, um certo requebro no andar, era tudo isto de certo muito mais bonito do que os rostos cobreados das timoras, e d'essas raças cruzadas de malaio, chim e europeu, que parecem haver sido achatados ainda no berço. Até aquelles barquinhos, onde ellas vivem de dia e de noite, parecem chamar os passageiros pelo seu extraordinario aceio; e comtudo dentro de um fraco tancá, tem uma familia o seu pagode, especie de deuses penates, sempre alumiado e brunido; cozinha, cama, bancos, em fim a mobilia completa de uma pobre casa; as tancareiras ahi vivem, ahi cozem o seu arroz e o comem, ahi dormem, rezam e folgam. A sua religião manda-as dedicar á alegria até encontrarem marido, e ellas cumprem á risca este preceito, em

quanto um esposo feliz não oppõe a barreira do hymeneu a essa torrente de loucuras; desde então a tancareira tornou-se uma mulher séria; não ri para o viandante, nem responde a nenhuma provocação, senão mostrando uma fita preta que lhe cinge o pescoço, e que quer dizer: «sou casada». A variedade acabou para ella!

Os nossos marinheiros e soldados gostavam apaixonadamente de tudo isto, e João Antonio, que contemplava agora algumas d'ellas, empregadas a lavar escrupulosamente os seus barquinhos, comparava-as com Floriana, e dava-lhes a preferencia; porém, se elle fugia para a baixa do Monte, é porque a hediondez da sua figura causava terror áquellas aceadas creaturas, que fugiam d'elle chamando-lhe *diabo,* e não sei quantos nomes mais, que haviam aprendido em portuguez, para insultarem os que se portavam mal. As pobres tancareiras até tinham medo de o conduzir a bordo, mas com isso se importava elle pouco; e ia saltar para dentro de um barco, para obrigar as raparigas a leval-o á fragata, quando enxergou a *lorcha* de serviço do seu navio, que vinha atracando ao caes, para receber a ração da maruja. Um fiel de generos, que vinha na pôpa da lorcha, saltou immediatamente para terra, e vendo o fiel d'artilheria, disse-lhe:

—Ó João Antonio, não vás para bordo sem arranjar alguma carta de empenho para o commandante; olha que está desesperado comtigo, por fica-

res em terra. Bem sabes que elle não pernoita fóra do navio, por mais duro que seja o tempo.

— É verdade — respondeu o velho fleugmaticamente — mas é que se elle adormece em casa dos seus amigos acordam-no a horas de ir para bordo; e eu adormeci em casa de Floriana, e só acordei ha meia hora. Em todo o caso, sigo o teu conselho, não vou para a Taipa.

— Mas toma conta em arranjares a carta quanto antes.

Dizendo isto, o fiel de generos encaminhou-se para a porta da alfandega; em quanto o patrão da lorcha, um velho chim, tendo desembarcado, contemplava de perto, com o sorriso peculiar áquella raça especuladora e hypocrita, o rosto macilento do condestavel, e adivinhava, através da mascara de placidez que o cobria, qual era a porção de fel que havia n'aquelle coração, e que ia a trasbordar-lhe dos labios. Não se enganou. João Antonio, julgando-se só, e possuindo em alto grau o defeito dramatico dos monologos, começou a vociferar por entre dentes:

— Maldito homem! Nada perdôa! Pois tambem eu lhe não perdoarei. Aquella timora contou-me uma historia de não sei que vingança, do marido ou de outro... Talvez fosse uma boa idéa... mas se eu nada ouvi, deu-me o somno! É o mesmo, seguirei o primeiro pensamento.

O chim acompanhava com o sorriso, tornado ca-

da vez mais bondoso, as palavras meio confusas do *christão* (termo para designar qualquer estrangeiro na China, quando lhe não chamam *diabo,* o que tambem é muito vulgar). Aproximou-se lentamente d'elle, e tocou-lhe muito de leve no hombro; ainda assim João Antonio virou-se sobresaltado.

— Que queres tu, Ahuy? — perguntou o velho em tom desabrido.

— Penso como tu, e como tu desejo vingar-me, João Diabo.

— Quem te disse...

— Adivinhei eu tudo — atalhou o chim, adocicando ainda mais o seu já assucarado risinho.

João Antonio mediu de alto a baixo este homem, miseravelmente coberto por uma meia cabaia de côr duvidosa, e esfarrapada, descalço, e com a cabeça apenas tapada por um chapéo de palha, já roto tambem. Isto foi o que elle viu quanto ao vestuario, porém no rosto não pôde lêr cousa alguma. O sorriso do chim chegára a ponto de rebuçado, porém nenhum de seus musculos se contrahiu ou dilatou sob o olhor do soldado; os olhos pequenos e enviezados, enxergavam-se como através de uma rara lamina de gelo, e elle cofiava com as mãos callosas alguns cabellos brancos que lhe pendiam da barba, ou torcia a ponta do rabicho, que acabava em um cordão de torçal vermelho. João Antonio esteve quasi a dar-lhe um furioso cachação, maneira amigavel de todo o bom christão tratar um chim; porém teve curiosidade de saber o que aquelle homem lhe que-

ria. Apesar de estupido de seu natural, e embrutecido pelo uso immoderado de bebidas alcoolicas, o fiel d'artilheria comprehendia perfeitamente que o patrão da lorcha não viera despender aquella somma de sorrisos, e affrontar as suas iras, sem para isso ter fundados motivos. Resolveu-se pois a perguntar a Ahuy o que queria.

— Vingar-me. Não t'o disse já? — respondeu o homem do Cathay. — Tu desejas vêr morto o commandante, e eu preciso que morra o tenente Osorio. Queres que nos ajudemos mutuamente?

— De que me pódes tu servir? — replicou o condestavel com ar de desprezo.

— De tudo, porque pertenço a uma sociedade inimiga dos christãos, que tem uma casa filial em Macau, e que trata de inutilisar a esquadra portugueza.

— Sim?

— É verdade, e tu pódes vingar-te, ganhando ainda muito dinheiro.

— Isso é magnifico! Estou tentado com a tua sociedade!

— Pois se queres, o conselho dos anciãos deve estar reunido, e é occasião de seres admittido. Porém toma conta; quem falta ao juramento, morre!

— Sei d'essas cousas. Lá na minha terra tambem dizem que ha sociedades secretas.

— Nas vossas terras tudo se abastardeia, não ha santidade de juramento, nem se guardam segredos. Na China é differente. Existem d'estas associações ha

quatro mil annos, e nunca os mandarins descobriram uma só. São ellas que vão mudar a face do imperio, restituir o throno da China á dynastia Ming, e só os associados o sabem! Mas que te estou eu contando? que te importa a ti com as nossas desavenças? nem talvez as do teu paiz te incommodem...

O rosto do chim, que por um instante brilhára com a luz do enthusiasmo, cahiu na sua habitual placidez. João Antonio, cada vez mais impellido pela curiosidade, apressou-se a responder:

—Que tenho eu com essas desordens dos grandes? O ganho é para elles só. Vamos nós á tua sociedade, e pelo caminho me contarás o motivo da aversão que tens ao tenente Osorio... que ainda assim não é dos peores officiaes da fragata.

Sahindo do edificio, o chim e o christão seguiram pela rua da Alfandega, e viraram á primeira travessa á esquerda, uma das entradas do bazar chinez. Em quanto cruzavam aquellas ruas estreitissimas e immundas, orladas de lojas de commercio e de industria, só coroadas por pequenas sobrelojas, e que arrostando com o turbilhão da gente, e aturdidos pelos gritos dos vendilhões, e dos homens carregados, que pedem lugar n'essas acanhadas devezas, clamando aos passeantes que se arredem, iam os nossos homens dirigindo os passos para o sitio de *Matapau* (carpinteiro, em dialecto luso-chim) e contava Ahuy ao companheiro a promettida historia do

seu odio ao tenente Osorio, pouco mais ou menos n'estes termos:

«— O chim é reservado, e mostra rosto alegre ao seu inimigo, até ao momento em que possa cravar-lhe o punhal no coração, ainda que seja atravessando-lhe as costas. É mais longo o transito, mas chega-se do mesmo modo, e é mais seguro!»

O soldado, apesar da sua natural ferocidade, não gostou d'este prologo.

«— Surprehendi um segredo de Luiz Osorio, e lembrou-me de tirar partido d'esta descoberta. Armar os christãos contra os christãos é o nosso melhor meio de triumphar.

«— Por isso me convidaste?

«— Tu eras dos nossos ha muito; tens coragem e és inimigo dos teus; o que eu quero é aproveitar-te, para que a vingança se não limite á fragata. Estão cegos esses homens do Occidente, não viram nos teus olhos que és capaz de emprehender tudo para lavar uma affronta... cegos! riem-se das tuas palavras; chamam-te fallador... e os seus dias estão contados!»

João Antonio mal podia crêr que estava ouvindo fallar o patrão da lorcha, que elle tinha por um idiota; Ahuy proseguiu:

«— Eu podia dizer-te que era o amor das *sapécas* que me guiava, que era a necessidade de comprar arroz que me impellia... mas não, prefiro contar-te a verdade toda. Eu soube que o tenente

sorio se correspondia com a mulher do Murray, m viajante escossez que vive alli na Praia Grande, lembrei-me de avisar o marido, pedindo-lhe segre-ɔ. Era uma boa maneira de os armar um contra o ıtro... não era?

«— De certo. E então?

«— Então? Enganei-me. O escossez não fez caso ɔ que eu lhe disse, nem me guardou o promettido ıgredo. A um chim? não merecia a pena! Em lu-ır de se acautelar e esperar, como um de nós fa-a, foi-se direito a Osorio, a primeira vez que o en-ɔntrou, e disse-lhe tudo. Osorio negou, como era ɜ crêr; elle riu-se, e convidou-o para jantar, e ı...

«— Pobres costas d'Ahuy!

«— Adivinhaste... pobres costas! Hoje, antes de ɔmper o dia, fui amarrado na prôa da fragata, e ırrado sem piedade, na presença e por mandado e Luiz Osorio. Ainda me escorre o sangue das cos-ıs...

«— Isso não é novo para mim, estou bem mar-ıdo da chibata; e quem sabe se ainda me espera bordo!»

Chegavam a Matapau. Enfiando por um bêco ıais estreito ainda, e, se é possivel, mais lamacen-ı do que os precedentes, Ahuy fez parar o portu-uez, e disse-lhe que o aguardasse em quanto ia revenir os anciãos. João Antonio cruzou os braços, esperou, sem poder adivinhar o desfecho d'esta stranha aventura. Ahuy entrou na porta de um

chale (especie dos nossos pateos antigos) e sumiu-se por uma das muitas portas de miseraveis habitações que para alli abriam; passados porém alguns minutos, voltou a buscar o condestavel, e com elle entrou de novo na mesma casa.

A scena que se passava lá dentro deixou estupefacto o nosso João Antonio. Era uma orgia incrivel para elle, que, do genero, só conhecia as mais torpes saturnaes. Alguns homens deitados em pequenos leitos, destinados especialmente para se fumar o amphion, chegavam á luz, collocada em pouca distancia, as extremidades do tubo por onde aspiravam aquelle agradavel narcotico, o qual continha a pequenina bola de opio; pareciam estar em uma perfeita beatitude. Outros, já embriagados pelo fumo da mesma droga, jaziam em differentes posições, olhando fixamente para o que os rodeava, mas parecendo não terem a consciencia de que viam nem de que sentiam; no meio da sala algumas *louquis* executavam as voluptuosas danças, e outras tocando em uns pequenos mandolins, e cantando endeixas simples mas apaixonadas, acabavam de embriagar os fumadores. O portuguez ficou em extase perante este quadro, totalmente novo para elle, e Ahuy, aproveitando essa emoção, foi-o arrastando machinalmente para um canto da casa, tocou em uma mola imperceptivel na parede, e no mesmo momento desappareceram os dous em um alçapão, não sem que João Antonio se agarrasse fortemente ás guelas de Ahuy, porque receou uma traição.

Apenas chegados ao pavimento inferior, a tábua que os conduzira theatralmente volveu ao seu lugar e não puderam vêr senão as trevas, segundo a expressão de Delisle.

— Aonde me conduzes? — perguntou o soldado, não largando o pescoço de Ahuy.

— É preciso esperar um momento; eu já venho.

— Queres-me deixar só e ás escuras?

— Tens medo? — disse o chim, dando uma sonora gargalhada.

— Não, não tenho medo — tornou o portuguez, largando-lhe a guela — vai-te com os diabos, e volta breve.

João Antonio não viu por onde passára Ahuy, mas ouviu-lhe a voz já detraz de uma antepára, advertindo-o de que se não movesse do lugar em que estava, porque havia alçapões perigosos em roda d'elle. O fiel d'artilheria, que pensava a sangue frio, poucas horas antes, em imitar Samsão n'uma estrondosa vingança, quasi que tremia de medo agora; não se moveu e esperou. Passados alguns instantes sentiu cousa que mais ainda o aterrou. O pavimento em que se achava começou a mover-se lentamente; não sabia se devia ficar parado ou mudar de posição; convencia-se de que o chim o atraiçoára, e que algum inimigo seu o queria matar. Figuravam-se-lhe na imaginação esses mil castigos barbaros dos chins, de que ouvira fallar, entre os quaes não é contado como um dos mais dolorosos o rolar o criminoso, ou a victima, dentro de uma pipa cra-

vejada de pregos. João Antonio quasi que se lembrou de rezar, e pedir perdão a Deus dos seus peccados.

Emfim, este estado de perplexidade acabou, como tudo acaba, porém de uma maneira com visos de prodigiosa, o que poucas vezes succede. Os olhos do condestavel foram de repente feridos pela luz de um enorme fogacho, no meio da completa escuridão que o cercava; e quando pôde descerral-os encontrou-se no meio de uma assembléa de anciãos, alguns dos quaes mostrando no peito a aguia dos mandarins, e todos de longos bigodes postiços, que lhe cahiam por um e outro lado da bocca, como se vêem nos quadros chinezes, mas não nas ruas e praças de Macau ou de Cantão. O fiel d'artilheria procurou o seu amigo Ahuy, mas não o pôde distinguir entre aquellas caras tão parecidas, graças á tinta e ao cabello postiço, que pareciam irmãos gemeos.

A um signal do presidente (chamemos assim ao que occupava o centro da assembléa, e pousava em lugar mais elevado) cada um dos anciãos se armou de dous *taifós,* alçando-os com um movimento burlesco; João Antonio, que já havia readquirido a sua serenidade com a presença da luz, e que tinha um solemne desprezo pelos filhos do celestial imperio, deu uma gargalhada e disse:

— Se isso é para me assustar, estão perdendo o seu tempo; tomára eu apanhar Ahuy, para lhe perguntar o fim com que aqui me trouxe.

— O fim eu t'o digo — respondeu o presidente m mau portuguez. — Nós queremos incendiar toda esquadra portugueza, e consta-nos, por um de nos- ›s irmãos, que tens em vista servir aos nossos ıs, ainda que por differentes razões; queremos que ›jas dos nossos, e que a troco de alguns milhares ɜ patacas, estendas a tua vingança ás duas corve- ıs tambem.

— Pensarei n'isso...

— E guardas segredo?

— Como vós guardareis o meu.

— Quem responde por este homem?

— Eu — disse um dos anciãos.

Era Ahuy.

— Bem, pódes partir.

E a casa ficou instantaneamente ás escuras.

Seguido o mesmo processo da entrada, João An- ›nio achou-se á porta da rua, e encontrou o seu nigo Ahuy, que accendia placidamente um cigarro ıinez.

— Metteste-me em boa — disse o soldado — os arbaças queriam assustar-me, mas enganaram-se. amos para bordo.

— Vamos — respondeu Ahuy; e acrescentou *in ectore:* — Este é nosso de corpo e alma.

Ao mesmo tempo pensava comsigo o fiel d'arti- ıeria:

— Uma tal revelação vale bem a melhor carta e empenho!

E regressaram á alfandega.

III

A bordo

Como tantas vezes succede no mundo, o soldado e o chim caminhavam para a alfandega, conversando amigavelmente, e mostrando reciprocamente um ar risonho, ao passo que cada um d'elles odiava de coração o outro; que este contava sobre os maus sentimentos d'aquelle, para se vingar, á custa da sua honra; e aquelle imaginava esquivar-se a um castigo merecido, e alcançar as sympathias dos seus chefes, denunciando este. Triste quadro que de continuo passa ante os olhos da humanidade!

A lorcha esperava no caes o seu patrão; Ahuy e João Antonio saltaram para dentro d'ella, e a prôa do barco dirigiu-se á fragata ancorada na Taipa. Ao portaló do navio estava o official de serviço; era o

tenente de marinha Samgi, um bom musulmano, que viera de Gôa na guarnição da fragata. Apenas elle viu o fiel d'artilheria, deu-lhe a voz de preso á ordem do commandante, e mandou que o levassem para o porão, e lhe lançassem ferros aos pés. João Antonio declarou ao official que tinha graves revelações a fazer; porém o mouro, que conhecia a severidade do commandante, e era um cego observador da disciplina, não attendeu a mais do que executar a ordem recebida; enviou o soldado ao seu destino, e contentou-se em dizer-lhe que elle informaria o chefe da necessidade que tinha de fallar-lhe.

Quando João Antonio descia os degraus da escotilha grande, viu o guarda-marinha Innocencio, aquelle mancebo que elle estimava profundamente, e a quem se referira no dialogo com Floriana, e disse-lhe de passagem:

— Senhor guarda-marinha, salve-me mais uma vez, como tantas outras tem feito!

Innocencio fez-lhe um signal de assentimento com a cabeça, e dirigiu-se para a tolda, onde chegavam no mesmo momento o commandante e o tenente Osorio.

O commandante era um homem de quarenta annos, elegante, de maneiras delicadas, mas de uma severidade militar a toda a prova; trajava como sempre rigoroso uniforme, e conversava com o seu official predilecto, Luiz Osorio, igualmente uniformisado, mais moço do que o commandante, porém se-

rio como elle. O tenente Samgi e o guarda-marinha Innocencio, apenas os viram, cortejaram militarmente o superior, e apertaram a mão do camarada.

— Então — disse o commandante — já chegou o tal João Antonio?

— Sim, senhor — respondeu Samgi — acaba agora mesmo de descer para o porão, aonde se lhe estão pondo os ferros, porém...

— Porém o que? — replicou o interrogante, de um modo brusco.

— Porém — acrescentou o mahometano com a placidez de um fatalista — o homem diz que tem graves revelações a fazer, e pede para fallar a v. s.ª

— Não estou para o aturar. Quer-me contar historias? que as conte aos ratos do porão.

— É um pobre velho — disse o guarda-marinha acercando-se e com voz dôce — tem trabalhado muito, está cançado e quasi demente.

— Cá temos o nosso advogado geral *ex-officio* — interrompeu o commandante rindo — d'onde conhece o snr. Innocencio aquella perola?

— Embarcou com meu pai quando eu ainda era pequeno, sempre me mostrou muita affeição...

— Pois não se desfaça d'aquella boa amizade!

E dizendo isto o commandante travou do braço de Luiz Osorio, e separou-se dos outros dous officiaes, acrescentando:

— Então vai hoje a casa de Murray?

— Sim, senhor, espero ir á noite.

— E porque não vem já commigo? eu vou
tar com elle.

— Mas eu entro de serviço ao meio dia, e
quatro horas estarei desembaraçado.

— Então lá o espero para uma partida de
rete.

— Com todo o gosto.

— Samgi! — bradou o commandante — m
me apromptar o escaler.

Poucos minutos depois formava a guarda d
talhão naval, e o chefe sahia, recebendo as
nencias do estylo. Os tres officiaes ficaram na
conversando a respeito de João Antonio, como
riam ácerca de outro qualquer objecto, que rep
sem insignificante.

Um soldado do batalhão naval, aquelle m
que vimos no pardieiro da timora, chegou-s
grupo, e com a mão direita collocada horis
mente junto ao boné, disse ao tenente Osoric
lhe desejava fallar.

— É segredo? — perguntou Osorio.

— Não, senhor; mas é um aviso que preci
zer a v. s.ª

— E a nós todos, porque não?

— Se assim o determina, não tenho duvid
fallar diante d'estes senhores.

— Pois falla, 114... nunca te soube outr
me senão este de 114; venha de lá esse avis
lutar.

— Senhor, o João Antonio disse que queria incendiar a fragata, lançando fogo ao paiol da polvora.

— Isso é romantico! — bradou Osorio dando uma estrondosa gargalhada, á qual fizeram côro Samgi e Innocencio.

— V. s.ª ri-se? tambem eu me ri; mas é que tenho pensado, e...

— E então? — e tornou-se a rir.

— E então? o homem não é boa rez; quem sabe se é capaz de cumprir o que prometteu! Elle está meio maluco, a polvora corre-lhe pelas mãos, e póde algum dia...

— Vai dormir, 114, isso é somno; deixa-nos com os teus prognosticos. Todos havemos de tornar a Lisboa, se estes malditos chins nos não matarem lá por terra.

O pobre soldado, desapontado, fez nova continencia aos superiores, rodou sobre os calcanhares e dirigiu-se para a prôa. Acompanharemos o 114, em prejuizo do poeta Osorio, do joven Innocencio e do mahometano Samgi.

O leitor já viu a prôa de um grande navio de guerra? Faz idéa do que sejam aquellas conversações do fogão? Passou-lhe pela cabeça que pudesse haver poesia n'um dialogo de marinheiros? Se não viu, se não faz idéa, se nunca imaginou estas cousas, e vive contente porque conhece a boa sociedade, e já viu *fazerem espirito* quatro bonifrates de casaca, então ha de ser difficil que lhe interessem estas scenas. E não é porque seja nosso proposito

ir desenhar esse variado quadro, que os limites d'esta composição não comportam, mas porque as exigencias d'esta historia nos levam imperiosamente á prôa da fragata *D. Maria II,* e teremos que roçar pela jaqueta alcatroada do grumete, e pela fardeta já ruça do soldado; se se sente com animo acompanhe-nos ao fogão.

O preto cozinheiro manipula conscienciosamente o frugal jantar da companha; cercam-o varios marujos, de differentes idades, uns fumando, outros limpando as espadas, ou a ferragem das suas bandejas de comer; outros finalmente cosendo a propria roupa, ou conversando de seus amores pouco platonicos, de seus banquetes em dia de pagamento, de suas longas viagens e naufragios, dos bons ou maus officiaes com que serviram. O 114 chegou ao meio d'esta assembléa, e tomou a palavra.

— Vou tratar de ir destacado para a fortaleza da Taipa — disse elle — não me fio no João Antonio.

— Então que ha de novo? por onde faz agua o barco? — perguntou um velho cabo de marinheiros, depondo o cachimbo sobre o fogão.

— Meu velho *Madeira,* não te querem deixar passar pela decima quarta vez o Cabo da Boa Esperança.

— Que é lá isso? — replicou o *Madeira* (que tirava a alcunha da sua terra natal) — as treze vezes já cá estão, e não se me dava ainda de tornar a vêr a *Bica.* Morrer por morrer, morra meu pai que é mais velho; esta naifa ainda tem ponta, apesar da ordem,

e o braço não perdeu o vigor... saibamos quem é o valente.

—Eu não o queria acreditar, porém tive um sonho esta noite...

—Ah! elle é historia de sonhos? pois sempre ouvi dizer que succede o contrario do que se sonha... ó *Sopa de massa,* dá-me fogo, que se apagou o cachimbo.

O moço ou grumete a bordo é criado do marinheiro; por isso o *Sopa de massa,* um rapaz de quinze annos, correu a buscar o murrão para servir o *Madeira.* Antigamente nem os moços podiam fumar diante dos marinheiros, nem passar por elles de chapéo na cabeça, hoje tem-se relaxado essa disciplina; os velhos lobos de mar clamam contra a innovação, mas debalde.

—É o caso—continuou o soldado.—O João Diabo é fiel d'artilheria, e prometteu lançar fogo ao paiol: agora está preso e talvez leve pau; mais exasperado ha de ficar. Avisei os officiaes, e elles riram-se... pois eu vou tratar de mudar-me para alli.

E apontava com o dedo para o forte da Taipa, construido pelo governador Amaral em territorio chinez, para proteger a cobrança do imposto do sal.

—Vai, que és soldado, estás melhor em terra; eu cá não tenho medo do João, nem de todos os diabos juntos. Em morrendo faço trinta annos á justa. Mas assim mesmo eu lhe andarei na cola, e se o apanho em rascada não lhe queiras tu estar na pelle.

—Em quanto elle estiver preso não ha duvida

— disse sentenciosamente o *Cara linda*, marinheiro feissimo, mas ainda novo — porém logo que esteja solto é não lhe largar a alheta.

— O homem ha de ter amor ao corpo — proseguiu o *Madeira*, puxando com força uma fumaça: — se elle não morresse tambem...

— Lá isso é um calhar — replicou o *Cara linda*, que era o que se chama a bordo um *letrado de fogão, um sabio de coberta;* homem lido em CARLOS MAGNO e na IMPERATRIZ PORCINA — isso é um calhar, repetiu, como o outro que diz: Morra Samsão e quantos aqui estão. Tem-se visto d'isso.

A voz do oraculo fez sensação na assembléa. *Sopa de massa* ficou boquiaberto de murrão em punho, *Madeira* deixou apagar novamente o cachimbo, e o 114 meneava a cabeça com signaes de afflicção. Ouviu-se porém um toque de corneta, que chamou a alegria aos rostos, e a falla aos labios. Era a hora de jantar. Não estava desvanecida a fatal impressão, mas esquecia-se momentaneamente, para voltar mais tarde, e talvez mais pungente, porque os homens de mar são em geral supersticiosos.

O chim Ahuy, que ouvira a conversação que narrámos, e a quem não escaparam as expressões de João Antonio no acto da prisão, entendeu que era preciso sahir de bordo, e confiar a outro companheiro o leme da lorcha e a missão de se corresponder com o preso, antes que descobrissem o seu verdadeiro nome e a causa d'aquelle disfarce, o que lhe parecia estar imminente.

— O christão quer-me atraiçoar — murmurou elle — nunca tal pensei! Aquelle monstro quer mostrar patriotismo á minha custa; porém está só no porão, é necessario fugir antes que elle falle.

E dirigiu-se ao official de quarto, já então o tenente Osorio, dizendo-lhe com ar risonho, apesar das chibatadas que por sua ordem recebera, que tinha precisão de ir a terra, e pedia licença para embarcar em um tancá que ia largar de bordo.

Osorio concedeu sem difficuldade a licença, e Ahuy ia escapar ao perigo que via sobranceiro, quando assomou á bocca da escotilha o vulto esqualido e repugnante do fiel d'artilheria. Vinha elle fumar, com authorisação do official, e arrastava-se penosamente com as pernas unidas pelos ferros, quando enxergou o chim, que transpunha o portaló.

— Não deixem fugir esse homem! — gritou elle com toda a força dos pulmões — agarrem esse chim, que trata de incendiar todos os nossos navios!

Este brado achou echo em toda a tripolação, ainda impressionada pela historia do 114, e meia duzia de soldados e marinheiros se lançaram sobre o patrão da lorcha. Osorio, que não tinha motivos para patrocinar Ahuy, revogou a ordem, e chamou á sua presença o accusador e o accusado. O leão e o tigre achando-se face a face, não se olham com mais rancor, não teem maior desejo de se dilacerarem mutuamente do que estes dous homens tinham; um d'elles porém estava agrilhoado; o outro era filho

do celestial imperio, e por consequencia dissimulou o seu odio.

— Que temos? — perguntou seccamente o official.

— Este homem — respondeu João Antonio — levou-me a uma reunião de chins, que querem dar cabo da fragata e das duas corvetas aqui estacionadas.

— Que dizes a isto, Ahuy?

— Senhor, esse homem está embriagado, como costuma; não falla direito.

— Eu bem sei onde é a casa, em Matapau, posso lá conduzir a v. s.ª

— Se elle provar o que diz — respondeu o chim tranquillamente, ao menos na apparencia — façam de mim o que quizerem.

— Muito bem — concluiu o tenente — fique para o commandante a investigação d'este negocio; mas como o porão é largo, e não faltam machos de ferro, ponham tambem um par d'elles a este chim fallador, e que conversem ambos lá em baixo, sem todavia se aproximarem demasiado.

Que se figure o leitor a deliciosa noite que passariam estes dous malvados, defronte um do outro, praguejando cada qual em seu idioma, na presença da sentinella, que os impedia de se chocarem: era um supplicio antecipado pelos crimes que meditavam.

Em quanto elles ahi jazem, vamos nós acompanhar a terra o tenente Osorio, que nos encontraremos em melhor sociedade.

IV

Um salão na Praia Grande

De qualquer das alturas de Macau se goza um bello panorama, mas os viajantes, em geral, preferem vêr do mar esta formosa cidade. Dos navios ancorados no porto interior, abraça-se uma perspectiva magnifica; começando na aldêa de Patane, sobre a qual se ergue a decantada gruta de Camões, e correndo ao longo do rio, aqui orlado de casas chinezas, acolá de edificios christãos, e todo semeado de embarcações de varios tamanhos e de diversissimas fórmas, desde o ligeiro *gig* britannico até á pesada *sóma* chineza; vendo mais para o interior da povoação as torres da cathedral, o zimborio de S. José (Collegio das Missões, sem missionarios), boas casas e jardins, e lá no fundo do quadro as fortalezas do Monte e da Guia, campeando sobre seus elevados outeiros; o grandioso edificio da alfandega, de que já fallámos, d'onde se continúa ainda com optimas habitações, em differentes planos, até á for-

taleza de S. Thiago da Barra, antes de chegar á qual está um dos mais venerados pagodes d'estas partes. Olhai que magestade apresenta o todo d'esse templo chinez, desfeiado apenas por algumas carantonhas, barbaramente pintadas nas suas portas; vêde como sobem essas ruas, costeando a montanha por entre uma vegetação prodigiosa, conduzindo o viajante a varias capellinhas na progressão da subida, um pouco no gosto do Senhor Jesus da Serra em Braga, e mesmo em Bellas; lá está sobranceira a tudo isto a ermida de Nossa Senhora da Penha de França, já meio derrocada, e sobre a fortaleza da barra, o seu, pessimamente collocado, paiol da polvora. É encantador este quadro, mas todos lhe preferem, n'este ponto, o painel que apresenta Macau, visto do oceano, quando demandamos o seu porto. Logo para fóra da barra se encontra outro forte que tem a invocação de Nossa Senhora do Bom Parto; fórma elle um angulo agudo, por um lado com a margem do rio, e por outro com a Praia Grande, que se encurva por uma grande extensão até aos escolhos, que servem de antemural á fortaleza de S. Francisco.

A Praia Grande, brilhante agglomerado de palacetes com columnas ao gosto asiatico-bretão, é defendida em parte contra o oceano por muralhas de pedra, tem soffriveis caes, e proximo á residencia dos governadores a caricatura de um fortim á beira-mar, que incommoda os passeantes e não tem utilidade alguma. Por traz d'esse enorme renque de co-

lumnas, sobre as quaes assentam arejadas varandas, encobertas por ciosas gelosias, vêem-se os quintaes do Bom Parto, a encosta da Penha, e outros risonhos jardins; lá muito longe as montanhas do celestial imperio. Seguindo para o oriente torna-se a vêr a Igreja das Missões, a Sé e o frontispicio magestoso do convento de S. Paulo, unica parte que resta da incendiada fabrica; para dentro d'esses cancellos está o campo da igualdade, o cemiterio christão. Depois lá seguem os fortes de D. Maria II, do Monte e da Guia (onde nunca estiveram os paços episcopaes, erro que já li em mais de um viajante), e descendo sobre o mar encontra-se a fortaleza de S. Francisco, fechando esta perspectiva, como dissemos, onde está aquartelada a força de linha. Seguindo então com a vista pela praia na direcção opposta, isto é, do oriente para o occidente, temos a notar as igrejas de S. Francisco e de Santa Clara (convento de freiras), e junto á casa da legação franceza a entrada da principal rua de Macau, que conduz á porta do campo, uma das que fecham a cidade; continuando porém a examinar a beira-mar, deixando os assentos de pedra, que hoje estão assombrados por novas arvores, começa a longa fileira de habitações elegantes, apenas cortada aqui e alli pela entrada de uma estreita deveza. Negociantes portuguezes e estrangeiros occupam quasi todas essas casas, com excepção das duas peores e mais abarracadas, que são as residencias do governador e do juiz de direito.

É tempo pois de conduzir o leitor a casa de Mr. James Murray, o commerciante escossez de que fallámos em outro capitulo; e para que não dêem por nós, aproveitaremos a entrada de Luiz Osorio e de outros officiaes da fragata e das corvetas, que não deixam de fazer um soffrivel motim, e sentar-nos-hemos a um canto da sala, como meros espectadores.

Proximo ao Chunambeiro (extremidade occidental da Praia Grande), seriam sete horas da tarde do mesmo dia em que se passaram os successos que ficam referidos nos dous precedentes capitulos, enxergavam-se através das gelosias as salas illuminadas de uma casa, que Murray alugára já mobilada para passar dous mezes n'aquella cidade. É aqui que nos dirigimos, amigo leitor; antes porém de transpôr o vestibulo, guardado por alguns criados chins, uniformemente vestidos de cabaia azul e meia branca, será certamente do vosso agrado ter algumas noções de quem sejam os habitantes da casa, a julgar-vos por mim, que não gosto de visitar quem não conheço.

James Murray tinha, como muitos dos seus compatriotas, a mania de viajar, mas de viajar sem descanço de uma á outra extremidade da terra. Teria quarenta annos, e já a cataracta do Niagara lhe era familiar como as montanhas dos Pampas; de volta de Moscow embarcára para Senegambia; e enfastiado de Ispahan corrêra para a encosta do Vesuvio; fôra sob o céo de Napoles que elle encontrára Euge-

nia, uma formosa veneziana, que, como elle, tinha um amor decidido pelas viagens; apaixonou-se instantaneamente pela italiana, casou com ella ao cabo de poucas semanas de conhecimento mutuo, e partiram em seguida para o Egypto; depois de visitarem Calcuttá, Bombaim e Ceylão, lembrou-se Murray de ir á China, e posto que sua mulher, já fatigada de tanto exercicio, e quasi curada da sua monomania, preferia voltar ao meio-dia da Europa, elle, que se enfastiára da companhia como se enfastiava depressa das terras que visitava, propôz-lhe o seguirem diversos rumos nas suas peregrinações, Eugenia porém não aceitou, receava expôr-se aos perigos de viajar sósinha, e acompanhou como uma irmã o homem por quem mezes antes tivera uma decidida paixão.

N'esta boa disposição vamos encontrar os conjuges sentados em macias ottomanas, e cercados de varios amigos, entre os quaes está o commandante da fragata *D. Maria II.*

Luiz Osorio apenas entrou na sala correu para Eugenia, e apertou-lhe cordialmente a mão; depois trocou com James identico signal de amizade, e passou a conversar com o commandante, provavelmente ácerca dos acontecimentos de bordo. Eugenia, que pareceu perturbar-se um pouco com a chegada do mancebo, readquiriu logo o seu natural sangue frio, e continuou placidamente o seu dialogo com um official do batalhão de artilheria de Macau.

Eugenia não era uma d'estas italianas de punhal, que apparecem em tantos romances; não tinha o sobr'olho negro e carregado como o d'esses eternos typos das filhas do Adriatico, mas antes uma physionomia melancolica, um ar de resignação nos seus olhos humidos e castanhos, que harmonisavam perfeitamente com cabellos quasi da mesma côr, e cujo unico enfeite era um laço de fita que se confundia com elles, formando cambiantes aos raios da luz vivissima, que espalhava na sala um rico candelabro. Pequena de corpo, airosa, de agradavel trato, a italiana era o enlevo de quantos a conheciam. O militar era elegante, sem ser adamado, e posto que tivesse um rosto severo, nem por isso era menos gentil. Fallavam da tragica scena de Albino e Bernardino.

— É muito cruel, querido capitão! — dizia Eugenia sorrindo — pois approva aquelle acto de ferocidade do marido?

— Certamente, senhora, e ainda mais — respondia o official com modo grave, mas decidido — em seu lugar eu teria matado tambem a mulher que me enganasse.

— Meu Deus!... parece que nunca leu aquelle episodio de Ignez no immortal poema de Camões! Pois eu, com ser estrangeira, lhe recordarei dous versos:

Contra uma dama, ó peitos carniceiros,
Feros vos amostraes e cavalleiros!

—Bravo! —exclamou Osorio, largando o commandante, e correndo para Eugenia — já troca os versos do seu Dante e do seu Ariosto pelos do nosso Camões!

—Quero fazer mais humano este nosso guerreiro. Diga-me, Osorio, em identico caso obraria como esse pobre Bernardino, ou iria mais longe, assassinando igualmente sua esposa?

—Eu respondo pelo nosso tenente — atalhou Murray, tomando parte na conversação — o melhor era dizer adeus á esposa, e embarcar para a outra extremidade do mundo.

Eugenia doeu-se mais d'esta indifferença, do que se sentira da crueldade do militar; Osorio não se achou com animo de emittir a sua opinião, e seguir-se-hia provavelmente um longo silencio se o commandante se não aproximasse tambem do grupo, e não tomasse a palavra.

—Feio objecto tomaram para thema da conversação! Já Osorio fallava commigo de um assumpto semelhante; denunciava-me duas conjurações contra a fragata, e uma d'ellas por minha causa; não acham, meus senhores, que um homem que tem a queixar-se de mim, deve antes fazer como Bernardino, dar-me um tiro e outro em si, do que pretender assassinar duzentos innocentes de envolta com o culpado?

—Que está ahi dizendo, commandante? não creia n'esses agouros—apressou-se a responder Eugenia.

—Não creio, não, e tanto que conservo a bordo o preconisado malfeitor.

Ainda se fallava n'estes objectos pouco divertidos, quando annunciaram o chá.

É vulgar por estas partes ir-se tomar o chá n'uma mesa commum, onde ha mais do que os simples bolos, que costumam acompanhar aquella infusão; gasta-se por isso mais tempo á mesa do que é usual na Europa; como porém o calor incommodaria os commensaes, ainda mesmo no mez de outubro, agita-se por cima da mesa uma ampla ventarola, a que alli chamam *pancá*, a qual refresca com doçura o ambiente. Osorio deu o braço a Eugenia para a conduzir á sala da refeição, e aproveitou os momentos que esse pequeno transito lhe proporcionava, para pedir, em voz muito baixa, uma resposta já promettida de certo.

—Ámanhã de tarde, na gruta de Camões—balbuciou a italiana com voz quasi inintelligivel; e depois, virando-se para as visitas com modo gracioso, convidou-as a tomarem lugar em roda da mesa.

A conversação tornou-se mais alegre d'esse ponto em diante, e a noite passou-se agradavelmente; alguns dos convivas jogavam voltarete, outros o whist; dous inglezes jogavam o xadrez em silencio; Eugenia cantou algumas arias, e Osorio acompanhava-a ao piano. Os mais jovens da companhia preferiam dançar, mas faltavam as damas, e resignaram-se a jogar o bilhar. Todavia o prazer brilhava em quasi todos os rostos... e muitos d'esses homens tinham a vida contada por horas.

Emfim, por volta da meia noite recolheram para ›rdo os officiaes da fragata, e disse o commandante ıra Osorio:

— Ámanhã pertence-lhe ir para a fortaleza da ıipa render o official alli destacado; é bom lugar ıra quem gosta de socego, para quem é poeta co-ıo o nosso Osorio; o peor é que por estes quinze ias não póde vir á Praia Grande.

— E se o camarada que lá está preferir contiuar no mesmo posto, v. s.ª consentirá n'este arıjo?

— Certamente, até muito estimarei a troca; bem ıbe que, de todos os officiaes, é o snr. Osorio quem ı mais aprecio, como merece.

— Obrigado, commandante; então creio que não ·ei para o degredo.

— Chama-lhe degredo?... o que é ser rapaz e ɜr amores!

— Não acredite... — começou a balbuciar Osoio, porém não continuou, temendo que apesar da scuridão da noite descobrissem a vermelhidão que ıe tingia o rosto.

— Não acredito nada que lhe esteja mal — proseuiu o commandante — mas alegro-me que esteja manhã a bordo para me ajudar na investigação 'aquelle negocio em que me fallou, e mesmo para ratarmos de preparar o navio com decencia que lepois d'ámanhã é o anniversario d'el-rei.

Seguiu-se um longo silencio, só interrompido pelo ·ompassado remar dos marinheiros do escaler, até

que atracaram á fragata; esse portaló que transpunham, era para quasi todos que ahi iam como a porta do tumulo que se fechava sobre os seus cadaveres!

V

A gruta de Camões

O LEITOR, que teve a bondade de acompanhar-nos na contemplação exterior de Macau, que penetrou mesmo comnosco até á Baixa do Monte, e não temeu perder-se na confusão do bazar, ha de certamente ter desejos de ser guiado para o mais poetico sitio da cidade, unico objecto que o estrangeiro é obrigado, por assim dizer, a visitar em Macau, lugar delicioso, não só na China, mas em qualquer parte do mundo onde estivesse collocado, a gruta de Camões.

Para chegar a este eden, que campêa junto a uma das portas da cidade, atravessam-se algumas das melhores ruas da povoação; vêem-se casas de bella apparencia, imitando as que já observámos na Praia Grande; igrejas aceadas, porém despidas de

ornatos architectonicos; e poucas lojas de insignificante valor. O que entretem mais o viajante n'este transito, é a diversidade de raças humanas que encontra, e o seu variadissimo trajo. O europeu, geralmente fallando, não se veste alli como em uma cidade de oeste; usa jaqueta branca ou *saut-au-barque* de phantasia, chapéo de cortiça forrado de sêda, uma fita por lenço do pescoço, sapatos em vez de botins; na extravagancia do trajo avantajam-se sempre os inglezes, como era de suppôr. Além d'estes encontra-se o malaio cobreado, o siamez pequeno e pardo, o japonez mais pequeno ainda, o chim de varias côres, mas d'aquelle eterno typo que nenhum leitor desconhece, os nativos de Macau, mescla de europeu, chim e malaio, que ou são padres ou calafates, poucos marinheiros, e o resto vadios; nhonhas de saráça, chinezas de pé quebrado, quasi pé de cabra, mal podendo suster-se sobre elles, e algumas senhoras européas, americanas ou nativas, que trajam pelo figurino de Paris do anno anterior.

Estamos chegados ao campo de Santo Antonio; além está a porta da cidade, o cemiterio inglez, o theatro em ruinas, e finalmente o portico de uma bella quinta; a entrada é livre, passemos; é aqui dentro que está a gruta, onde a tradição diz que o nosso immortal poeta compoz uma grande parte dos LUSIADAS.

O meu amigo Caldeira acha com razão muito semelhante esta quinta á da Penha Verde em Cintra. Lindas ruas de copado arvoredo, serpenteando em

volta de uma montanha, e ladeadas por enormes massas de granito, d'entre as fendas das quaes surgem bellas arvores, não só das especies chinezas, mas de Java, das Filippinas, da India e da peninsula malaia, tal é o caminho que conduz o viajante ao pincaro de um monte, sobranceiro á povoação chineza de Petane e ao rio, onde está a procurada gruta de Camões.

Eil-a, dous rochedos quasi perpendiculares e proximos um do outro, sustentam um terceiro, que serve de tecto á gruta. As entradas d'este recinto, que devêra ser sagrado, a acreditar-se que o grande cantor ahi pousou alguma vez (do que não ha memoria escripta) estão fechadas por gradarias de pau, e as suas paredes caiadas! Lá dentro vê-se o busto de Camões, de côr bronzeada, e tirado em greda por artistas chinezes: está assenté sobre um pedestal tosco, onde se lê o nome do poeta, e as datas provaveis do seu nascimento e morte, bem como seis oitavas dos LUSIADAS. Da parte do occidente, tem um portico coroado por varios emblemas, taes como a lyra, o escudo, o capacete, a nau antiga, a trombeta da fama, a avena, a corôa de poeta, etc., e em volta do arco caracteres chins que dizem: *O sabio por excellencia. As qualidades do espirito e do coração o elevaram acima da maior parte dos homens. Os litteratos sabios o honraram e veneraram, mas a inveja o reduziu á miseria. Seus sublimes versos estão espalhados por todo o mundo. Este monumento foi erigido para perpetuar a sua memoria.*

Não encontrámos pessoa alguma n'essas poeticas ruas que vimos de percorrer com o leitor; ao chegar porém á gruta divisámos um mancebo, vestido com o uniforme da marinha de guerra portugueza, que escreve na parede caiada estes versos do nosso Herculano:

É tão dôce esta vaga saudade
Na soidão das montanhas colhida,
Para quem entre mil tempestades
Transitou pelos campos da vida!

E logo uma mulher formosa e elegantemente trajada á européa, que pisando de leve sobre as folhas soltas da avenida, chega ao pé do mancebo, sem ser presentida, e o surprehende agradavelmente lendo em voz alta o primeiro verso.

— Eugenia! — exclamou o joven, voltando-se de repente; e segurando as mãos da encantadora mulher, beijou-as repetidas vezes.

— Continue, Osorio; são tão lindos esses versos, que já sinto havel-o interrompido.

— Oh! não, essa poesia não me pertence; é de um amigo e mestre de nós todos os que prezamos as letras em Portugal. Mas não se trata agora d'isso. Vejo-a, Eugenia, e a harmonia d'esse todo, que fizera esquecer-se da sua Natercia o homem que gemeu n'esta gruta, tem para mim mais poesia do que todos os cantos dos poetas, ou mesmo os canticos dos anjos.

— Nada de exaggerações! Sabe que o estimo ıuito... oh! muito! porém não desconhece que a ıinha posição na sociedade me impõe deveres.

— Tu és joven, bella, encantadora... e teu ma- ıdo não te ama!

— Olha, Luiz, conheço bem o teu amor, e sei ue és um moço honrado; confio-me de ti, e vou ızer-te uma confissão ingenua dos meus sentimen- ɔs; dizer-te o que tens a esperar de mim, desenga- ar-te.

— Oh! tu és uma santa!

— Mas tu queres fazer-me peccadora. Escuta. lurray é uma excellente pessoa, muito meu ami- o... e que o não fosse, é meu marido, e hei de uardar-lhe aquella fidelidade que a mulher póde uardar... Do coração só Deus dispõe.

— Então, o teu coração é meu?

— Sim; o meu coração, os meus pensamentos, ertencem-te; não sobrevivirei á tua perda... po- ém tenho um esposo...

— Embora; sou muito feliz!

— Ainda me resta que dizer. Todos desconfiam a nossa intimidade, e nos apontam ao dedo nos bai- ɔs, nos passeios, até na igreja; tu sabes que as mu- ıeres, principalmente as feias, são implacaveis, e ntão nas terras pequenas, onde tudo se sabe; é ıister pois afastarmo-nos.

— Afastarmo-nos? Pois não o estamos bastante! ıntão que me resta?

— O meu amor, o meu coração, os meus pensa-

mentos, já te disse; mas é necessario que um homem probo e leal como é James Murray, não soffra na sua reputação pela leviandade de uma mulher, que tem obrigação de honrar o nome, que é tambem o seu. E tu que me amas... muito, não o duvido; quererias vêr manchado o nome da tua amante?

— Mas que me resta... que me resta? A morte.

— Tanto como a mim; a resignação... mesmo a esperança.

— A esperança! oh! essa idéa seduz-me! E se eu me conservar por muito tempo na China?

— Estarei aqui...

— E se partir para Lisboa?

— Chegarei lá antes de ti.

— Terei resignação; soffrerei tudo o que quizeres; dize-me o que hei de fazer?

— É preciso frequentares menos a Praia Grande, não ires ao templo interromper as minhas orações, não me seguires quando vou passear a cavallo fóra da porta do Cerco, e visitar-me, o muito, uma vez por semana.

— Bem: não tornarei a desembarcar senão no caes da alfandega; só ouvirei a missa do capellão de bordo; poucas vezes voltarei a terra, porque Macau não tem outro passeio senão essa estrada do campo, que custou a vida a quem a mandou abrir; e sobretudo contarei bem os dias, para só de sete em sete te visitar. Sou obediente?

O mancebo fingia que estava risonho, mas viu

que Eugenia tinha os olhos humidos de lagrimas, e não pôde suster as suas; abraçaram-se, deram o primeiro e ultimo beijo... d'esses beijos que, após muitos annos de tormentos e decepções, parece que ainda escaldam os labios... e Eugenia, soluçando, correu pela avenida, e desappareceu á vista do mancebo por entre o copado arvoredo d'aquellas formosas ruas.

Osorio ficou um momento extatico, todo concentrado na felicidade do momento que passára, como que alheio ao presente; quando porém voltou a si e não encontrou Eugenia, só se lembrou de a procurar, de tornar a vêl-a immediatamente, esquecendo todas as promessas que pouco antes fizera.

Desceu apressado o caminho em espiral que conduz á porta, e quando transpunha os cancellos viu ainda a sumir-se por detraz da igreja de Santo Antonio a cadeirinha de Eugenia, conduzida por dous chins... Não tinham de se encontrar mais na terra.

VI

O pelourinho

Nem todo o dia 28 de outubro de 1850 passára tão poeticamente para Luiz Osorio, como aquellas horas de colloquio com Eugenia, na gruta de Camões; antes e depois d'esses dôces momentos, tivera muito que fazer a bordo com a denuncia dada pelo condestavel contra o patrão da lorcha; aquelle persistindo na accusação, este negando com o maior sangue frio, nada se podia concluir alli, e era preciso mandal-os ambos, bem escoltados, ao lugar de Matapau, para vêr se se descobria a casa, ou algum outro indicio da conjuração.

Eram oito horas da manhã. A fragata *D. Maria II* e a corveta americana *Marion,* fundeadas no porto da Taipa, estavam garbosamente embandeiradas em arco, da mesma fórma que as corvetas *Iris* e *D. João I,* que ancoravam no porto interior, nas

proximidades da alfandega; o dia nascera formoso, um brilhante sol fazia luzir a artilheria dos navios, e avivava as côres das bandeiras: era um dia de festa, o anniversario d'um principe sabio; parecia que tudo respirava alegria a bordo da nossa pequena esquadra.

Deixaremos por agora os navios, e seguindo a lorcha, que abica á Praia Grande, veremos desembarcar os presos entre duas fileiras de soldados, e atraz d'elles alguns chins da tripolação do barco, que vão ser perguntados pelo interprete da lingua synica ácerca do assumpto da denuncia; finalmente o guarda-marinha Innocencio, que vem conversando com o capellão e o escrivão da fragata, cuja boa estrella os guiou n'este dia para fóra do navio.

Encaminharam-se para o largo do Senado a buscar o procurador e o interprete, e logo que estes se encorporaram no prestito seguiram direitos a Matapau. Ahi repetiu João Antonio a sua deposição, e procurou debalde a casa em que estivera dous dias antes; entrou em muitos *chales,* penetrou em muitas barracas; todas se pareciam, mas nenhuma era a que elle buscava. Em vão carregava em quantas saliencias via pelas paredes, buscando a mola do alçapão; por fim já lhe parecia que fôra um sonho tudo que vira no conselho dos anciãos, e n'uma perplexidade estupida declarou que não atinava com a casa, que a haviam tirado d'alli, ou que nunca existira.

Innocencio ficou bastante penalisado com este

desfecho, porque antevia o que teria de soffrer o soldado, tomando-lhe por ventura como effeito d'embriaguez aquella denuncia, que se não provava; João Antonio emmudecera, e scismava n'aquelle mysterio por tal fórma, que teria endoudecido se homens d'aquella ordem pudessem enlouquecer; quanto a Ahuy, que havia mandado prevenir o chefe dos anciãos por um dos marujos da lorcha, estava certissimo que não se encontraria a casa, porque tudo estaria mudado áquella hora. Assim succedeu; João Antonio carregava com as culpas, e em outro paiz qualquer seria logo posto em liberdade o accusado; porém em Macau ha um processo especial para administrar justiça aos chins, e os meus leitores vão vêr por que fórma Ahuy foi convencido de crime, e como se descobriu quem era este personagem.

O guarda-marinha despachou dous soldados de escolta ao condestavel, e disse-lhes que embarcassem n'algum escaler que estivesse na alfandega; escreveu á pressa um officio de poucas linhas, narrando o resultado da investigação em Matapau, e entregou-o a um dos soldados; depois cortejou o procurador, e retirou-se, deixando-lhe Ahuy, os chins da lorcha, e o resto da tropa.

Acompanhe-nos o leitor á procuratura da cidade, e encontrará um tribunal como não podia suppôr que existisse ainda no seculo XIX, em um paiz que se diz portuguez e civilisado!

Em um dos lados de uma praça triangular está situado o palacio da municipalidade; esta corporação

ainda alli tem o pomposo titulo de Leal Senado de Macau, mas nenhuma das suas antigas attribuições governativas; é porém composta pela seguinte fórma: — um presidente, dous vereadores, dous juizes ordinarios e um procurador, todos de eleição popular; reunidos, não tem mais prerogativas do que qualquer camara do reino; funccionam porém, alternados, na junta de justiça, tribunal superior da provincia imaginaria de Macau, Timor e Solor; mas o procurador, por si só, exerce uma authoridade sem limites sobre a população chineza da cidade, isto é, sobre nove decimos dos seus habitantes. N'esse mesmo edificio do senado está o terrivel tribunal da procuratura; tem um interprete superior do idioma chinez, e outros subalternos a que chamam *linguas;* tem meirinhos e carrasco; e tem além, no meio da praça, essa columna de pedra que, em outra parte, só denotaria o fôro da povoação, mas que n'esta cidade é um lugar de supplicio e exposição de criminosos: o pelourinho.

Alli se amarra com a propria trança, e de barrete na cabeça designando as culpas, á guisa de carocha da inquisição, o miseravel ratoneiro que não teve com que amaciar a policia. Alli se prende o infeliz que roubou um pão ou algumas sapecas, para levar centenares, milhares de pancadas com um grosso bambú. Alli se arranca a pelle ao criminoso que não tem dinheiro para se remir... e tudo isto por sentença do procurador, que é graduado mandarim do imperio celestial, mas não graduado em leis, e

mediante um processo verbal e summario, em que intervem o interprete ou um dos linguas, porque o procurador vulgarmente não falla chinez, além de não saber mesmo ás vezes escrever o seu nome, nem ter as menores noções de direito.

Explicado pois o que é o procurador e a procuratura, vejamos entrar o esguio mandarim *in partibus,* seguido do interprete, dos linguas, dos meirinhos, da tripolação da lorcha, dos soldados, e do povo que acode sempre a estes espectaculos *gratis,* com a curiosidade de gente ociosa. Mesmo no vestibulo do palacio começa o interrogatorio do réo e das testemuuhas, e como nada se conclua de seus depoimentos, manda o procurador amarrar Ahuy ao pelourinho, e ordena que seja fustigado por outro alentado chim. O padecente não grita muito; como o geral dos seus compatriotas quando os flagellam, soffre calado aquelle inclassificavel arbitrio, e todavia já o sangue lhe escorre das feridas, e a pallidez lhe assoma ao rosto. Depois de receber uns duzentos açoutes, manda o procurador retiral-o do pelourinho, e ameaça o resto dos tripolantes da lorcha de soffrerem igual sorte se recusarem como Ahuy confessar onde se reune o conselho dos anciãos, e que genero de relações existe entre o proprio Ahuy e esse conselho.

Aterrado pelas ameaças, um dos mais jovens de entre os marinheiros chins depõe que era verdade existir a casa mysteriosa em Matapau, mas que desde a vespera os seus moradores haviam fugido para

Cantão; que Ahuy se fizera patrão da lorcha com a intenção de prejudicar os christãos, e que aquelle disfarce encobria o mandarim da cidade, que fugira por occasião do assassinato do *pintau* (palavra chineza que designa *um caudilho, chefe de soldados,* e que elles applicam ao governador de Macau).

N'esse calamitoso dia o procurador teria receio só de encarar o mandarim, seu collega, mas agora era differente; resolveu elle em sua alta sabedoria reenviar para bordo o pobre Ahuy, mas antes, pelas duvidas, mandou-lhe dar outros duzentos açoutes, que o misero soffreu com a maior resignação.

Era quasi uma hora da tarde quando se concluiu este auto de fé; já as fortalezas da cidade e os navios de guerra nacionaes e estrangeiros haviam salvado, e o conselho do governo recebia os comprimentos dos ministros estrangeiros e das corporações nacionaes pela festividade do dia, quando compareceu no palacio o nosso procurador, que tambem pertence ao conselho, e que vinha dar parte aos seus collegas do famoso achado que fizera; approvado o seu procedimento, resolveram entregar a causa ao juiz de direito, para desde o seguinte dia proceder ao competente processo.

Em quanto porém Ahuy e os outros chins embarcavam na lorcha sob a vista dos soldados, e se encaminhavam para a Taipa, outros successos tinham lugar a bordo da fragata *D. Maria II.*

VII

Fatalidade!

QUANDO João Antonio caminhava de Matapau para o caes da alfandega, ia calculando que o esperava a bordo um bem merecido castigo, como falso denunciante, e que parecia haver mofado dos seus superiores, ao passo que Ahuy estaria livre e a rir-se da sua imbecilidade; aquelle projecto infernal de incendiar a fragata tornava de novo a apparecer-lhe como um meio de salvação, e resolvido a executal-o tratou de buscar coragem na embriaguez; os soldados que o acompanhavam não eram dos mais cegos respeitadores da disciplina, e por isso entraram com o preso em uma loja chineza de vinhos e licôres, e a convite seu beberam largos tragos de aguardente. João Antonio preveniu-se ainda escondendo uma botija entre o capote e a fardeta, e já todos tres alegres, embarcaram n'um escaler, e atracaram á fragata depois da uma hora da tarde.

O commandante e Osorio passeavam na tolda, e

o guarda-marinha Pereira, que estava de quarto, veio entregar-lhe o officio de Innocencio, que relatava a historia de Matapau nos termos menos capazes de provocar a cólera do chefe contra o fiel de artilheria; entretanto o caso era grave, e o commandante volveu-se para João Antonio fallando-lhe irado, até ao ponto de lhe lançar a mão ás barbas e sacudir-lh'as com força:

— Hoje é um dia solemne — concluiu elle — não ha castigos a bordo d'este navio... mas ámanhã... oh! ámanhã conhecerás se pódes divertir-te impunemente commigo.

— Não ha polvora nos paioes volantes, a que havia gastou-se quasi toda na salva — disse o guarda-marinha para distrahir d'aquelle ponto a attenção ao commandante — se v. s.ª dá licença vai-se tirar do paiol.

— Pois sim, mas tomem conta com esse fiel de artilheria, que está talvez já embriagado, não faça alguma das suas.

— Como o guarda-marinha Innocencio, que é o encarregado do paiol, está em terra, e eu de serviço aqui, mando o cabo da guarda assistir a tirar a polvora.

— Pois sim — respondeu o commandante; e virando-se para a amurada encontrou Osorio de oculo em punho olhando attentamente para a Praia Grande.

— Que ha ahi, que tanto o attrahe?

— Oh! nada de valor, uma cavalgada, algumas senhoras...

— Vai Eugenia?

— Sim, parece-me que é aquella amazona de pluma branca no chapéo.

— Não ha em um dos seus dramas uma historia de uma dama de pluma branca no chapéo?

— Creio que sim; mas não vejo a que proposito...

— Foi uma lembrança como outra qualquer. E agora me recordo, a pobre dama morria ás mãos do marido por causa de um amante...

— Espero em Deus que não succeda o mesmo á pobre Eugenia.

Osorio vira desapparecer a galope o cavallo que conduzia a bella italiana, ficou perturbado, e as palavras do commandante augmentaram o seu enleio; tratou de mudar de assumpto, e continuou a passear pela tolda com o seu interlocutor.

Entretanto o guarda-marinha Pereira chamára o cabo da guarda, mandára apagar o fogão e qualquer luz que houvesse a bordo, e entregando-lhe as chaves do paiol da polvora que recebera das mãos do segundo commandante, recommendava-lhe a maior attenção para aquelle serviço. Já o cabo d'esquadra ia na prôa, e ainda o joven guarda-marinha bradava:

— Cuidado com o fiel, olhe que não desça ao paiol com sapatos de taxas; escusa de levar a lanterna propria do paiol; para tirar meia duzia de cartuxos vaes bem mesmo ás escuras.

João Antonio retirou para a prôa logo que o commandante lhe largou as barbas, e ouviu a ordem

para se ir mexer na polvora; disse comsigo que era o diabo que o encarregára de uma tal coincidencia, e dirigindo-se ás fornalhas pegou de um pedaço de murrão, desceu para a despensa d'artilheria e metteu-o cuidadosamente dentro de um porta-cartuxo; depois sentou-se, e com um olhar desvairado como que interrogou aquellas anteparas; soltou uma palavra «seja!» com accento infernal, e pondo á bocca a botija de aguardente, despejou-a até ao ultimo gole.

Mal tinha concluido, vieram dizer-lhe que trouxesse para a tolda alguns porta-cartuxos, o que elle logo executou, não se esquecendo de incluir o do murrão.

Fatalidade!... Se alguem se lembra de examinar os porta-cartuxos, salvava a fragata e duzentos homens!

Ao chegar á tolda, João Antonio viu cousa que lhe deu infernal prazer, e blasphemou:

— Deus ou o diabo está pela parte da minha vingança; alli está Ahuy para morrer tambem!

De feito, a lorcha havia chegado, e Ahuy, pallido, desfeito, ouvia as poucas, mas incisivas palavras que lhe dirigia o commandante, ao mesmo tempo que alguns soldados do batalhão naval desciam para a lorcha; era o destacamento que ia para a fortaleza da Taipa... estavam salvos!

O commandante depois de fallar com o chim voltou-se de novo para Osorio, e disse-lhe apontando para a lorcha que largava de bordo:

—Lá vai o destacamento, o senhor não o quiz companhar, não quiz ir governar por quinze dias aquelle presidio da Taipa...

—É verdade que troquei esse serviço, com authorisação do commandante, mas hoje estou arrependido.

—Rapazes! rapazes! Ora ande d'ahi, venha commigo para terra, vou mudar de roupa e não tardo aqui.

—Não, não, commandante; não posso, não devo ir... desculpe-me.

E o pobre tenente afastou-se arrebatadamente do seu chefe, e correu para a prôa muito suffocado. O commandante sorriu-se, lançou um derradeiro olhar por todo o navio, e desceu para a sua camara.

Ao mesmo tempo o cabo da guarda dizia para João Antonio: «Vamos». E o fiel de artilheria repetia com placidez: «Vamos». O malvado deu alguns passos, parou, e com um sorriso satanico, acrescentou mentalmente: «Innocencio está em terra, o commandante a bordo, Ahuy tambem... é pena que aquelle pobre Osorio não se lembrasse hoje de ir passear, terá sina de morrer queimado!... Já o 114 foi mais feliz, que lá vai chegando á Taipa!...»

—Então vens d'ahi?

—Ahi vou, cabo d'esquadra... Que pressa que elles tem!... Vamos.

E desappareceram ambos pela escotilha de prôa. O sino dava duas badaladas, depois outras duas, e ainda mais uma; eram duas horas e meia da tarde.